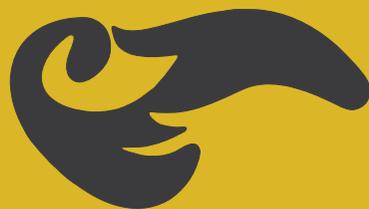




ENSINANDO E APRENDENDO HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRAS



APRESENTAÇÃO

Professor(a),

Em 9 de janeiro de 2003 a Lei 10.639 foi sancionada pelo presidente da República e tornou obrigatório o ensino de “história e cultura afro-brasileiras” nas escolas de todos o país. É importante lembrar que muita coisa aconteceu antes de 2003 para que essa lei fosse sancionada. Foram muitas as tentativas do movimento negro organizado politicamente ao longo de todo o século XX, de outros movimentos sociais, como os movimentos indígenas, de intelectuais, de professores e mesmo de movimentos de estudantes para que a luta contra o racismo e contra os preconceitos chegassem às escolas e pudessem assim contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática de fato para todos os seus cidadãos.

Este material que você tem em mãos é fruto de um projeto de pesquisa e extensão elaborado por professores e alunos da Faculdade de Educação da UFRJ em conjunto com professores e alunos do Colégio Estadual Souza Aguiar. Ao longo de um ano fizemos pesquisas na Biblioteca Nacional e em outras instituições, entrevistamos diversas pessoas e conseguimos reunir um conjunto bastante interessante de fontes históricas e sociológicas que nos permitem conhecer um pouco mais sobre história e cultura afro-brasileiras e sobre as relações etnicorraciais no Brasil. Ao folhear este material você encontrará uma seleção de dados estatísticos, jornais históricos, depoimentos e uma questão problematizadora elaborada para cada um dos seguintes temas: Educação, Trabalho, Ação Política e Preconceito. Além disso, elaboramos também sugestões de atividades que, através do estímulo à pesquisa e aos debates, podem contribuir para a construção de uma prática educacional que questione preconceitos e que seja pautada pelos princípios da pluralidade cultural e do respeito às diferenças.

Boa leitura e mãos à obra!

APRESENTAÇÃO

Como você pode explorar o CDROM História e Cultura Afro-Brasileiras?

Esse material didático foi concebido de modo a favorecer a autonomia de seu trabalho pedagógico. Sendo assim, você pode acessar o seu conteúdo de diversas maneiras e por diferentes caminhos, conforme o seu planejamento didático.

Um caminho de acesso aos conteúdos é pelos temas. Outro caminho é pelas fontes.

No *Menu Inicial* estão disponíveis quatro círculos que correspondem aos quatro eixos temáticos: *Educação, Trabalho, Ação Política e Preconceito*.

Se você optar por iniciar por esses links do grande círculo do Menu Inicial, você chegará à apresentação do tema através de um recurso motivador (estatística, trecho de entrevista ou jornal) e, em seguida, às Questões Problematizadoras.

A proposta desta *Questão Problematizadora* é incentivar e instigar alunos e professores a desenvolver uma tarefa, por meio do link *Atividade do Aluno*. Sugerimos que tais atividades sejam feitas através de pesquisa às fontes disponíveis: *Jornais Históricos, Estatísticas ou Entrevistas*. Você poderá acessar também o link *Atividade Coordenada pelo Professor*, que consiste em sugestões de atividades didáticas que podem ser desenvolvidas com seus alunos.

Se você optar por iniciar pelas fontes, no *Menu Inicial* o aluno poderá clicar em um dos seguintes links: *Jornais Históricos, Estatísticas ou Entrevistas* que estão disponíveis em todos os eixos temáticos, levando o aluno a trabalhar com cada um dos recursos nas diferentes temáticas: *Educação, Trabalho, Ação Política e Preconceito*.

Como se vê, você poderá adotar qualquer ordem de temas, assim como optar por trabalhar somente com uma ou mais temáticas. Da mesma forma, caso queira introduzir uma nova temática, você poderá fazer uso somente dos recursos didáticos. O importante é que você utilize este material didático de acordo com o seu planejamento.

Ao todo, estão disponíveis 13 jornais históricos, 22 estatísticas e 17 trechos de entrevistas. Todos os textos dos jornais históricos foram transcritos, para que possa facilitar a leitura, ao mesmo tempo em que permite o aluno ter acesso às fontes históricas.

Sempre que quiser, o aluno ou você poderão retornar ao *Menu Inicial*, basta clicar no link disponível em todas as páginas.

No link *Para Saber Mais*, no *Menu Inicial*, você terá acesso à sugestão de bibliografia, a um índice das fontes e a links para vídeos de músicas e websites de interesse para a temática sobre a história e a cultura afro-brasileiras.

EQUIPE



Alessandra Nicodemos	Professora da Faculdade de Educação (UFRJ)
Amanda de Souza Ferreira	Aluna do Colégio Estadual Souza Aguiar
Amilcar Pereira	Professor da Faculdade de Educação (UFRJ)
Anita Handfas	Professora da Faculdade de Educação (UFRJ)
Bruna Cássia N. Fonseca	Aluna da Faculdade de Educação (UFRJ)
Bruna Lucilla de Goes dos Anjos	Professora do Colégio Estadual Souza Aguiar
Caroline Rocha Pimenta	Aluna do Colégio Estadual Souza Aguiar
Claudio Monteiro	Professor do Colégio Estadual Souza Aguiar
Hellen Caroline Alves de Carvalho	Aluna da Faculdade de Educação (UFRJ)
Julia Polessa Maçaira	Professora da Faculdade de Educação (UFRJ)
Karen Eline Barbosa Ferreira	Aluna do Colégio Estadual Souza Aguiar
Stephanie Lourenço do Nascimento	Aluna do Colégio Estadual Souza Aguiar
Verena Alberti	Pesquisadora (CPDOC/FGV)

MENU INICIAL

[APRESENTAÇÃO](#)

[EQUIPE](#)

[ÍNDICE DAS FONTES](#)

[JORNAIS HISTÓRICOS](#)

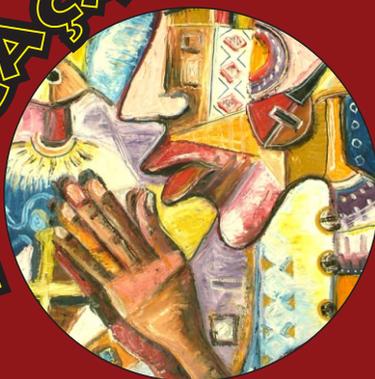
[ESTATÍSTICAS](#)

[ENTREVISTAS](#)

[PARA SABER MAIS](#)

[BIBLIOGRAFIA](#)

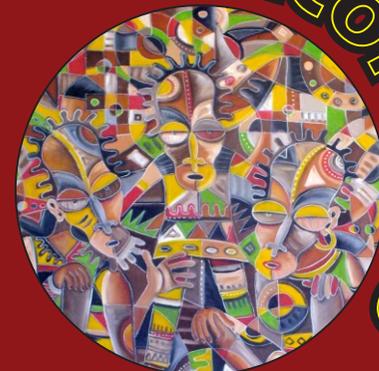
EDUCAÇÃO



TRABALHO



PRECONCEITO



AÇÃO POLÍTICA

EDUCAÇÃO

Leia com atenção o trecho da entrevista e depois clique no link *questão problematizadora* abaixo:

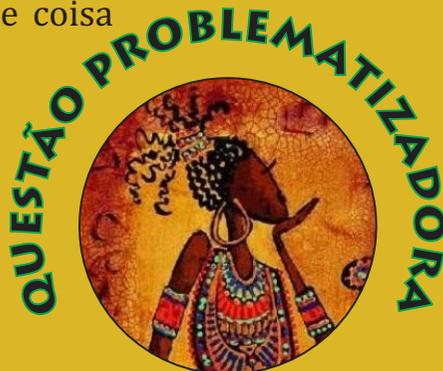
Você recorda ter encontrado alguma dificuldade durante a sua trajetória no colégio, relacionada ao preconceito?

G.C. – Não, quanto a isso nunca tive problemas. Sempre tem apelidinho, às vezes tem os comentários, mas isso eu nem lembro se teve no outro colégio. Eu acho que aconteceu mais no Souza Aguiar; comentários esperando que a pessoa que fosse branca tivesse uma nota maior do que a pessoa negra. Se você tira uma nota maior ficam: “caramba, tirei uma nota menor do que um cara que é negro”. Eu sempre convivi bem com isso, entre os meus amigos a maioria é branca e eu tenho amigos negros. Eu não tenho preconceito, mas acho que esse tipo de coisa está quase atrelado à cultura brasileira.

E quais eram esses apelidos que você disse que te davam?

G.C. – “Neguinho”, “blackout”, “escravo”; e esse é novo: “fim de slide”. Eles me relacionam com um monte de artistas negros famosos, tanto jogador quanto ator. Esse tipo de coisa...

(GUILHERME FARIA)



QUESTÃO PROBLEMATIZADORA

Tema: [Educação](#)

Observando o diálogo, percebemos que práticas discriminatórias estão presentes em nossas vidas e no cotidiano das escolas. Essa história é antiga – em nosso país o acesso à escola para a população mais pobre sempre foi limitado, especialmente para a população negra. Podemos considerar que o acesso desigual à educação reflete as desigualdades sociais, étnicas e raciais que vivemos no Brasil até os dias de hoje.

Apesar de que recentemente o acesso à educação fundamental tenha sido muito ampliado, cabe perguntar:

O acesso à escola garantiu igualdade racial para todos os indivíduos em nosso país?

Qual a relação entre escolaridade e cor da pele?

Pesquise nos materiais que selecionamos e reflita sobre estas questões.

ATIVIDADE DO ALUNO



ATIVIDADE DO PROFESSOR



ATIVIDADE DO ALUNO

Tema: Educação

No acervo de jornais você encontrará uma edição do jornal Getulino, datado de 2 de setembro de 1923. Leia com atenção a seção “Cartas fluminenses” e procure identificar as principais questões trazidas na matéria. Converse com seus colegas de grupo, faça uma pesquisa em outras fontes documentais e elabore um texto sobre o significado da “educação moral e intelectual” que aparece no jornal citado.

Siga os links abaixo e Bom trabalho!

JORNALS HISTÓRICOS



ESTATÍSTICAS



ENTREVISTAS



ATIVIDADE COORDENADA PELO PROFESSOR

Tema: Educação

Caro(a) professor(a), sugerimos que, para aprofundar a relação entre escolaridade e questões étnicas e raciais, você organize uma atividade de debate político sobre cotas raciais.

Ela poderá ser feita por meio das seguintes etapas:

★ Selecione textos de jornais com posicionamentos contrários e favoráveis às cotas raciais. Você poderá usar os jornais disponíveis neste material, mas também pode procurar opiniões mais atuais na imprensa.

★ Comece indagando a posição dos alunos a respeito do tema. Divida a turma em dois grandes grupos, um pró e outro contra as cotas raciais.

★ A turma terá entre 10 e 15 minutos para ler o material selecionado e elencar os principais argumentos de defesa ou crítica com relação às cotas.

★ Oriente os alunos a escolherem entre 3 e 5 argumentos, colocando-os por escrito. Cada grupo pode eleger um ou mais representantes para defenderem sua posição no debate.

★ No debate, cada grupo terá 5 minutos para apresentar os argumentos, e depois mais 2 minutos para a réplica. Se o debate esquentar, o professor pode dar mais 1 minuto para tréplica.

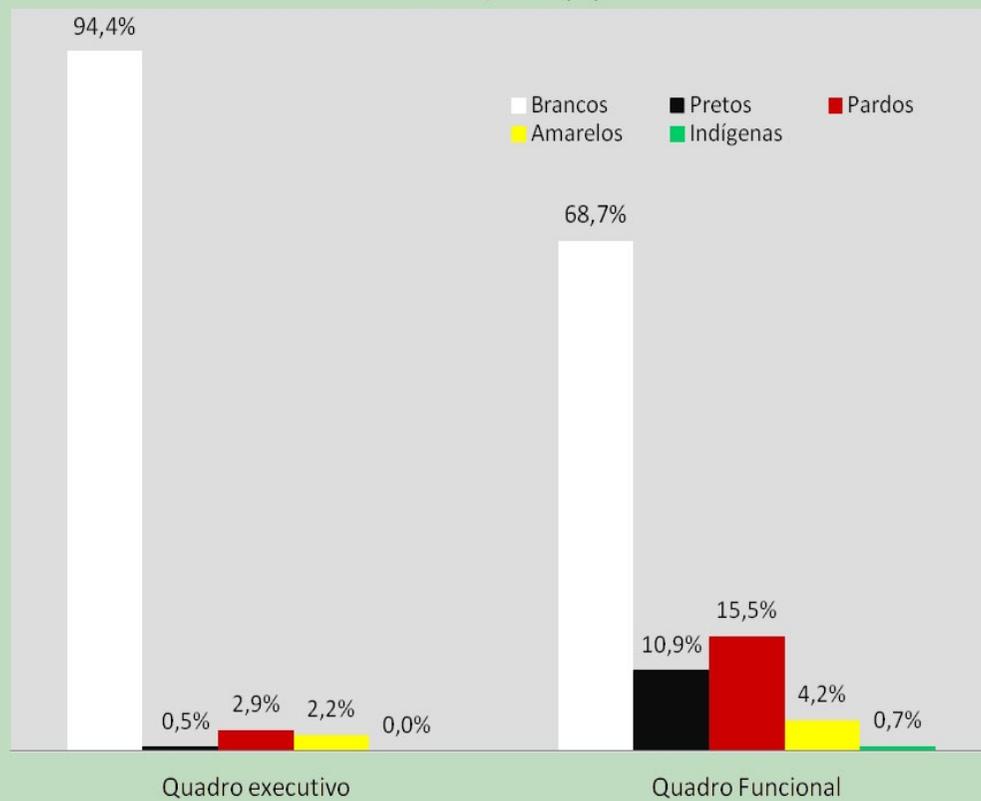
PRÓ
COTAS

CONTRA
COTAS

TRABALHO



COMPOSIÇÃO DE COR OU RAÇA NOS ESCALÕES HIERÁRQUICOS DE COMANDO, AMOSTRA DE 24% DAS 500 MAIORES EMPRESAS DO BRASIL, 2005 (%)



QUESTÃO PROBLEMATIZADORA

Tema: [Trabalho](#)

Observando atentamente o gráfico, podemos perceber que as pessoas que trabalham em algumas das maiores empresas do Brasil são, em sua maioria, brancas. Não importa se a posição ocupada é de chefia ou não; a participação de outras etnias não brancas no quadro de funcionários é muito pequena. Indivíduos identificados como pretos, pardos, indígenas ou amarelos têm participação inexpressiva, ainda mais no quadro de chefia dessas empresas. Se muitas vezes ouvimos dizer que o Brasil é o país da mistura democrática das raças, por que a mistura não aparece neste gráfico? Investigue nas fontes orais e documentais que disponibilizamos aqui para você e procure descobrir a história de tal desigualdade.

ATIVIDADE DO ALUNO



ATIVIDADE DO PROFESSOR



ATIVIDADE DO ALUNO

Tema: [Trabalho](#)

Ao conhecer as fontes aqui disponibilizadas sobre as relações de trabalho no Brasil, percebemos que a nossa realidade é ainda muito marcada por desigualdades entre os diferentes grupos étnicos e raciais que formam nossa população.

Agora, vamos conhecer um pouco como é a situação em sua realidade, em sua escola, bairro ou comunidade. Para isso propomos que você faça um questionário com perguntas sobre salário, desemprego, renda, cor/raça, cargos ou outros assuntos relacionados ao mundo do trabalho e aplique em seu local de moradia ou estudo.

Após a aplicação dos questionários, os dados deverão ser organizados em gráficos e, finalmente, poderão ser comparados com as estatísticas disponibilizadas no material.

A quais conclusões você chegou? Sua realidade local aproxima-se ou distancia-se da realidade brasileira? Em quais aspectos? Como podemos mudar essa realidade?

No final da tarefa, os gráficos poderão ser transformados em cartazes, a serem colocados na sua sala de aula ou mesmo na escola e, assim, mais pessoas conhecerão o assunto.

Boa tarefa!

JORNAL HISTÓRICOS



ESTATÍSTICAS



ENTREVISTAS



ATIVIDADE COORDENADA PELO PROFESSOR

Tema: Trabalho

Caro(a) professor(a), ao discutir as relações de trabalho em nosso país percebemos claramente os altos índices de desigualdades étnicas e raciais. Essa realidade apareceu nas diferentes fontes disponibilizadas neste material: nas estatísticas, nas entrevistas, nos jornais de época e na iconografia. E, como forma de atualizar e problematizar com seus alunos essa realidade, propomos uma atividade de dramatização de uma entrevista de emprego a ser feita pelos alunos.

Para a execução da atividade algumas etapas deverão ser cumpridas:

★ Em um primeiro momento solicite aos alunos que façam uma pesquisa no material sobre situações que marcam a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho pelo critério étnico e racial;

★ Depois, em grupo e a partir do material pesquisado, os alunos podem elaborar um roteiro da dramatização. No roteiro, serão identificados os personagens, a sua condição étnica e racial e as situações nas quais essa condição marca determinados critérios e posturas na seleção para o mercado de trabalho.

★ Após a elaboração do roteiro, os grupos farão uma encenação em sala de aula dessa entrevista de emprego, seguida de um debate entre os grupos e o(a) professor(a);

★ A apresentação dos grupos também poderá ser feita em espaços coletivos da escola, possibilitando, assim, a ampliação do debate sobre a importante temática.

AÇÃO POLÍTICA

O Clarim da Alvorada

LEGITIMO PROGRAMA DA MOÇÃO DE NEGRA

São Paulo - Orção Da Raca Negra - Brasil

Editorial da Frente Negra Brasileira

Os membros do conselho editorial, os srs. — Izidoro Vargas Santos, Dr. Milton Vargas Santos, Alfredo Luciano da Silva, Victor de Souza, Sebastião Costa, Justino Costa, Manoel D. Silva, Thaci Santos, João Francisco P. de Araujo, Horacio Arruda, Diniz de Castro, José Carlos Lins, Antonio Alves, Christovam Brasil, Alberto de Barros, José Roberto Franco, Hovair de Silva, Barnabé Alberto Urbano.

Anúncio a nossa vida editorial, não estava definitivamente instalada, quando surpreendim-nos, a notícia que nos chegou de Porto Alegre, Tupy e Hércules organizaram as primeiras divisões do interior do Estado.

Dessa vez, ao sr. Olympio Pereira da Silva que é um espírito-forte de organizador e perseverante, — si a espontaneidade desse nosso patriota, for imitada, não a dúvida que dentro da breve de tempo do interior de São Paulo, o quanto somos capazes e decididos quando queremos.

O sr. Olympio da Silva, prossegue na sua tarefa como delegado geral da zona norte-bahiana.

RIO DE JANEIRO — O Dia-Março da Nação, espelha-se no dia 15 de Maio, tem movimento acalorado, e cheio de ardor pela grande causa, espere dentro um breve traslado na capital do país, a sede da Frente Negra Brasileira.

REIO DE JANEIRO — Acusado de um modo surpreendente e avulgar, o bruto que surgiu de São Paulo, para a unificação das ideias ideológicas. E a terra da divisão de interesses, para dar lugar a uma forte agitação. Certo é a frente unificada, pouco partida, os srs. srs.

De negros de São Paulo, não podemos deixar de realçar, a fé de qualquer concepção política, os tradicionais feitos de raça que mantiveram nos alceus da invicta nacional, assim, como elemento preponderante o colosso, assumiu na grande hora histórica que a pátria brasileira atravessa, o fator na nossa fé, a segurança do trabalho — e, em a paz da acção, a planta dos seculos, enraizada nessa vitosa fé da humanidade, e nos frangos descendo a dia. E contemplamos já, nas contingências desses dias incertos e penosos, a sombra onde o nosso localismo desce, na consolidação de toda a nossa esperança em vermos contornado, dentro em pouco, o abismo de uma nova

era de realizações trunfadas. Assim pois, em franca actividade, a Frente Negra Brasileira, prossegue na senda do progresso. Cambiando em todos os pontos, o desenvolvimento na estrada da pátria brasileira, o sentimento que inspira esse movimento nacional, que a mentalidade moça da Frente Negra, projecta em nome de todas as conquistas políticas, relembrando no contexto das realidades modernas, os princípios primordiais que vêm reger os nossos destinos.

Mas grade, nos que procuram obter com barbaças inauditas, esse trajecto vestimentas, que provem dos hábitos anacronos de milhares de hominídeos avariados, injustificados e reaparecidos na sua própria pátria.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

Poifanto, a FRENTE NEGRA Brasileira, faz um ardoroso apelo, para que todos saibam superluminosamente, tomar as difíceis imprevidências e o momento imperioso pede a nossa acção conjunta pela causa da pátria e da raça.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

Por isso é de urgente interesse de todos as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

de todas as organizações, os descontentamentos e as divergências, sejam, o quanto possível, esgarças ao cumprimento da doutrina e aos deveres de cada um, dentro das fronteiras onde pudermos auditar o entrecruço das ideias e dos deuses, mas o espírito da causa, pela sua grandeza não se dá impedições, porque a negação neste tocante, é a falência da consciência e a destruição da individualidade.

JORNAL TRANSCRITO



QUESTÃO PROBLEMATIZADORA



O Clarim da Alvorada

LEGITIMO PROGRAMA DA MOÇÃO DE NEGRA

O seu legitimo jornal!...

Propriedade da Sociedade Cooperadora

O Clarim da Alvorada

In 1931 e 1932 a nossa publicação neste no endereço

AVISO Para todos os colonos de residência e da suberania da sua legitima propriedade, e nome o seu caso para que este seja a base da publicação negra no campo social nacional. Assim "O CLARIM DA ALVORADA", indique ao seu amigo, ao seu amigo, como um favor, para a publicação de todos os seus interesses.

Exibidos de varejados, não é consequência de não, deixemos pois, a serem corrigidos pressor

MENU INICIAL

QUESTÃO PROBLEMATIZADORA

Tema: [Ação Política](#)

A história do Brasil pode ser contada de várias maneiras: pelos grandes feitos, datas, fatos, por atos de alguns personagens, de modo centrado na visão europeia; ou pela ação política de movimentos sociais, por exemplo. Ao olharmos os fragmentos de jornais do início do século XX percebemos que muitos textos da época chamam a atenção para a necessidade dos negros se organizarem contra o preconceito e a favor do pleno uso de seus direitos. Havia a consciência de que os negros viviam de forma desigual em relação a outros grupos, encontrando limites no acesso ao trabalho e à educação. Naquela época, muitas organizações compostas por negros surgiram em nome dessas reivindicações.

Podemos mencionar a Frente Negra Brasileira, organização que ganhou grande destaque nesse cenário político, chegando a ter dezenas de milhares de filiados pelo Brasil na década de 1930.

Em sua opinião, movimentos sociais como a Frente Negra Brasileira ainda se justificariam como meio de reivindicação de direitos hoje? E o movimento negro atual, como você os avalia?

Você conhece ou já ouviu falar de alguma ação desses grupos de ativistas políticos?

Navegue nas fontes orais e documentais que nossa equipe selecionou para você para descobrir mais sobre essas organizações e movimentos.

ATIVIDADE DO ALUNO



ATIVIDADE DO PROFESSOR



ATIVIDADE DO ALUNO

Tema: Ação Política

Procurer no material disponibilizado e em outras fontes a história de organizações do movimento negro brasileiro, se possível, de seu bairro ou cidade. Na pesquisa você deverá buscar informações sobre tais organizações, como: seus objetivos, suas principais lideranças, suas ações, suas estratégias, suas vitórias e derrotas etc. Organize os achados da sua pesquisa em formato digital. Calma, vamos dar algumas sugestões. Você poderá criar um filme de celular, uma sequência de slides, uma exposição de fotos etc.

Bom trabalho!

JORNAIS HISTÓRICOS



ESTATÍSTICAS



ENTREVISTAS



ATIVIDADE COORDENADA PELO PROFESSOR

Tema: Ação Política

Caro(a) professor(a), para ajudar a problematizar a questão da ação política do movimento negro no passado e na atualidade, sugerimos a realização de uma atividade à qual chamamos “aluno-legislador”. Nessa tarefa, os alunos deverão criar políticas públicas que respondam às reivindicações dos movimentos negros. Para tanto, propomos as seguintes etapas:

★ Pesquisar, nas fontes orais e escritas disponibilizadas, reivindicações do movimento negro no passado;

★ Debater com os alunos a motivação de tais reivindicações, assim como sua pertinência nos dias atuais, a partir do estudo da realidade étnica e racial brasileira;

★ Em grupo, elaborar legislação que dê conta das reivindicações levantadas, justificando suas opções.

Você, professor(a), poderá aproveitar a dinâmica para discutir a organização da democracia brasileira e os papéis dos Três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário).

PRECONCEITO



PERGUNTAS	SIM	NÃO
Você é preconceituoso?	3%	97%
Você conhece alguém preconceituoso?	98%	2%

FONTE: Pesquisa Racismo no Brasil (Lilia Moritz Schwarcz). São Paulo, Publifolha, 2001.



QUESTÃO PROBLEMATIZADORA

Tema: [Preconceito](#)

No dia a dia, é muito comum ouvirmos frases como: “fulano é negro de alma branca”; “ele é negro, mas é tão inteligente!”; “é claro que eu não sou racista, eu tenho até amigo negro”. Nesses casos, estamos diante do que a sociologia chama de estereótipo, que muitas vezes reproduzimos sem o reconhecimento de que são práticas racistas. Você sabe dizer onde e como o racismo aparece na sua vida? De que maneira o preconceito se manifesta na sua escola, no seu bairro, entre seus amigos? Investigue nos materiais selecionados alguns exemplos e reflexos de preconceitos raciais existentes no Brasil.

ATIVIDADE DO ALUNO



ATIVIDADE DO PROFESSOR



ATIVIDADE DO ALUNO

Tema: Preconceito

Para ajudar a refletir sobre o tema do preconceito, queremos que você faça uma etnografia, que é um método da antropologia que serve para recolher e analisar dados/informações do campo a ser pesquisado, a partir de um período de observação nesse campo. Por exemplo, para que você faça uma etnografia sobre as práticas racistas e o preconceito, pedimos que você desenvolva as seguintes etapas:

★ Escolha o campo de pesquisa, que pode ser o seu bairro, a sua escola, o clube que frequenta, a igreja etc.

★ Prepare seu caderno de campo, onde você deve anotar todos os detalhes de sua observação, tais como: a descrição do campo; a data de sua observação etc.

★ Escolha 3 pessoas para serem entrevistadas por você.

★ Elabore um roteiro com 3 perguntas sobre o tema preconceito e entreviste as pessoas.

★ Para concluir, faça o relatório de campo, reunindo todos os dados coletados, assim como suas impressões sobre as entrevistas realizadas.

JORNAL HISTÓRICOS



ESTATÍSTICAS



ENTREVISTAS



ATIVIDADE COORDENADA PELO PROFESSOR

Tema: Preconceito

Caro(a) professor(a), sugerimos a realização de uma dinâmica que estamos chamando de roda de conversa, sobre as relações étnicas e raciais. O objetivo é motivar a discussão por meio de alguns dados que demonstram as desigualdades e o preconceito étnico e racial. Para que haja debate é fundamental a organização de cadeiras em círculo, que propicia interação maior entre os alunos.

Após organizar o círculo com as cadeiras, o professor deixará circular na roda um recipiente contendo questões estimuladoras, ao mesmo tempo em que coloca para tocar uma música: ao parar a música quem estiver com o recipiente nas mãos responde e abre o debate para outros membros do grupo também falarem sobre o assunto.

É interessante que muitos alunos falem sobre o assunto de maneira a esgotá-lo; o professor será o intermediador do debate, inserindo conceitos importantes sempre que necessário.

Seguem algumas questões e observações estimuladoras que podem ser utilizadas:

As cotas nas universidades ajudam a diminuir o racismo? Brancos ganham em média 40% a mais do que negros ou pardos com a mesma faixa de escolaridade, diz o IBGE. Por que você acha que isso acontece?

Embora as mulheres negras tenham mais estudo que os homens negros, elas são mais facilmente atingidas pelo desemprego, diz o Dieese.

Entre as pessoas jovens de 18 a 24 anos, 46,4% de brancos e brancas frequentam curso superior, enquanto somente 14,1% da juventude negra está na mesma situação.

Entre os 10% mais pobres da população, 65% das pessoas são negras (pretas e pardas).

16% dos negros maiores de 15 anos são analfabetos, já entre os brancos a taxa de analfabetismo nesta faixa etária é de 7%, diz o Ipea.

Quais são as conseqüências do preconceito racial em nossa sociedade?

O racismo no Brasil é algo sutil? Por quê?

Diante de um caso de preconceito contra um negro, eu preciso...

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Educação

Detalhe do jornal "O Getulino, de 2 de setembro de 1923 Artigo: "Cartas Fluminenses"

Cartas fluminenses

Rio 15 - VIII - 1923

Li o 1.º, 2.º e o 3.º números do «Getulino», órgão que tirou de Luiz Gama a grande parcela do quanto elle fez por nossa patria, redimindo a grande raça que foi durante annos vilipendeada e humilhada, como se não fora christã. Li, senti algo de alegria no meu intimo, como campineiro que sou, e por pertencer tambem á raça propulsora do Brasil, a raça lhe deu estabilidade.

A liberdade physica appareceu radiosa e fulgurante em 88, mas falta ainda a liberdade moral e intellectual, que não se obtém assim tão facilmente como a physica, porque ellas dependem não da vontade, mas sim do conjunto de vontades que se reúnem tão intimamente para chegar ao ponto final, como se fosse um rio a lançar no mar. Quem pôde precisar o momento deste phenomeno?

A liberdade moral e a liberdade intellectual advem de uma educação levada a esse ponto, caracterisando tudo com signaes frizantes que marquem no espirito uma etapa, para assim se poder conseguir alcançar a outra.

A grande escola que se inicia em Campinas com o apparecimento do «Getulino» encheu-me de contentamento por ver que se cuida da educação moral e intellectual, incentivando pelas columnas do jornal a organização da pleiada gloriosa que ha de entrar em combate para derrear por todos os modos as miserandas concessões da época que em nada condizem com o decreto de 13 de Maio e com o ideal republicano que nos governa.

"CARTAS FLUMINENSES

Li o 1.0, 2.0 e o 3.0 números do "Getulino", órgão que tirou de Luís Gama a grande parcela do quanto ele fez por nossa pátria, redimindo a grande raça que foi durante anos vilipendiada e humilhada, como se não fosse cristã. Li, senti algo no meu íntimo como campineiro que sou, e por pertencer também á raça propulsora do Brasil, a raça lhe deu estabilidade.

A liberdade física apareceu radiosa e fulgurante em 88, mas falta ainda a liberdade moral e intelectual, que não se obtém assim tão facilmente como a física, porque elas dependem não da vontade, mas sim do conjunto de vontades que se reúnem tão intimamente para chegar ao ponto final, como se fosse um rio a lançar no mar. Quem pode precisar o momento deste fenômeno?

A liberdade moral e a liberdade intelectual advém de uma educação levada a esse ponto, caracterizando tudo com sinais frisantes que marquem no espirito uma etapa, para assim se poder conseguir alcançar a outra.

A grande escola que se inicia em Campinas com o aparecimento do "Getulino" encheu-me de contentamento por ver que se cuida da educação moral e intelectual, incentivando pelas colunas do jornal a organização da pleiada gloriosa que ha de entrar em combate para derrear por todos os modos as miserandas concessões da época que em nada condizem com o decreto de 13 de Maio e com o ideal republicano que nos governa."

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Educação

Trecho de “O Progresso”, de 31 de julho, de 1930.

M A R C O G L O R I O S O

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, ou simplesmente Luiz Gama, como ficou conhecido, filho de uma escrava foi um padrão admirável do poder da vontade.

Escravo, arrastou uma infância trágica, e uma não menos trágica adolescência. Sofreu agruras sem conta, ora sob os apodos e impropérios de senhores perversos, ora caminhando faminto e farrapão de cidade em cidade.

Luiz Gama sintetiza bem a fé, a esperança e a caridade. Com os olhos erguidos para Deus, iluminado pelo facho inamovível da esperança, ansiava o famoso abolicionista pelo dia em que pudesse, feliz realizar a caridade de servir os desgraçados, de sua raça.

E venceu.

Perseverantemente cultivou o seu formoso talento, e de escravo que era, transformou-se no ilustrado e abalizado advogado. Sua palavra eloquente, e a sua acção vigorosa, a serviço constante dos captivos, conseguiram a centenas deles, quebrar-lhes os grilhões, restituindo-lhes a liberdade.

“MARCO GLORIOSO

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, ou simplesmente Luiz Gama, como ficou conhecido, filho de uma escrava foi um padrão admirável do poder da vontade

Escravo, arrastou uma infância trágica, e uma não menos trágica adolescência. Sofreu agruras sem conta, ora sob os apodos e impropérios de senhores perversos, ora caminhando faminto e farrapão de cidade em cidade.

Luiz Gama sintetiza bem a fé, a esperança e a caridade. Com os olhos erguidos para Deus, iluminado pelo facho inamovível da esperança, ansiava o famoso abolicionista pelo dia em que pudesse, feliz realizar a caridade de servir os desgraçados, de sua raça.

E venceu.

Perseverante cultivou o seu formoso talento, e de escravo que era, transformou-se no diastrado e abalizado advogado. Sua palavra eloquente, e sua acção vigorosa, a serviço constante dos captivos, conseguiram a centenas deles, quebrar-lhes os grilhões, restituindo-lhes a liberdade”

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Educação

Destaque da capa do jornal Clarim da Alvorada, de 12 de agosto, de 1928. Artigo: "Um gênio da Raça"

ANNO I SÃO PAULO 12 DE AGOSTO DE 1928 NUMERO 7

REDACÇÃO RESPONSÁVEL: OSÉ C. LEITE

DIRECTORES: URCINO DOS SANTOS e JOÃO SÓTER DA SILVA

FUNDADOR: JAYME D'AGUIAR

PELO INTERESSE DOS HOMENS PRETOS NOTICIOSO, LITERÁRIO E DE COMBATE

GERENTES: LUIZ DE SOUZA

PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE SEGUNDA PHASE

UM GENIO DA RAÇA

Negros de S. Paulo — Um momento de reflexão — Passará no dia 25 do corrente, o 46.º aniversário da morte do genial Luiz Gama.

Se não fosse a grande obrigação que temos de rigorosamente cumprir, ponto por ponto do nosso programma, não salíamos agora a campo para tribuarmos da grande personalidade que deixou na geração presente, o tão rasgo de audácia admirável; uma vida gloriosa e cheia de benfeitorias, apesar de contar entre as tantas angústias do seu passado: — A historia mais triste que se tem conhecimento, atavez as tantas vicissitudes que somos obrigados a encarar na vida. E assim, encontramos sempre entre as misérias humanas, factos verdadeiramente revoltantes como se deu com o extraordinário Luiz Gama, que fora vendido pelo proprio pai.

Faltava-nos o cabedal necessario, para tribuarmos nesta columna, da grandiosa mentalidade do formidável Gelinio, porém, si a nossa intelligencia não permitte este avanço, somos tolhidos, ainda mais, pela grande falta de recursos com que lutamos. Era nosso intento prestar uma homenagem verdadeiramente digna da memoria do abalizado apostolo da raça martyriada; mas, como o nosso jornal, não pôde ainda dispor dos requisitos necessarios, para tanto, prestamos hoje, com a maxima simplicidade e com toda a nossa pobreza, a restricta homenagem que aqui deixamos ao invadido mystico, que tanto batalhou para a libertação dos captivos. Resumidamente apresentamos nos nossos leitores, alguns dados sobre o que se tem escripto em torço do vibrante abolicionista.

«São do Dr. Evaristo de Moraes, as linhas que se seguem:

«Trez-negrosom — destaque — pela precião dos seus correitos, contrario, em absoluto, á existencia da condicão servil, negadores do direito de apropriação do homem pelo homem: — Dos trez, porém, quem intelligia — e, por vezes, conseguia — a realisacão das suas idéias levando a acceitação dos magistrados de varias instancias — foi Luiz Gama, o nobre mestiço.»

Mais detalhes encontramos:

Sylvio Romero, em poucas linhas diz tudo o que sente:

«O mais antigo, o mais apaixonado, o mais sincero abolicionista brasileiro.»

Em 1869, estava Luiz Gama, redigindo o «Radical Paulistano» ao lado de Ruy Barbosa (então 4.º annista de direito) e ali, começou a elevação social de Luiz Gama; ao lado do outro grande bahiano que fôra em vida, a maior mentalidade do continente Sul Americano.

Ruy Barbosa, não foi ingrato porque, deixou á memoria do angustiado filho de Luiz Mahem, a pagina mais alta, entre as tantas que se tem escripto sobre o autor das Trovas Barbaicas; e, desta-

Si eu houvesse de escrever-lhe o epitaphio, iria pedir este ao poeta da Legendra dos Seculos.

Um anno antes do fallecimento de Luiz Gama, quando palpava no coração de todos os carcereos libertarios, exercia o grande Lucio de Mendonça, sob o titulo — Uma historia triste; o pedaço mais anagurado da vida do formidável sylvico, e, como somos coagidos neste instante, pela grande falta de espaço, só podemos apresentar aos nossos prezados leitores, o trecho mais empolgado dessa historia, muito embora, sabemos que, este facto é demodadamente conhecido.

«Abençoado seja, o negro ventre africano, que deste ao mundo um filho predestinado em que transfundisse, com o seu sangue selvagem, a energia indomita que havia de libertar centenas de captivos.»

No dia 25 de agosto de 1882, parecia na maior pobreza o abogado Luiz Gama, que tinha sobrevivido, até meo-anho, o conforto da familia, em prol da libertação dos negros captivos. São Paulo de outrora, aquelle São Paulo, pouco na verdade, porém, grande e austero, dentro da sua grandiosa brasilidade; sentia a perda irreparavel do grande mestizo que era aquelle tempo; o idolo do velho povo paulista, sobre tudo, tóra o benefactor amadíssimo dos nossos avós.

São Paulo inteiro, chorou a morte de Luiz Gama, e acompanhou o seu corpo até a sua ultima morada e, por muitos annos a memoria de Luiz Gama, nunca foi esquecida: — depois com o decorrer dos annos, S. Paulo foi perdendo a sua velha tradicção, e, presentemente, essa data passa quasi que desapercucida. Ninguém mais do, que nós, os negros do Brasil moderno, deverá sentir e compreender e levar em consideração de uma forma geral, o valde da passagion desta data que tem passado assim, em branco na vida, O Clarim d'Alvorada, que tem procurado tribuarmos o interecor

“UM GÊNIO DA RAÇA

Negros de S. Paulo - Um momento de reflexão - passará no dia 25 do corrente, o 46o aniversario da morte do genial Luiz Gama.

'Se não fosse a grande obrigação que temos, de rigorosamente cumprir, ponto por ponto do nosso programa, não saíamos agora a campo, para tratarmos da grande personalidade que deixou na geração passada, n'um rasgo de audácia admirável; uma vida gloriosa e cheia de benfeitorias, apesar de contar entre as tantas angústias do seu passado; - a história mais triste de que se tem conhecimento, através as tantas vicissitudes que somos obrigados a encarar na vida. E assim, encontramos sempre entre as misérias humanas, factos verdadeiramente revoltantes como se deu com o extraordinário Luiz Gama, que fora vendido pelo próprio pai.

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Educação

Falta-nos o cabedal necessário, para tratarmos nesta coluna, da grandiosa mentalidade do formidável Getulino, porém, si a nossa inteligência não permite este avanço, somos tolhidos, ainda mais, pela grande falta de recursos com que lutamos. Era nosso intento prestar uma homenagem verdadeiramente digna da memoria do iluminado apostolo da raça martirizada, mas como o nosso jornal, não pode ainda dispor dos requisitos necessários para tanto, prestamos hoje, com a máxima simplicidade e com toda a nossa pobreza, a restrita homenagem que aqui deixamos ao inolvidado mestiço, que tanto batalhou para a libertação dos cativos. Resumidamente apresentamos aos nossos leitores, alguns dados sobre o que se tem escrito em torno do vibrante abolicionista.

«São do Dr. Evaristo de Moraes, as linhas que se seguem: "Três merecem destaque pela precisão dos seus conceitos, contrario, em absoluto, á existência da condição servil, negadores do direito de apropriação do homem - Dos três porém, quem intentou - e, por vezes, conseguiu - a realização das suas ideias levando a aceita-las magistrados de varias instancias foi Luiz Gama, o notável mestiço'

Mais adiante encontramos:

Quando em 1880, apenas desabrochava o abolicionismo no Rio de Janeiro, sob o impulso parlamentar de Jeronimo Simões e Joaquim Nabuco e a agitação popular de Vicente de Souza, José do Patrocínio, Ubaldino do Amaral e Lopes Trovão, já um dos primeiros ocupantes da tribuna das conferencias, João Brasil Silvado, falando de Luiz Gama, afirmava:

Devido á doutrina que sustenta, Luiz Gama tem obtido, nos tribunais de S. Paulo, e na própria relação, verdadeiros triunfos para a causa que defendemos. Aquela natureza indômita, que deixa sentir a cálida natureza da terra de sua mãe, aquele homem enérgico e excepcional, de uma só vez arrancou a um fazendeiro usurpador 300 escravos, de outra arrancou 1000, de outra arrancou 18 e assim muitas vezes'.

Sylvio Romero, em poucas linhas diz tudo o que sente:

"O mais antigo, o mais apaixonado, o mais sincero abolicionista brasileiro".

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Educação

Em 1869, estava Luiz Gama, redigindo 'Radical Paulistano' ao lado de Ruy Barbosa (então 4.º anista de direito) e ali começou a elevação sócia de Luiz Gama; ao lado do outro grande baiano que fora em vida, a maior mentalidade do continente Sul Americano. - Ruy Barbosa, não foi ingrato porque deixou á memoria do angustiado filho de Luiz Mahem, a pagina mais altiva, entre tantas que se tem escrito sobre o ator das Trovas Burlescas; e destacamos esse trecho que é a expressão viva dos respeito entre os pugnadores de outrora.

"Que tesouro de paciência, de esperança, de perdão se não escondem nesses abismos obscuros! Entre os resgatados, que cidadão benfazejos, influentes venerados, exemplares, chios de superioridade e rodeados de admiração" Para não nomear vivos, lembrarei apenas Luiz Gama... Uma das raras fortunas de minha vida é a de ter cultivado intimamente a sua amizade, em luta, que nunca mais esquecerei.

Um coração de anjo, uma alma que era a harpa eólia de todos os sofrimentos da opressão: Um espirito genial; uma torrente de eloquência de dialética e de graça: um caráter adamantino, cidadão para a Roma antiga inaclimável no baixo império: uma abnegação de apostado: personalidade de granito aureolada de luz e povoada pelas abelhas do Himeto.

Si eu houvesse de escrever-lhe o epitáfio, iria pedir este ao poeta da Legenda dos Séculos.

Um ano antes do falecimento de Luiz Gama, quando palpitava no coração de todos os anseios libertários, escrevia o grande Lucio de Mendonça, sob o titulo - Uma historia triste; o pedaço mais amargurado da vida do formidável salírico, como somos coagidos neste instante, pela grande falta de espaço, só podemos apresentar aos nossos prezados leitores, o trecho mais empolgado dessa história, muito embora saibamos que este facto é demasiadamente conhecido.

'Abençoado sejas nobre ventre africano, que deste ao mundo um filho predestinado em que transfundiste, com teu sangue selvagem, a energia indômita que havia de libertar centenas de cativos.

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Educação

No dia 25 de agosto de 1882, parecia na maior pobreza o abnegado Luiz Gama, que tinha sacrificado tudo, até mesmo, o conforto da família, em prol da libertação dos negros cativos. São Paulo de outrora, aquele São Paulo na verdade, porém, grande e austero, dentro da sua grandiosa brasilidade, sentiu a perda irreparável do grande mestiço que era naqueles tempos; ídolo do velho povo paulista, sobre tudo fora o benfeitor amadíssimo dos nossos avós.

São Paulo inteiro, chorou a morte de Luiz Gama, e acompanhou o seu corpo até a sua última morada, e por muitos anos a memória de Luiz Gama, nunca foi esquecida: - depois com o decorrer dos anos São Paulo foi perdendo a sua velha tradição, é, presentemente, essa data passam quais que despercebida.

Ninguém mais do que nós, os negros do Brasil moderno, deverá sentir e compreender e levar em consideração de uma forma cabal, o valor da passagem desta data que tem passado assim, em branca nuvem. O Clarim d'Alvorada, que tem procurado fielmente interpretar os altos sentimentos da raça, apesar de grande desapoio com que vem lutando no seio da mesma, pede hoje, aos negros de São Paulo, aos verdadeiros PALMARINOS DE PIRATININGA que; ao menos uma flor singela devemos colocar sobre a lapide do tumulo do grande Palmarino, que fez de sua vida uma verdadeira pagina de glorias repassadas de angustias, bondade e rebeldia.

E desta forma cumprimos com mais de um sagrado dever de civilidade e gratidão, são estes os proveitos que tiramos na trajetória ingrata desta luta que abraçamos, apesar de nossa folha estar hoje entregue á mercê de um pugilo de moços esforçados e não intelectuais competentes, porém, a nossa boa vontade é grande. - HAVEMOS DE VENCER.

“LEITE.”

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Trabalho

Destaque do artigo "Luz e Liberdade" do jornal "Getulino", de 23 de agosto de 1923

As conquista em prol da nossa raça, na consecução das iniciativas mais arrojadas dos projectos mais altos e nobres, não dependeram do esforço de um só, mais de muitos homens, que trabalharam com afinco, sahindo victoriosos a 13 de Maio de 1888. Por ahí podemos ver que a raça preta não foi creada somente para serviços rudes por inhateza de outros commettimentos, a ella devendo o Brasil « o pouco da civilisação que nelle existe».

No seio della encontramos homens com nomes firmados nas sciencias, nas letras e nas artes, reclamando João Ribeiro «o legar que lhes compete em tudo que tem sido praticado no Brasil».

A intelligencia, com a força podem elevar moral e materialmente uma nação.

O poder é nullo sem a intelligencia, ao passo que juntos fazem o progresso duma nacionalidade.

A unificação do esforço concorre para a grandeza e levantamento de uma raça, "a união faz a força".

Eia, avante redactores do "Getulino" novos luctadores pela emancipação completa da classe; unidos trabalhem sem esmorecimento para a felicidade de nossos irmãos, assim, por futuro não muito remoto veremos succumbir a nossos pés esse espan-talho que a tudo e a todos aniquilla, deturpa e amesquinha—o preconceito da cor—e, só então deixaremos de ser o eterno escravo das convenien-cias sociais.

"(...) As conquistas em prol da nossa raça, da consecução das iniciativas mais arrojadas dos projetos mais altos e nobres, só não dependeram do esforço de um só, mais de muitos homens, que trabalharam com afinco, saindo vitoriosos a 13 de maio de 1888. Por aí podemos ver que a raça preta não foi criada somente para serviços rudes por inhateza de outros cometimentos, a ela devendo o Brasil e o pouco de civilização que neles existe.

No seio dela encontramos homens com nomes firmados nas ciências, nas letras e nas artes, reclamando João Ribeiro "o legar que lhes compete em tudo que tem sido praticado no Brasil"

A inteligência, com a força podem elevar moral e materialmente uma nação. O poder é nulo sem a inteligência, ao passo que juntos fazem o progresso duma nacionalidade.

A unificação do esforço concorre para a grandeza e levantamento de uma raça, "a união faz a força".

Eis, avante redatores do "Getulino" novos lutadores pela emancipação completa de classe; unidos trabalhem sem esmorecimento para a felicidade de nossos irmãos, assim, por futuro não muito remoto veremos sucumbir a nossos pés esse capantalho que a tudo e a todos aniquila, deturpa e amesquinha - o preconceito da cor - e, só então deixaremos de ser o eterno escravo das conveniências sociais.(...)

Socorro, 1923".

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Ação Política

Fragmento do artigo "Os imortais(Os imortais)" Clarim da Alvorada 13 de maio de 1926.

Eis porque, não usamos e nem podemos usar os métodos com que outrora venceram nossos maiores, vamos por em caminho diferente e mais acidentado, mais longo, aonde nada vingará sem que unamos as nossas forças, sem que unifiquemos nossos ideais

E é pela glória desses mártires que viveram açoiados pela ira humana; e pela imortalização desses bravos, que deram aos seus irmãos, a satisfação embriagante da liberdade, que hoje a Pátria comemora respeitosamente, e, nos, homenageamos em espírito com a mais profunda admiração e respeito!

Seja, a nossa fraternidade um lábaro sagrado e bendito, com que haveremos de defender os horizontes de amanhã, fortes e unidos, em busca da tão aspirada conquista que nos resta: A liberdade moral do negro brasileiro.

Salve! Pelejadores de ontem! Glória! Conquistadores de amanhã!

São Paulo, Maio 1926.

GERVASIO DE MORAES.

"(...) Eis porque, não usamos e nem podemos usar os métodos com que outrora venceram nossos maiores, vamos por em caminho diferente e mais acidentado, mais longo, aonde nada vingará sem que unamos as nossas forças, sem que unifiquemos nossos ideais.

E é pela glória desses mártires que viveram açoiados pela ira humana; e pela imortalização desses bravos, que embriagam e da liberdade, que hoje a Pátria comemora respeitosamente, e, nos homenageamos em espírito com a mais profunda admiração e respeito!

Seja a nossa fraternidade um lábaro sagrado e bendito, com que haveremos de defender os horizontes de amanhã, fortes e unidos, em busca de tão aspirada conquista que nos resta: A liberdade moral do negro brasileiro.

Salve! Pelejadores de ontem! Glória Conquistadores de amanhã!

São Paulo, maio de 1926.

GERVASIO DE MORAES"

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Ação Política

Destaque da capa do jornal O Clarim da Alvorada, de 5 de junho de 1929 sobre o Congresso da Mocidade Negra Brasileira



“Mensagem aos negros brasileiros
(...)PATRICIOS,

Estas palavras dirigem-se aos Negros de São Paulo, e quiçá do Brasil, mas em particular aos negros humildes e sofrendores silenciosos. Repetiremos, assim, com patricio Farias Brito- "Não é aos sábios que dedico o meu trabalho, porém antes à multidão anônima e sobretudo aos que sofre. Por isto mesmo consiste o meu maior esforço, exatamente nisto; em escrever com clareza em linguagem simples, acessível a todos"

PATRICIOS

Em data ainda não estabelecida, reunir-se-á nesta capital um Congresso da Mocidade Negra Brasileira.

"Congresso" é, digamos, uma reunião de pessoas unidas por um laço qualquer, permanente ou transitório, de interesses materiais ou espirituosos, para tocar ideias, fazer estudos práticos ou especulativos, para aplicar ou espalhar.

Para que um Congresso Negro Brasileiro?

Temos interesses intelectuais para cuidar?

Já vou lhe respondeste afirmativamente.

Vedes te os ha que nem sabem ver [letra ilegível], vedes a imensa miséria da Gente Negra do Brasil "considerável" parte integrante da Raça Brasileira. É intelectual, é moral e econômica e até física essa miséria.

Vivemos somente das baldas glórias do nosso passado homérico, as [letra ilegível]aes não bastam para desfazer a nossa desgraça e impor-nos integral e absolutamente no conceito nacional, contra o preconceito omnimodo e contra a situação vil de simples instrumentos de dissolução degradação e humilhação nacional e de trastes esmoídos sob o peso da cegueira politica e sob o alude dissolvente, das ondas oridas estrangeiras e estrangeirantes.

(...) Gosamos teoricamente, de todos os direitos que, juridicamente, nos garante a própria constituição fundamental. Mas, como o direito, para o ser, implica uma expressão de vida real e não abstração, nas forças da sociedade que estão, inapelavelmente, acima da lei ou contra ela, evitam-nos e até nos-expulsam das suas instituições burocráticas, de utilidades ou "polícia" social do ensino, e de formação intelectual, moral e religiosa também; abominam-nos nos orfanatos, hospitais e mais casas de assistência social, e até nas casas de expressão econômica em que, em sufficienela de espacidade e competência, poderíamos ganhar o pão de brasileiros e humanos.

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Ação Política

Não há para nós, o mais das vezes, justiça social. Em situação de direito, quando apelamos para quem nos dá a garantia, já estamos antecipadamente "derrotados" na demanda.

Relegam-nos, pois a nós Brasileiros, a uma posição horrível de inferioridade e desprestígio perante o nacional branco, e o que mais revolta, perante o estrangeiro. Nada tem valido os protestos insulados. E eles não são muitos, chegando às vezes tragicamente à reação violenta que é paga pelo castigo de crimes comuns articulados no Código Penal, sem atenuação...

Somos a caricatura ambulante do grande Brasil da epopeia de 300 anos, para a gargalhada [palavra ilegível] dos que não reconhecem a história e as tradições nacionais que somos nós, que são os nossos antepassados.

Esbulhados de posses pessoais e coletivas, não há quem eficientemente advogue a nossa causa,

(...) Vamos pois, cogitar da "efetivação dos nossos incontestáveis direitos."

Consegui-lo-emos "Deus o que", pela educação e levantamento moral, intelectual e econômico, bem como pela organização das nossas famílias e especialmente da nossa mocidade, esperança, de melhor futuro - dentro do espírito tradicional da Nacionalidade, único que pode conservar é preservar o Brasil Brasileiro.

(...)

Auscultando a nossa realidade, tiraremos da consideração dela o remédio para os nossos males, negando atenção aqueles que querem "salvar-nos" contra nossas tradições e contra o Brasil.

Tenhamos fé, e esta fé nos indicara o caminho a seguir.

Seja cada um de nós em obreiro desta reação contra o sonogamento dos direitos sagrados da Gente Brasileira de cor e, mais, para efetivação gerais, seja cada qual um soldado contra a decadência dos nossos costumes, contra o derrotismo dos perversos e traidores, contra a [palavra ilegível] e [palavra ilegível] dos preconceitos existentes embora muitos os queiram negar. contra o imperialismo dos ádvenas, contra a ideia e a política estrangeira aryamzante e, sobretudo, mais que tudo, contra a negação do que ha feito, pode fazer e que ainda quer fazer o nosso Sangue, cuja nobreza foi conquistada nas artes, e na guerra pela identidade, unidade e independência nacionais(...)

JORNAL HISTÓRICOS

Tema: Ação Política

Detalhe da primeira capa do jornal Clarim da Alvorada, de 13 de maio de 1929. No centro o artigo: "O dia de Patrocínio"



"O DIA DE PATROCÍNIO"

De plena justiça o dia de hoje assim deveria ser assinalado. Não que se pretendesse conferir, por tal forma, a Patrocínio a gloria exclusiva de haver sido o promotor do grande movimento abolicionista que se estendeu de 1879 a 1888, sacudindo epileticamente todo o Brasil, negando o direito dominical do homem sobre o homem (nunca formalmente contente), dissolvendo os partidos políticos, abalando o trono, aliado até então, do cativo.

Nem há, em verdade, figura histórica que juducosamente, se possa dar por criadora absoluta, por fatora única de uma reforma, de uma revolução, de uma mudança complete na vida de um povo, ou na orientação de uma época.

Mas, no caso da campanha para extinção definitiva da escravidão no Brasil, impõem-se a figura de Patrocínio, por ser a mais representativa da revolta de toda uma raça contra a iniquidade que a esmagara, sem protesto, durante 300 anos. O espetáculo é, talvez, singular no cenário histórico de liberdade: o principal instrumento d'esta que hoje comemoramos, foi na sua triste origem familiar, o descendente de um "padre senhor de escravos" e de uma pobre preta mal saída da escravidão; na sua origem social, um mísero proletário.

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: [Ação Política](#)

Dali a se pode afirmar que os argumentos formidáveis por ele empregados contra os escravizadores dos seus irmãos eram produto do seu sangue revoltado, dos seus nervos superexcitados pela visão da miséria; eram vibrações de uma alma que recebia impressão de outras igualmente sofredoras. (...)

Encarado sobre outro aspecto, Patrocínio se nos revela também, com substanciador do movimento abolicionista, no qual foram primeiros, tal como no Cristianismo, os pequenos, os pobres, os humildes, os sofredores e os sonhadores.

Quando, depois vieram para o lado dos agitadores da primeira hora os grandes da terra, o Abolicionismo tornou-se mais poderoso, mas não foi mais vibrante, nem mais arrebatador.

Entretanto, na alma do libertador fanático por excelência, do mestiço genial, ardeu, até o momento da Victória, a mesma pira do entusiasmo.

Festejamos, pois em José do Patrocínio, no dia de hoje, que é essencialmente dele, um caso raríssimo, entre nós, de um cavaleiro do Ideal que não cedeu na sua fé e assistiu á coroação da sua obra.

Evaristo de Moraes.”

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Ação Política

Primeira página do jornal Gazeta de Notícias, referente noticiando a Abolição dos Escravos - 14 de maio de 1888.



À JOSÉ DO PATROCÍNIO

Tem-se dito e escrito, que na questão do elemento servil não há vencedores nem vencidos. Isto não é rigorosamente exato.

Pede não haver vencidos, porque ha convencidos; mas incontestavelmente ha vencedores e entre esses destacam-se no primeiro plano aqueles que ofereceram francamente, destemida e ousadamente, o seu peito á luta pela ideia de que se achavam possuídos, e que por ela pelejaram valentemente, batendo-se dia e noite, a cada momento, com palavra e com pena, com sua coragem e com a sua convicção, não só contra os adversários naturais, mas contra a conspiração dos interesses feridos, e contra aa avalanche das conveniências oportunistas.

José do Patrocínio combateu e venceu. O que está feito não é exclusivamente obra de seu trabalho, da sua dedicação e das suas convicções. Não é tudo dele; mas é o principal. A alma, o espírito popular e desinteressado, foi ele que os introduziu na campanha cujo resultado ali está festejado entusiasticamente por um povo inteiro.

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: [Ação Política](#)

A Gazeta de Notícias onde esse moço glorioso, cujo nome ha de figurar na historia pátria como o de um dos seus maiores beneméritos, desfechou os primeiros tiros contra o então vasto campo inimigo - orgulha-se torna publico o seu orgulho por esse facto, a prestar-lhe no dia da vitória o mais entusiástico e o mais sincero testemunho do seu respeito e da sua admiração. Na luta triunfante do abolicionismo, José do Patrocínio foi à concretização do espirito nacional. Mais de uma vez foi buscar os argumentos a favor da grande causa, não é logiva dos compêndios, mas ao seu grande coração.

Para ele, o abolicionismo não foi unicamente uma questão social, mas um dever de solidariedade humana. No ardor da peleja, confiava mais no quadro descritivo dos horrores da Escravidão, do que nas vantagens econômicas da abolição de tão nefanda instituição. E com essas armas venceu, e, com essa vitória não ha ninguém que se julgue mais bem recompensado de tantos sacrifícios e de tantas injustiças - seu nome está hoje inscrito para sempre no vasto coração de uma nação. A esse herói do abolicionismo, no qual vê a consubstanciação da grande alma nacional, faz a gazeta de Notícias a mais fraternal demonstração do seu respeito e de seu entusiasmo (...)"

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Ação Política

Destaque do jornal O Getulino - 26 de agosto de 1923. Artigo: "Luz e liberdade"

A intelligencia, com a força podem elevar moral e materialmente uma nação.

O poder é nullo sem a intelligencia, ao passo que juntos fazem o progresso duma nacionalidade.

A unificação do esforço concorre para a grandeza e levantamento de uma raça, "a união faz a força".

Eia, avante redactores do "Getulino" novos luctadores pela emancipação completa da classe; unidos trabalhem sem esmorecimento para a felicidade de nossos irmãos, assim, por futuro não muito remoto veremos succumbir a nossos pés esse espantelho que a tudo e a todos aniquilla, deturpa e amesquinha—o preconceito da cor—e, só então deixaremos de ser o eterno escravo das conveniências sociais.

"(...)A intelligência, com a força podem elevar moral e materialmente uma nação.

O poder é nulo sem a intelligência, ao passo que juntos fazem o progresso duma nacionalidade.

A unificação do esforço concorre para a grandeza e levantamento de uma raça, "a união faz a força".

Eis, avante redatores do "Getulino" novos lutadores pela emancipação completa de classe; unidos trabalhem sem esmorecimento para a felicidade de nossos irmãos , assim, por futuro não muito remoto veremos succumbir a nossos pés esse espantelho que a tudo e a todos aniquila, deturpa e amesquinha - o preconceito da cor - e, só então deixaremos de ser o eterno escravo das conveniências sociais.(...)

Socorro, 1923".

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: [Ação Política](#)

Clarim da Alvorada, de 5 de abril de 1924. Artigo: "Valor da Raça":

VALOR DA RAÇA

Se analisarmos o valor dos nossos antepassados, veremos, através da história, a sublime coragem de uma raça que, embora escravizada, não se deixou dominar na luta, em conquista de seus direitos. Resignados passavam por todos a série de amarguras, esperando sempre succumbir sob o ferro do feitor austero.

Quantas gotas de lágrimas, custou a liberdade àquelles pobres martyres, que foram um dos primeiros obreiros do progresso e da ordem de nossa patria.

O bom nome da nossa classe, depende do nosso procedimento. É o nosso dever o de introduzir na evolução social o valor de nossa raça.

Devemos trabalhar muito, numa concordia infundavel, para que possamos ver o fructo de nossos esforços, refulgir no progresso da nossa terra.

Para isso seria preciso uma convocação geral dos homens pretos, e tratar da fundação de uma caixa beneficente, eleger a directoria, enviar manifestos a todos os estados do Brasil; e, enfim, fundar a sociedade "Confederação dos homens pretos" segundo as ideias de varios patricios.

Caros leitores, isto parece difficil, mas não é. Existe em São Paulo um elevado numero de sociedades dançantes. Se reunirem todos os presidentes destas teremos já o suficiente para a primeira reunião, e, se cada presidente propagar em suas sociedades os principios nobres do centro, também teremos um bom numero de socios.

Assim sendo, se lançarmos o quanto antes a semente dessa boa iniciativa, poderemos demonstrar quanto vale uma organização bem norteada. Ponhamos em pratica essa nobre e alavancada idéa, e contemos com a cooperação das novas gerações, para que sempre defendam o valor da raça!

LEITE

Valor da Raça

Se analisarmos o valor dos nossos antepassados veremos, através da história, a sublime coragem de uma raça que, embora escravizada, não se deixou dominar na luta, em conquista de seus direitos. Resignados passavam por todos a série de amarguras, esperando sempre succumbir sob o ferro do feitor austero.

Quantas gotas de lágrimas, custou a liberdade àquelles pobres mártires, que foram um dos primeiros obreiros do progresso e da ordem de nossa pátria.

O bom nome da nossa classe, depende do nosso procedimento. É o nosso dever o de introduzir na evolução social o valor de nossa raça.

Devemos trabalhar muito numa concordia infundável, para que possamos ver o fruto de nossos esforços, refulgir no progresso da nossa terra.

Para isso seria preciso uma convocação geral dos homens pretos, e tratar da fundação de uma caixa beneficente, eleger a diretoria, enviar manifestos a todos os estados do Brasil; e, enfim, fundar a sociedade "Confederação dos homens Pretos" segundo as ideias de vários patricios.

(...)

Assim sendo, se lançarmos o quanto antes a semente dessa boa iniciativa poderemos demonstrar quanto vale uma organização bem norteada. Ponhamos em prática essa nobre e alavancada idéia, e contemos com a cooperação das novas gerações, para que sempre defendam o valor da raça!

LEITE.

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Preconceito

"Os pretos em São Paulo" - 19 de outubro de 1924

OS PRETOS EM SÃO PAULO

Com a epigrapha acima externamos já nestas columnas ligeiras considerações, commentando uma noticia estampada pelos nossos distinctos collegas do brilhante vespertino paulistano, "A Gazeta".

E de tal monta se nos afigura o assumpto que não temos a menor duvida em abordal-o, novamente completando assim as explanações aqui iniciadas em o numero p. pasado.

Pelo que expoz a missiva do snr. Bernardo Vianna, pelo que diariamente a critica observa em S. Paulo, e nós a todo momento verificamos nas grandes e pequenas cidades do Interior paulista, os descendentes de Cham estão aqui sendo estúpida e geitosamente alijados da convivencia social.

Essa perversidade criminosa não é feita abertamente em nome de uma determinação legal mas, se a leva a effeto disfarçadamente, em nome de um principio miseravel, que começa na mais crassa ignorancia e termina na mais nefanda vingança de raça.

Isso é uma selvageria social, criada no bojo dessa serpente da nossa historia contemporanea e que na linguagem dos dicionarios se denomina — **preconceito**.

Com a epígrafe acima externa-los já nestas colunas ligeiras considerações. comentando uma noticia estampada pelos nossos distintos colegas do brilhante vespertino paulistano "A Gazeta".

E de tal monta se nos afigura o assumpto que não temos a menor duvida em aborda-lo novamente completando assim as explanações aqui iniciadas em o numero p. passado.

Pelo que expus a massiva do s.r. Bernardo Vianna, pelo que diariamente a critica observa em S. Paulo e nós a todo o momento verificamos nas grandes e pequenas cidades do Interior paulista, os descendentes de Cham estão aqui sendo estúpida e geitosamente alijados da convivência social.

Essa perversidade criminosa não é feita abertamente em nome de uma determinação legal mas, se a leva a efeito disfarçadamente, em nome de um principio miserável, que começa na mais crassa ignorância e termina na mais [palavra ilegível] vingança da raça.

Isso é uma selvageria social, criada no bojo dessa serpente da nossa história contemporânea e que na linguagem dos dicionários se denomina - preconceito.

JORNAIS HISTÓRICOS

Tema: Preconceito

Getulino, 5 de outubro de 1924. Artigo: “A teoria do preconceito”

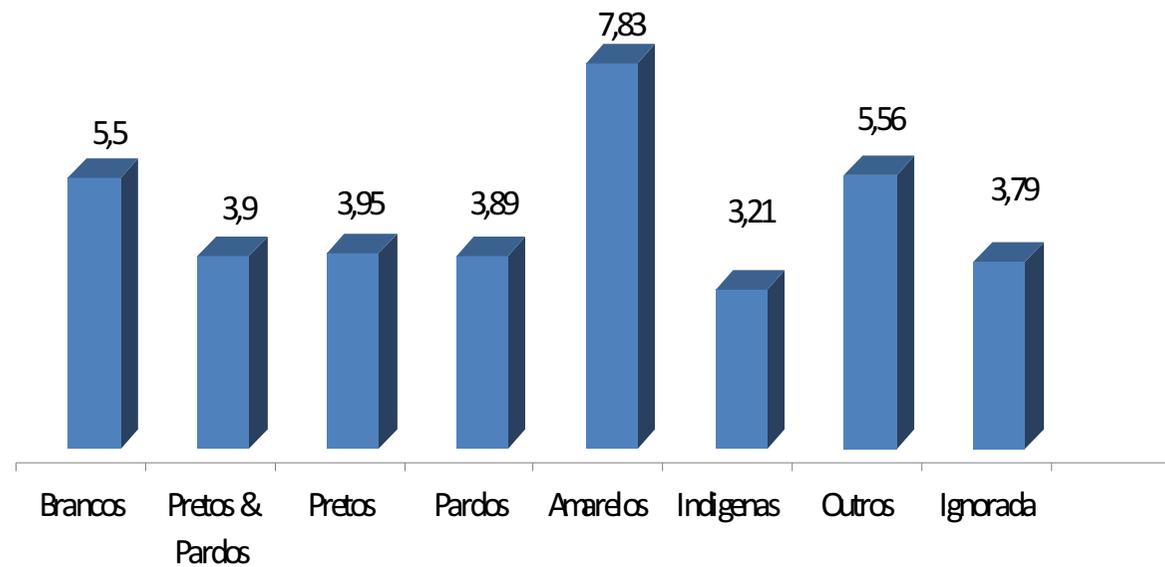
Hoje outro homem de cor nos procura pelo mesmo motivo. Chama-se Joaquim Brandão Costa, escreve e lê correntemente, tem habilitação para muitos afazeres mas tão somente por ser preto não obtém ocupação, por mais que a busque.

Má sina a desses nossos patriotas, que se vão tornando estrangeiros dentro da própria terra onde nasceram!

“(…)Hoje outro homem de cor procura pelo mesmo motivo. Chama-se Joaquim Brandão Costa, escreve e lê corretamente, tem habilitação para muitos afazeres mas tão somente por ser preto não obtém ocupação, por mais que a busque.

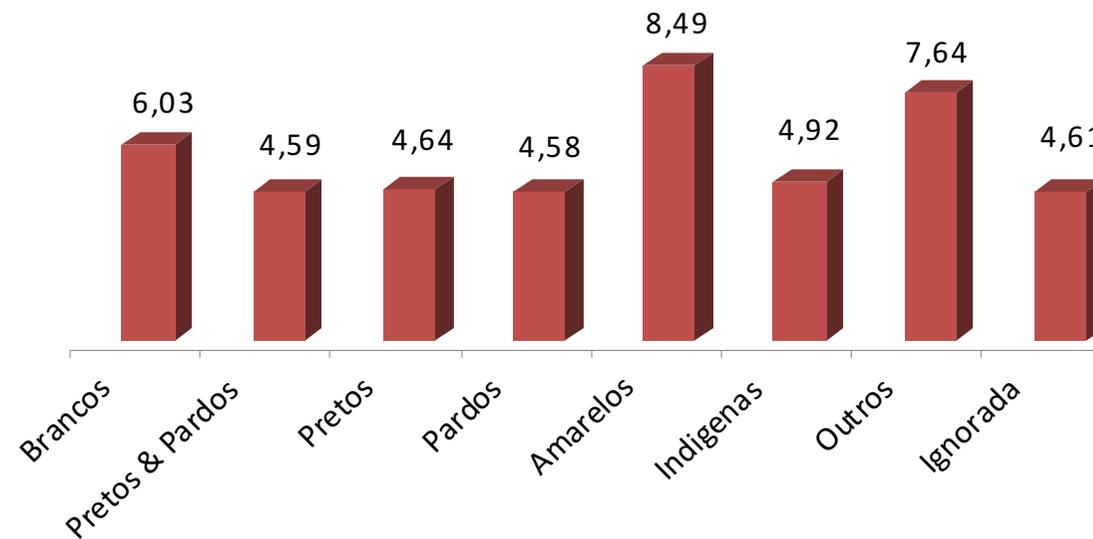
Má sina a desses nossos patriotas, que se vão tornando estrangeiros dentro da própria terra onde nasceram!(…)”

ESCOLARIDADE MÉDIA (anos de estudo), Sudeste, 2000



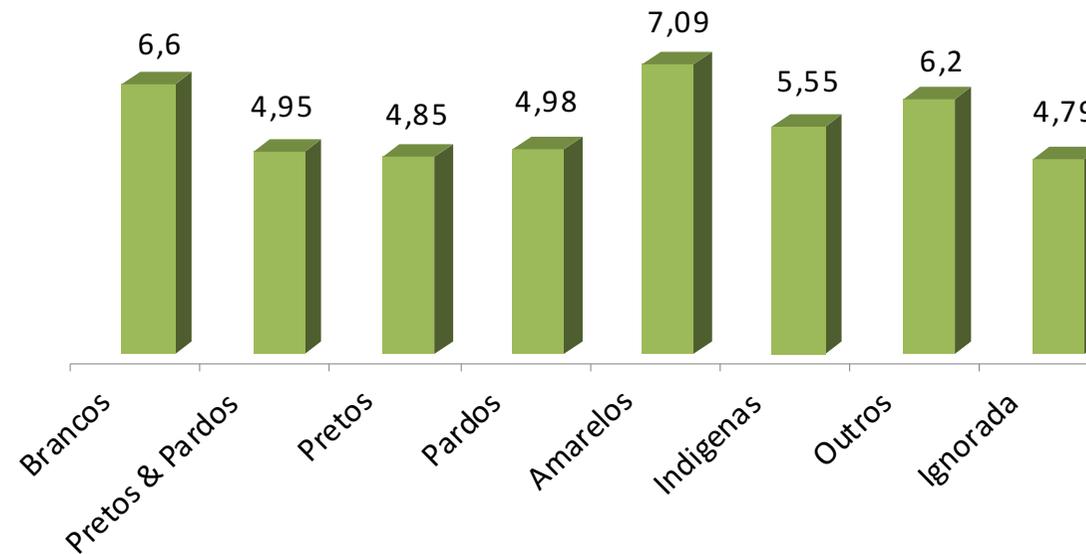
Tabulações do LAESER-IE-UFRJ (Reprodução autorizada desde que citada a fonte)
Fonte: Censo Demográfico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ESCOLARIDADE MÉDIA (anos de estudo), Sudeste, 2000



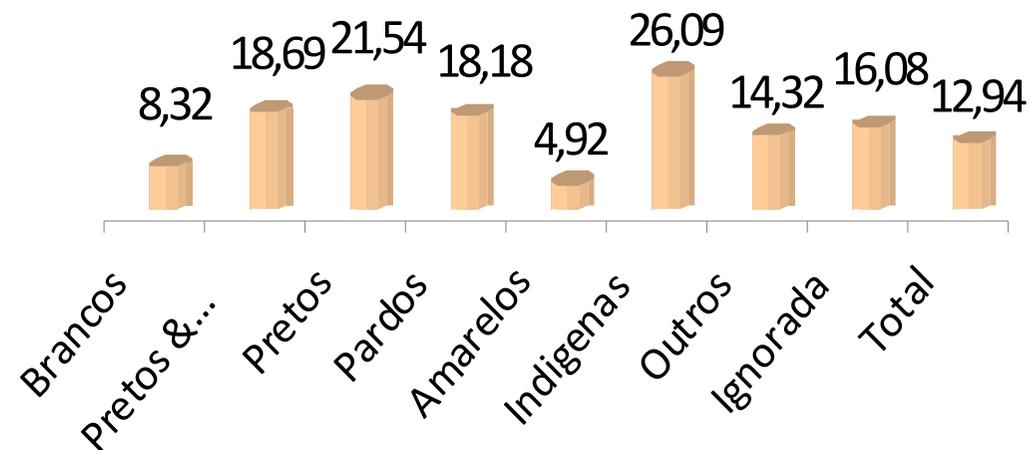
Tabulações do LAESER-IE-UFRJ (Reprodução autorizada desde que citada a fonte)
Fonte: Censo Demográfico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ESCOLARIDADE MÉDIA (anos de estudo), Rio de Janeiro, 2000



Tabulações do LAESER-IE-UFRJ (Reprodução autorizada desde que citada a fonte)
Fonte: Censo Demográfico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

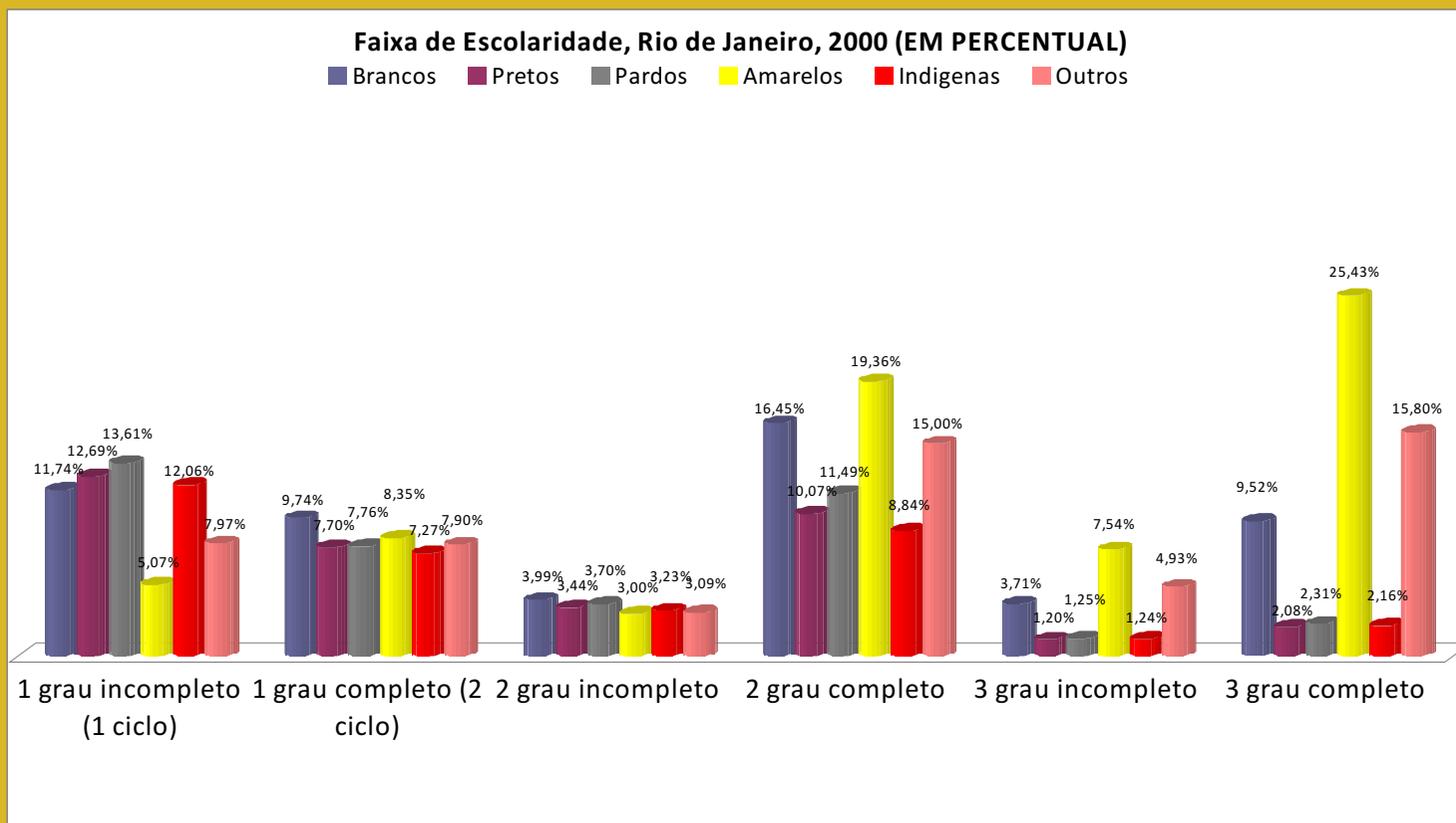
Taxa de Analfabetismo, pessoas com 15 anos ou mais, Brasil, 2000 (em percentual)



Tabulacoes do LAESER-IE-UFRJ (Reproducao autorizada desde que citada a fonte)
Fonte: Censo Demografico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica

ESTATÍSTICAS

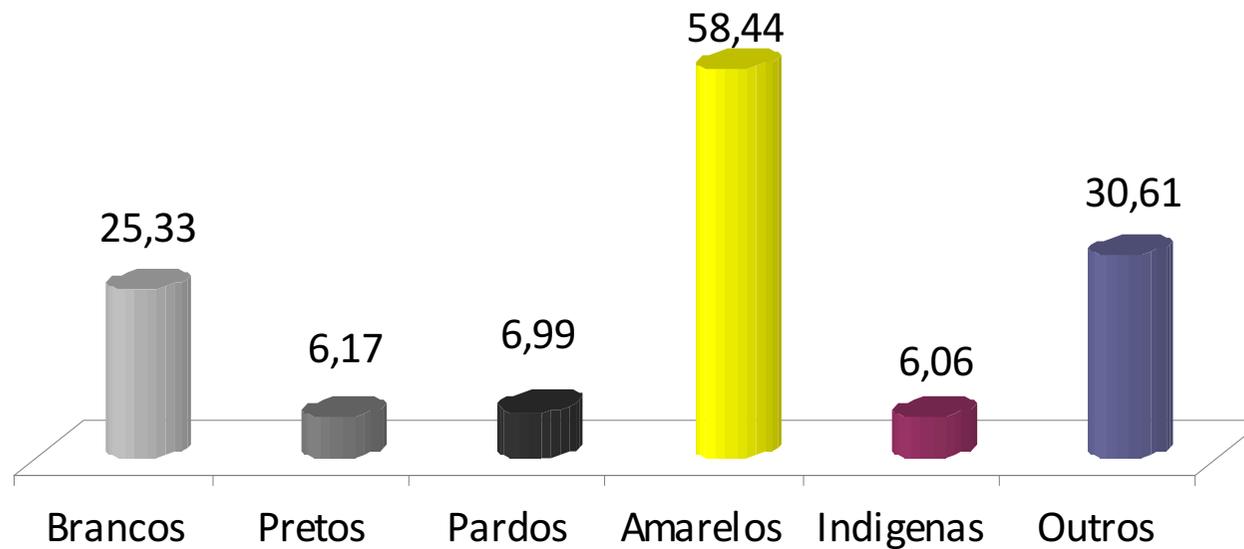
Tema: Educação



Ano 2000

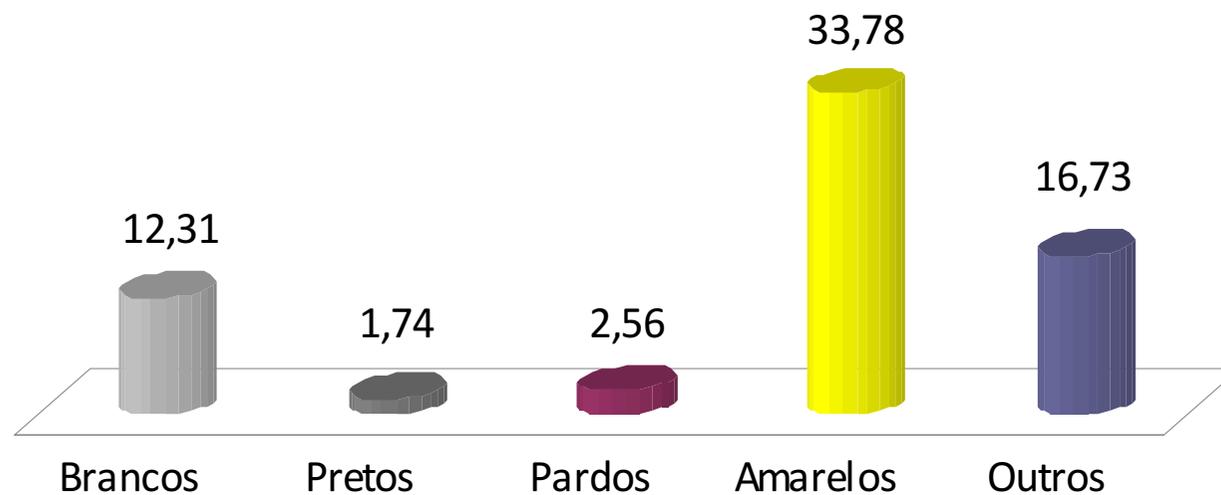
Fonte: Censo Demográfico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TAXA DE ESCOLARIZACAO BRUTA, BRASIL, 2000, EM PERCENTUAL



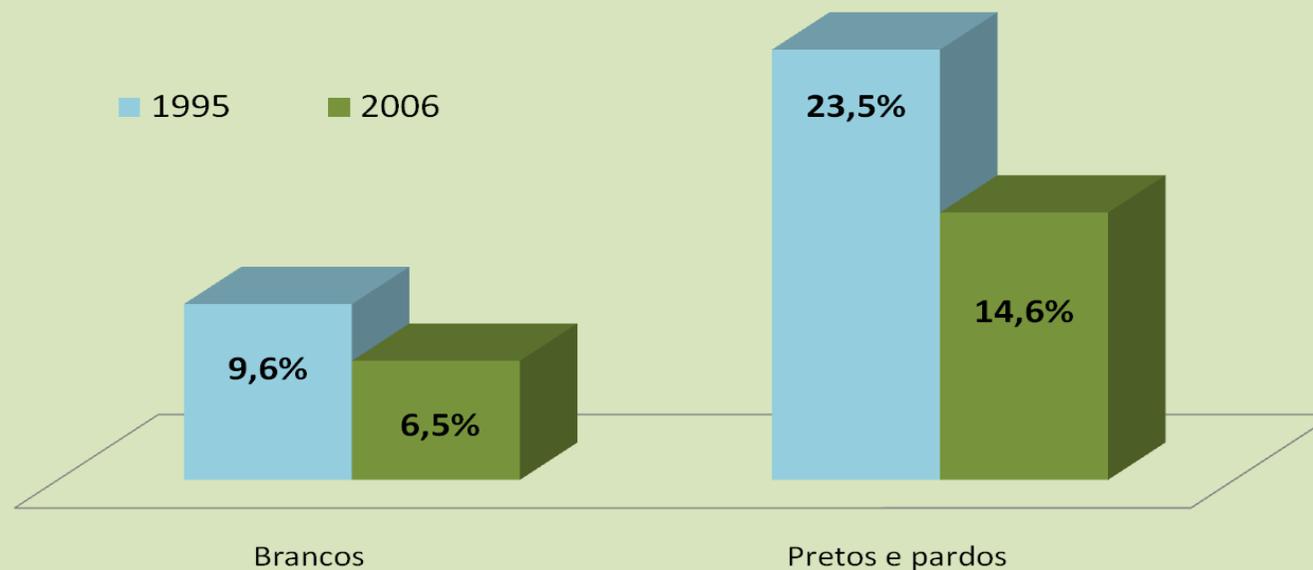
Tabulações do LAESER-IE-UFRJ (Reprodução autorizada desde que citada a fonte)
Fonte: Censo Demográfico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TAXA DE ESCOLARIZACAO LIQUIDA, BRASIL, 2000, EM PERCENTUAL



Tabulações do LAESER-IE-UFRJ (Reprodução autorizada desde que citada a fonte)
Fonte: Censo Demográfico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

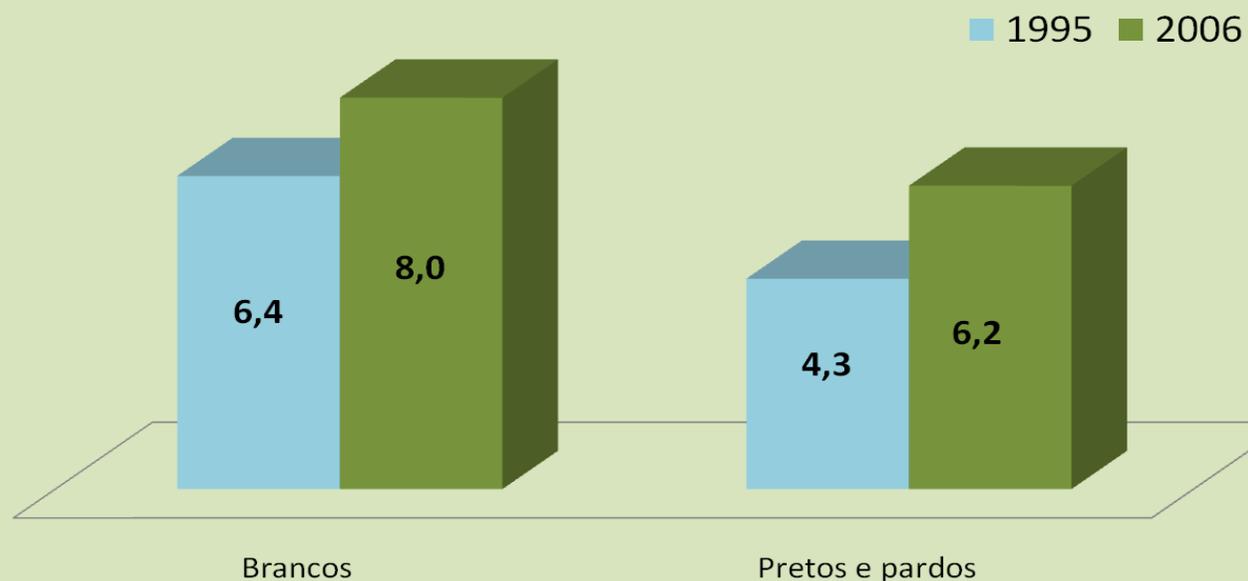
TAXA DE ANALFABETISMO DA POPULAÇÃO RESIDENTES COM 15 ANOS OU MAIS DE IDADE POR GRUPOS DE COR OU RAÇA, 1995 E 2006 (%)



FONTE: IBGE - PNAD

OBS: Em 1995 não se incluía a população residente nas áreas rurais da Região Norte

ANOS MÉDIOS DE ESTUDO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE 15 ANOS OU MAIS SEGUNDO OS GRUPOS DE COR OU RAÇA, 1995 E 2006 (EM ANOS DE ESTUDO)

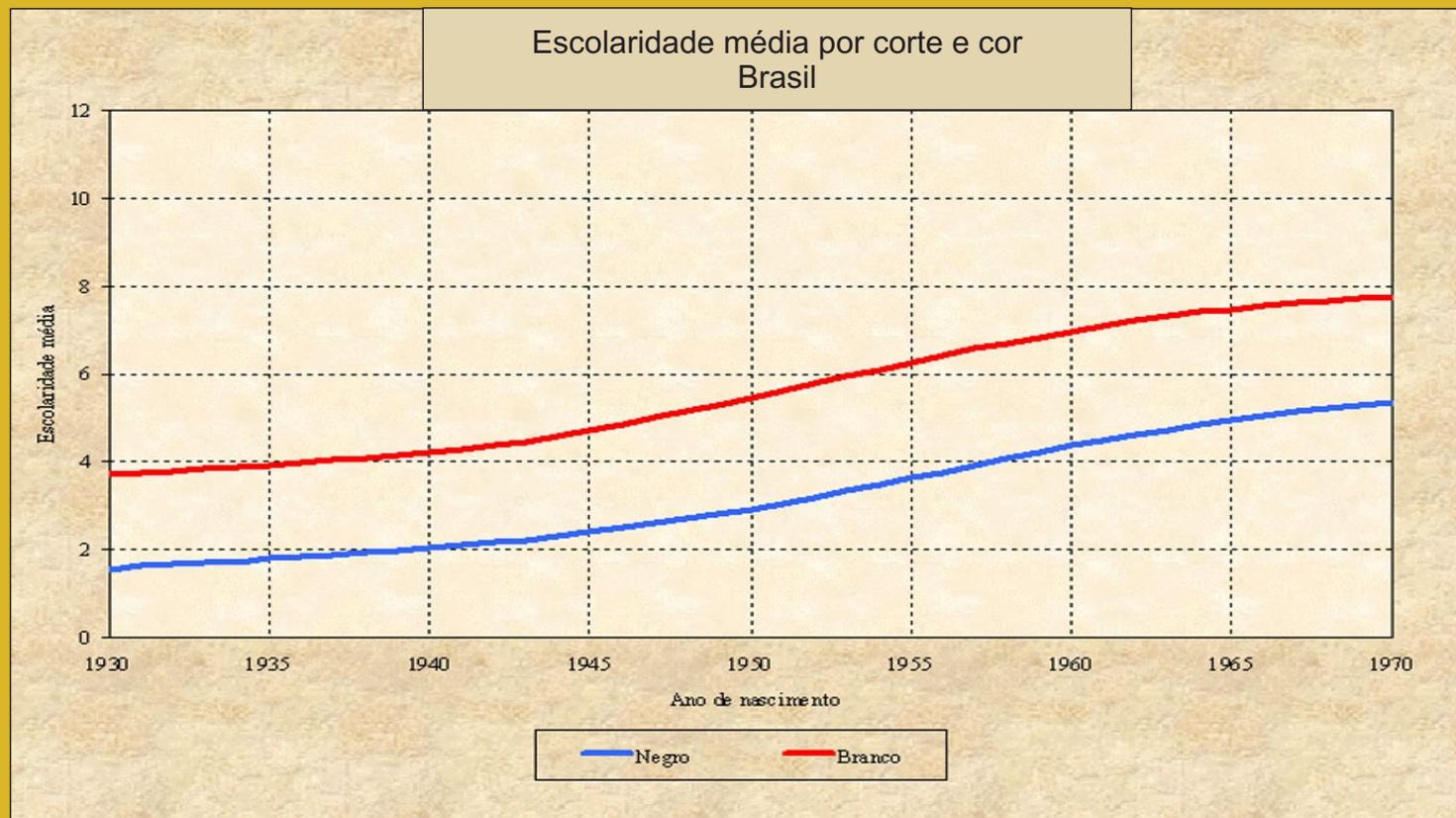


FONTE: IBGE - PNAD

OBS: Em 1995 não se incluía a população residente nas áreas rurais da Região Norte

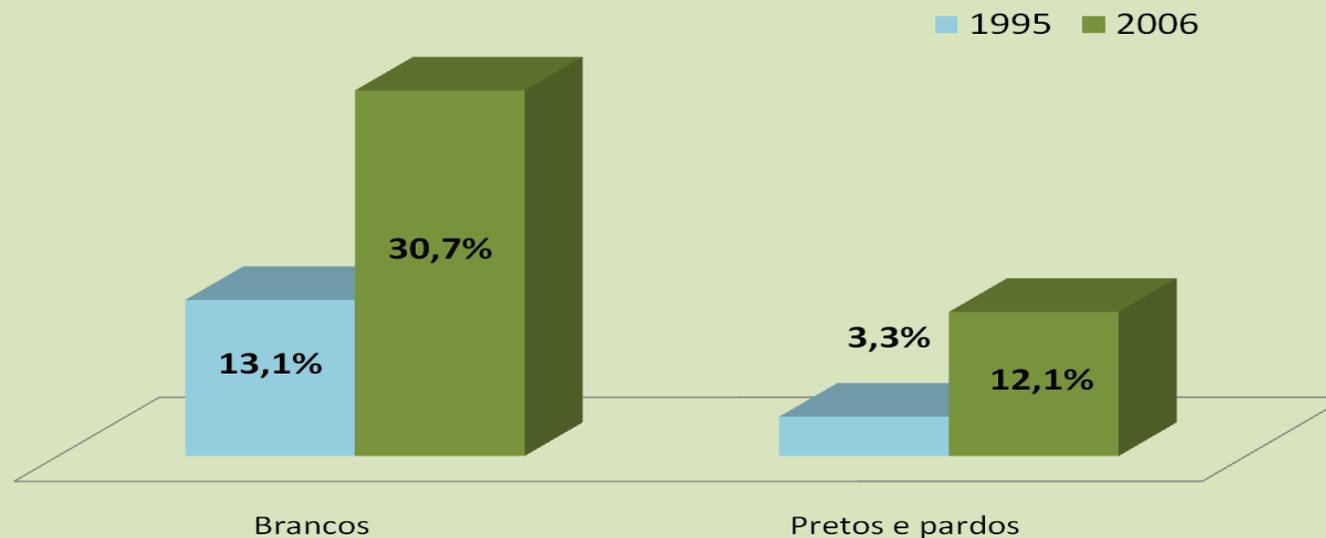
ESTATÍSTICAS

Tema: Educação



FONTE: IBGE - PNAD de 1995 a 1999

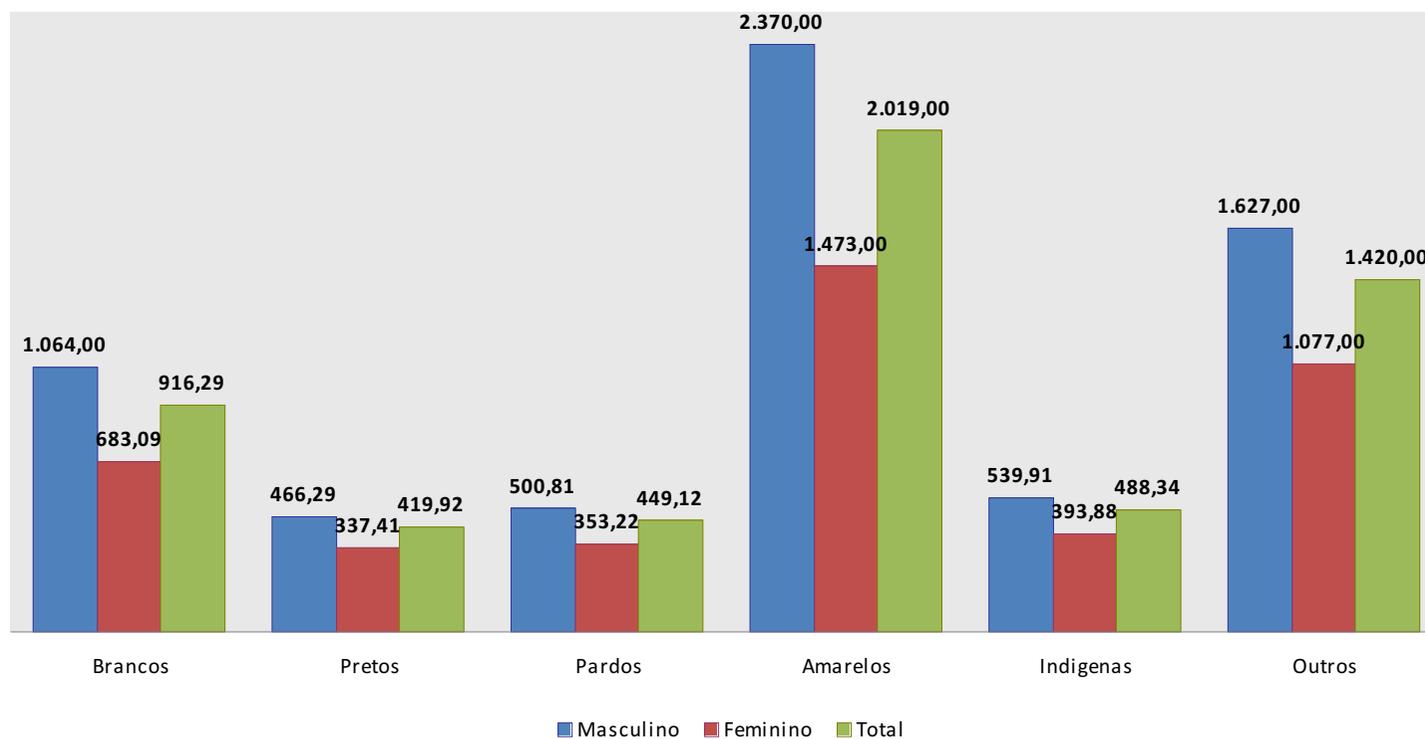
TAXA BRUTA DE ESCOLARIDADE NO ENSINO SUPERIOR DA POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO OS GRUPOS DE COR OU RAÇA, 1995 E 2006 (%)



FONTE: IBGE - PNAD

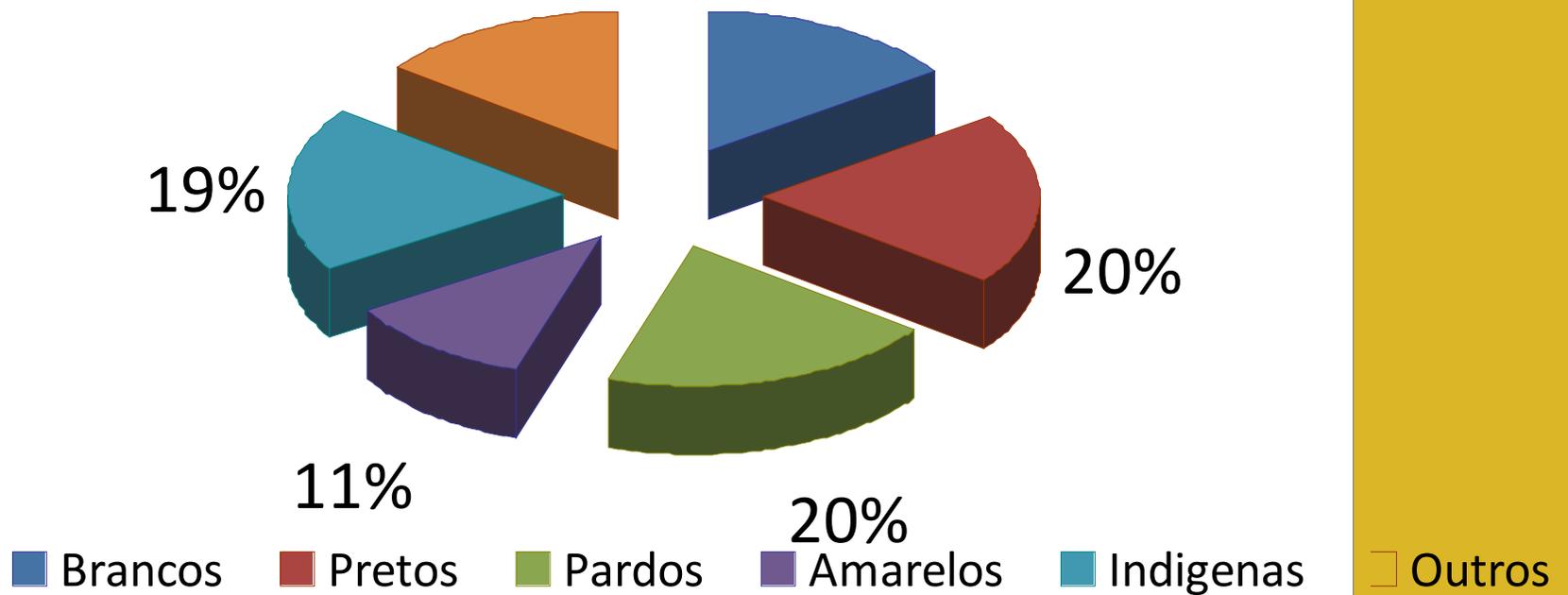
OBS: Em 1995 não se incluía a população residente nas áreas rurais da Região Norte

RENDIMENTO MEDIO DO TRABALHO PRINCIPAL , BRASIL, 2000, EM REAIS



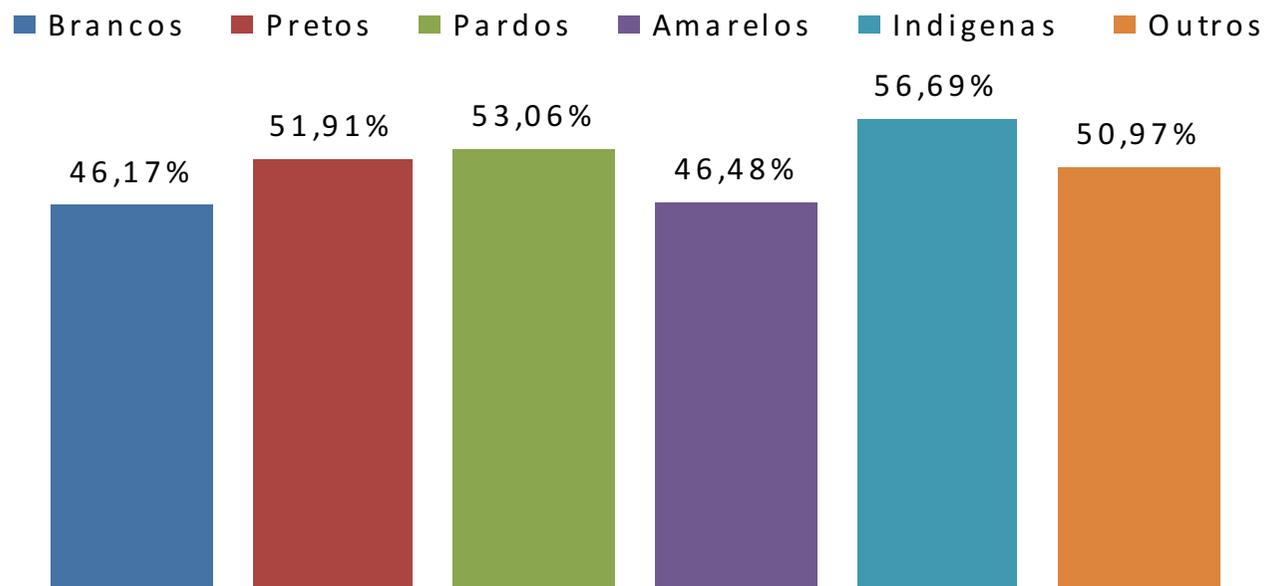
Fonte: Censo Demografico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Tabulacoes do LAESER-IE-UFRJ (Reproducao autorizada desde que citada a fonte)

TAXA DE DESEMPREGO , BRASIL, 2000, EM PERCENTUAL

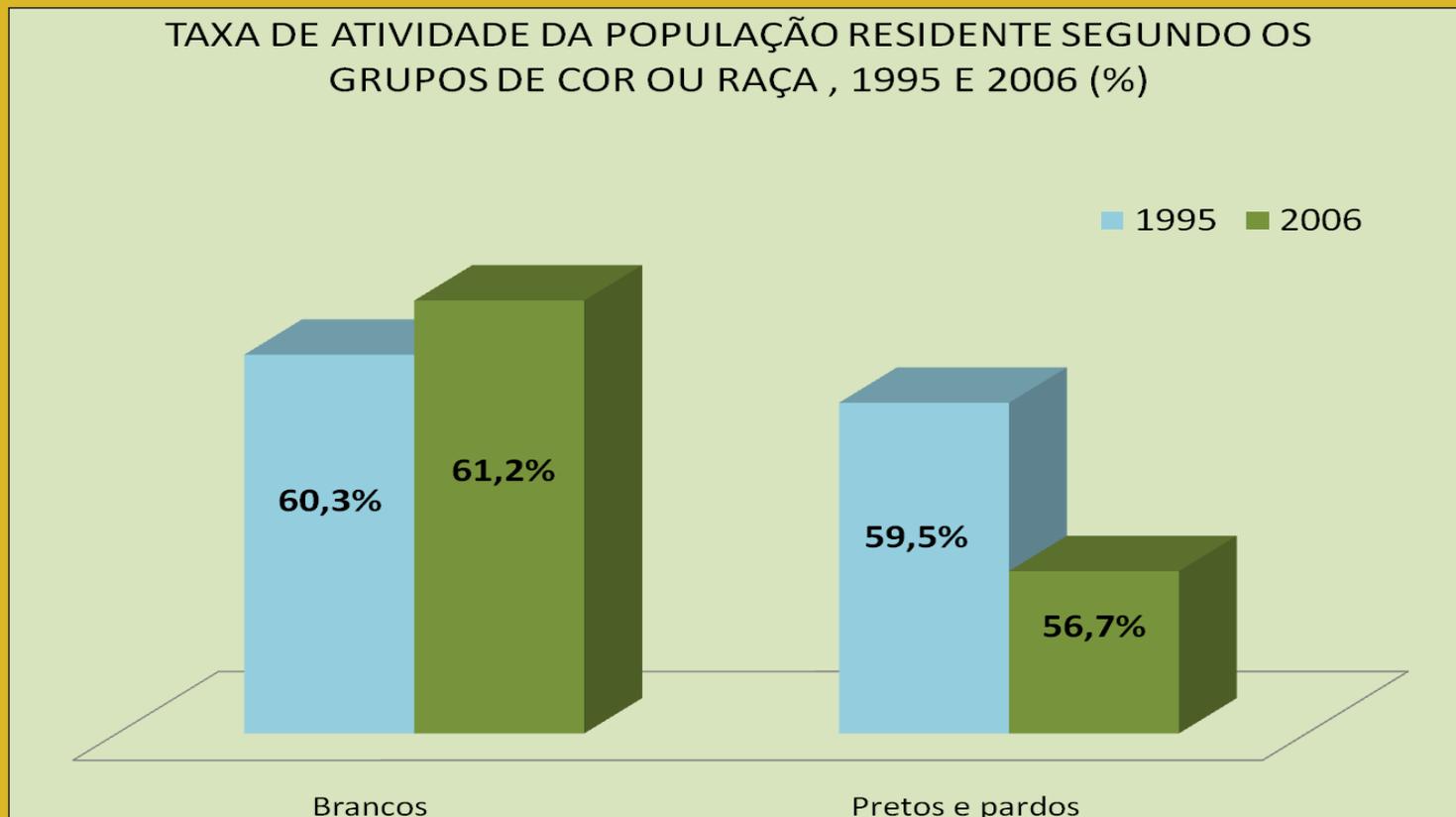


Fonte: Censo Demografico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica
Tabulacoes do LAESER-IE-UFRJ (Reproducao autorizada desde que citada a fonte)

TAXA DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO, BRASIL, 2000, EM PERCENTUAL



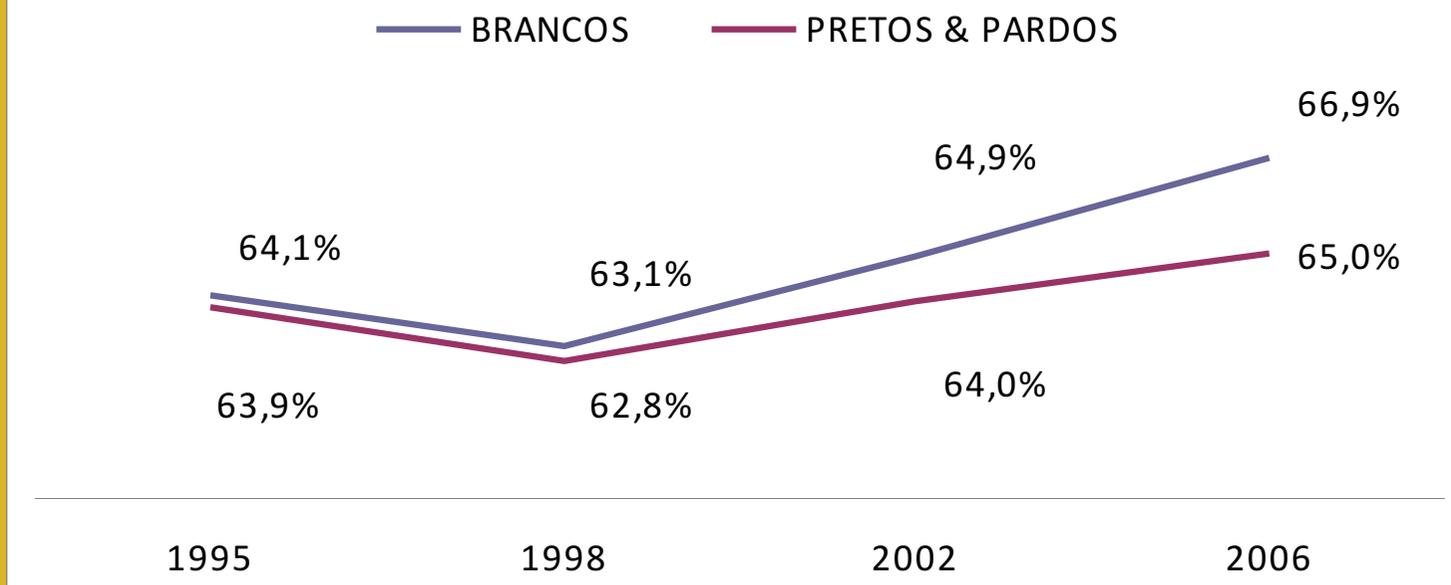
Fonte: Censo Demográfico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Tabulações do LAESER-IE-UFRJ (Reprodução autorizada desde que citada a fonte)



FONTE: IBGE - PNAD

OBS: Em 1995 não se incluía a população residente nas áreas rurais da Região Norte

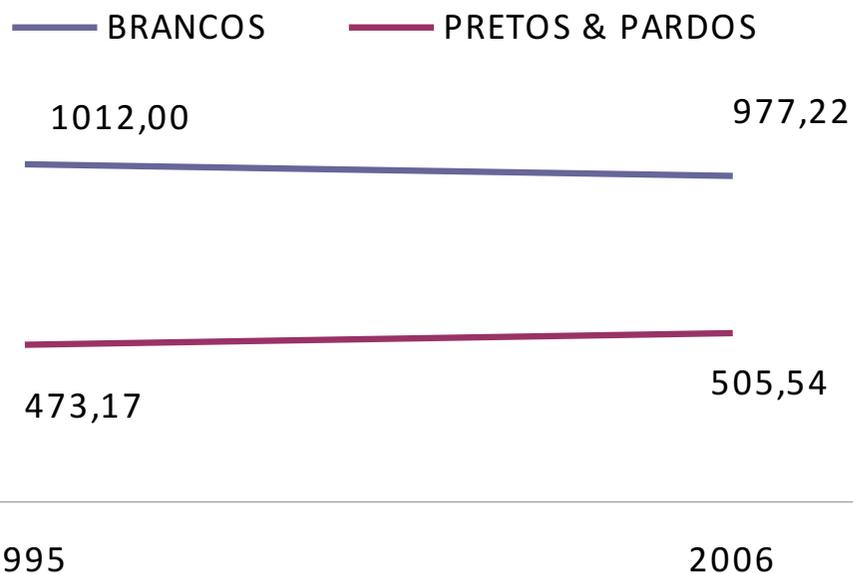
Taxa de participação no Mercado de trabalho da população residente segundo os grupos de cor ou raça, Brasil 1995-2006 (em %)



FONTE:: IBGE, MICRODADOS, LAESER

NOTA: NOS ANOS DE 1995 A 2003 NÃO INCLUI A POPULAÇÃO RESIDENTE DE ÁREAS RURAIS DA REGIÃO NORTE

Rendimento médio mensal real do trabalho principal da PEA ocupada segundo os grupos de cor ou raça, Brasil, 1995-2006 (em R\$)



FONTE:: IBGE, MICRODADOS, LAESER

NOTA: NOS ANOS DE 1995 A 2003 NÃO INCLUI A POPULAÇÃO RESIDENTE DE ÁREAS RURAIS DA REGIÃO NORTE

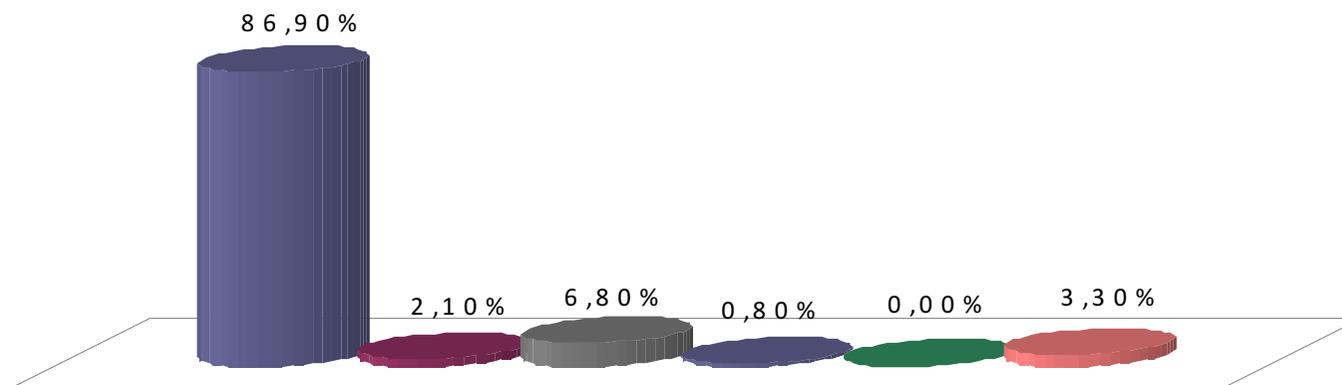
Tempo horário médio para aquisição da ração essencial pela PEA residente ocupada separando os grupos de cor ou raça, Brasil, 2006 (em horas médias trabalhadas)

■ BRANCOS ■ PRETOS & PARDOS



Deputados federais eleitos para a 53 legislatura (2007-2010) segundo características de cor ou raça hetero-atribuída, Brasil (em %)

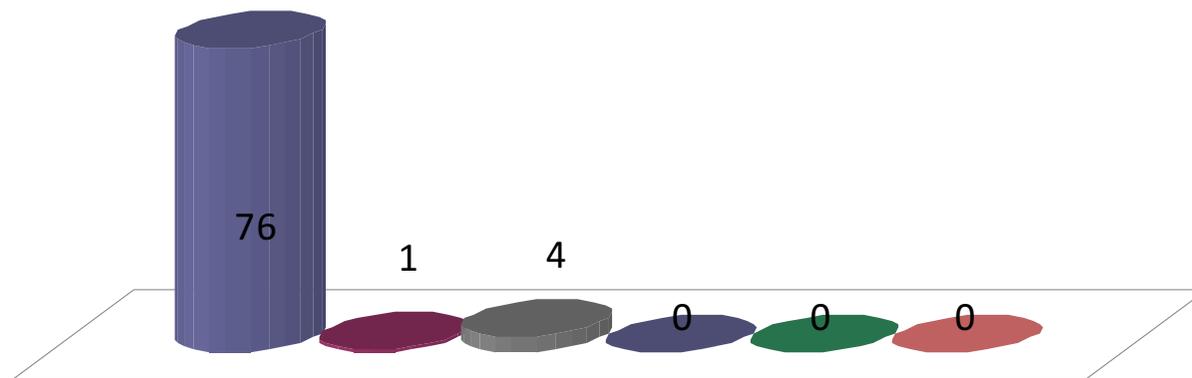
■ Brancos ■ Pretos ■ Pardos ■ Amarelos ■ Indígenas ■ Não classificados



FONTE: TSE - INDICAÇÃO DE COR OU RAÇA DOS PARLAMENTARES, LAESER

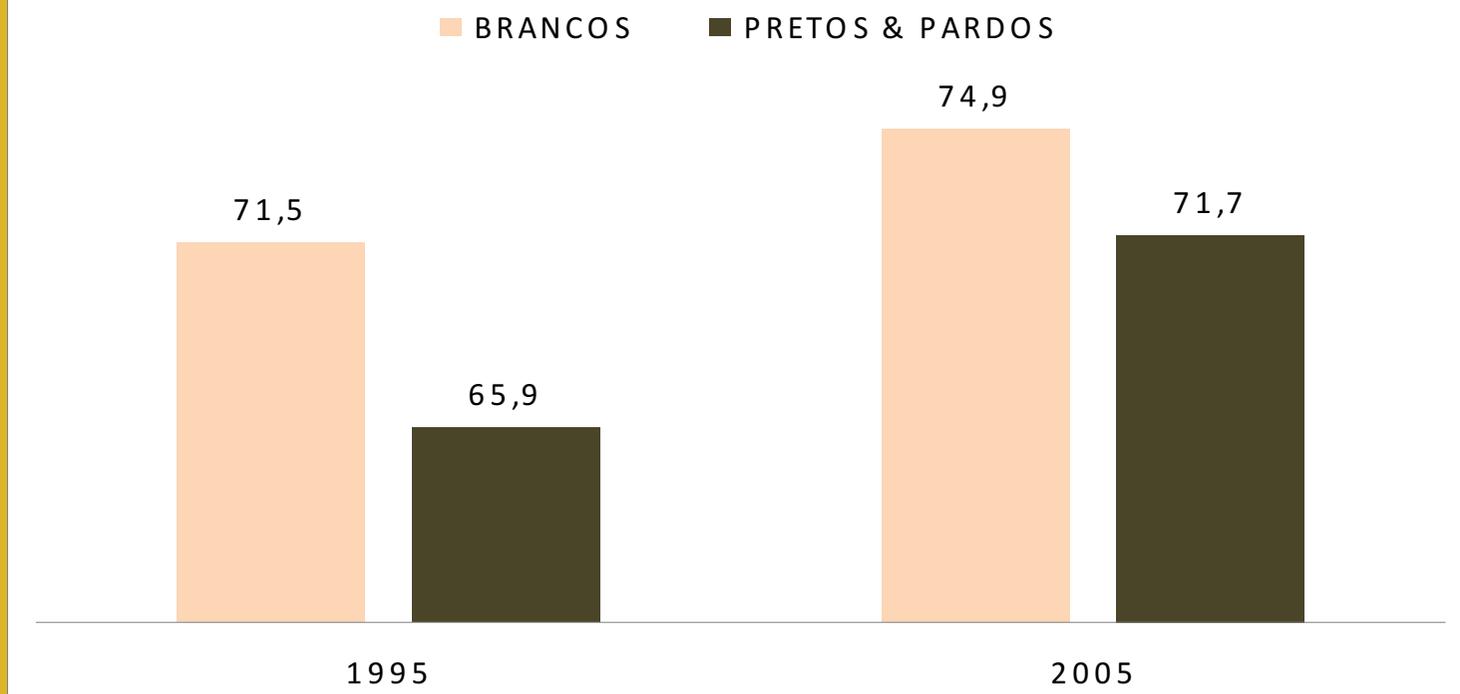
Senadores eleitos para a 52 e 53 legislatura (2003-2007, 2007-2015) segundo características de cor ou raça hetero-atribuída, Brasil (em números)

■ Brancos ■ Pretos ■ Pardos ■ Amarelos ■ Indigenas ■ Não classificados



FONTE: TSE - INDICAÇÃO DE COR OU RAÇA DOS PARLAMENTARES, LAESER

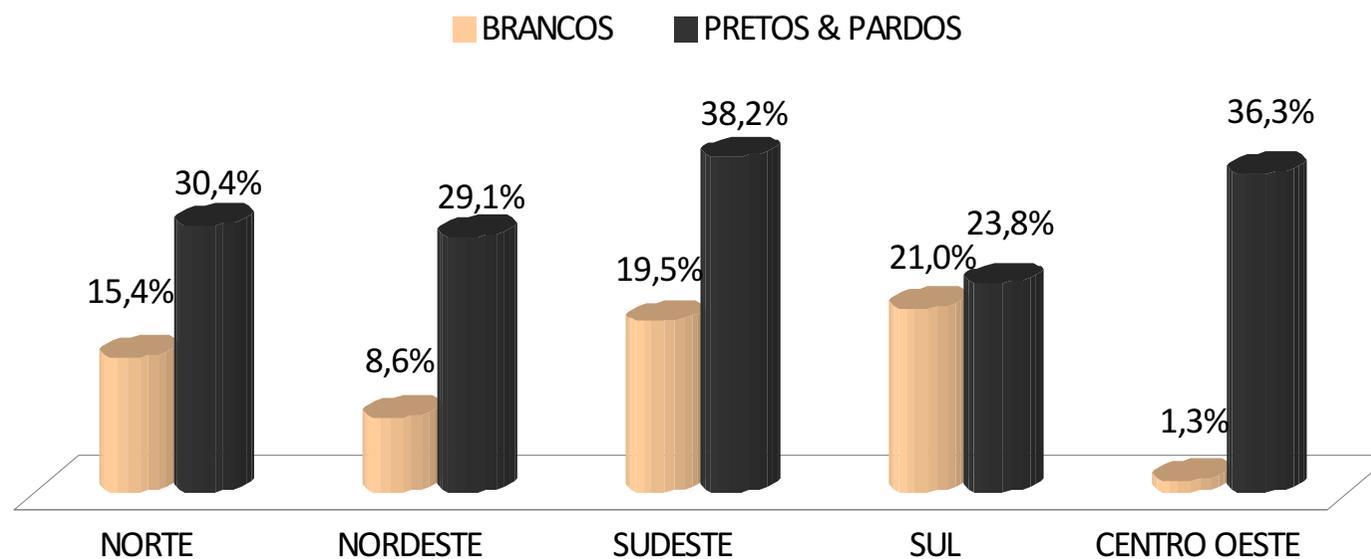
ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER DA POPULAÇÃO BRASILEIRA SEGUNDO OS GRUPOS DE COR OU RAÇA, BRASIL, 1995 E 2005 (EM ANOS DE VIDA)



FONTE:: IBGE, MICRODADOS, LAESER

NOTA: NOS ANOS DE 1995 NÃO INCLUI A POPULAÇÃO RESIDENTE DE ÁREAS RURAIS DA REGIÃO NORTE

RAZÃO DE MORTALIDADE DA POPULAÇÃO MASCULINA RESIDENTE ACIMA DE 5 ANOS DE IDADE POR HOMICÍDIO SEGUNDO OS GRUPOS DE COR OU RAÇA, REGIÕES GEOGRÁFICAS, BRASIL, 2005 (POR 100 MIL HABITANTES)



Fonte: DATASUS/ MIN SAÚDE, IBGE, MICRODADOS, LAESER
Tabulações: LAESER- Fichario das Desigualdades Raciais

ENTREVISTAS

Tema: Educação

Onde você estudou?

J.S. – Eu estudei em colégios particulares; só que na região de Bangu os colégios particulares – a maioria e entre eles os que eu estudei – eram bem fracos e mal estruturados e, apesar de serem particulares, eram colégios populares com mensalidades baratas. Então tinha gente de todos os tipos. Havia essa dicotomia entre a rua, em que a maioria era negra e eu não sentia muito a questão da discriminação escancarada, e a escola, do outro lado, na qual essa discriminação, que não é bullying, é racismo mesmo, ficava muito mais visível, até mesmo no modo como os professores abordavam os alunos. Se hoje em dia, em pleno 2011, os professores ainda não sabem como abordar a situação dentro da sala, imagine lá em 1995, 1996 (mas a minha família me deu muito alicerce para superar isso). Com a maioria dos negros, adolescentes e crianças, a primeira atitude é renegar a sua própria origem, sua cor, e querer se parecer com o outro. Eu vivi esse conflito durante um período, mas depois superei. Outro aspecto positivo que me deu força na questão do pertencimento foi o hip hop, o rap nacional em si, ao qual, lá pelos meados de 1996, com 12 ou 13 anos, eu fui apresentado. As músicas do Racionais tiveram um impacto muito grande na minha vida, porque o Racionais antigo tinha muitas músicas com teor racial; então tudo o que eu tinha na minha cabeça os caras estavam falando ali, só que de forma mais bem explicada.

Juntava eu, meu irmão e outros três ou quatro pretos dali de Bangu, da minha rua. Nos primórdios quase ninguém gostava de rap, quase ninguém no Rio gostava de hip hop, era muito raro, os que gostavam eram do charme ou do hip hop tradicional, mas o Racionais foi muito importante, mais do que qualquer universidade ou livro. Eu não lia muito nessa época, Franz Fanon e essas coisas não chegavam para a gente, e eu nem tinha capacidade para entender aquilo na sétima ou sexta série. Depois veio o Athaide e DJ1, LZO e MVBill. O rap me ajudou muito na questão do enfrentamento, porque você tinha que ser forte, pois às vezes você está sozinho – você deve ter enfrentado isso também. Foi a minha família primeiramente, um pouco depois a questão do rap, e mais para a adolescência ainda o movimento do charme, Disco Voador: aquela galera mexeu muito com o meu orgulho. Eu bato muito nessa tecla porque a referência que a maioria da população tem com o mundo exterior vem pela televisão; muitas pessoas não possuem acesso a cinema, a revista, e aí a imagem mostrada do negro na televisão brasileira, e que se mostra até hoje, era muito negativa. Eu chego no Disco Voador, adolescente ainda, e vejo aquelas mulheres negras maravilhosas e todo mundo orgulhoso de ser o que é. Isso foi um outro baque para mim; ali eu comecei a perceber que podíamos ter orgulho de ser quem a gente era, não era preciso ficar no gueto. (JÚLIO)

ENTREVISTAS

Tema: Educação

E como era o relacionamento com seus colegas?

J.S. – Havia muito a questão do racismo, da brincadeira, da sacanagem. Os outros negros aceitavam, achavam que era normal ser chamado de “macaco”. Eu tinha alguns colegas, alguns amigos, a gente jogava bola junto, mas não ficou amizade nenhuma da época de escola. Essa é uma coisa muito triste na minha vida, a escola nunca foi um lugar de boas recordações. E é o que eu disse: se eu ficasse famoso um dia não teria como fazer um “Arquivo confidencial” e chamar minha professora, porque eu acho que ela não lembraria de mim... Eu sempre fui quieto e tímido; houve épocas que não, em que aconteceram outros processos, mas na maioria dos períodos eu não tinha um relacionamento bom com o professor e com a escola. Teve um período lá na quinta, sexta e sétima séries, em um colégio muito perto da minha casa, em que eu era mais ou menos popular, mas foi por outras histórias: o cara mais popular de todos foi com a minha cara, então eu era uma espécie de escudeiro dele. É muito engraçado isso porque eu vejo muita gente falando “minha professora Joaquina da terceira série” e eu não faço ideia de quem foi minha professora na quarta série e nem na terceira.

(...) Já teve caso, aí já mais no primeiro ano do segundo grau, de discussões em que me chamaram de “macaco”, e eu xinguei o cara, e o professor no final deu razão para o outro e me tirou de sala. Mas como eu não estava muito atento a essa situação, nem fui à direção para reclamar que tinha sido discriminado. A falta de jeito do professor tratar da questão racial magoa muito, e muitos negros devem desistir da escola por isso também, porque não se veem ali, veem que é um lugar que não é para eles – “porque eu vou estar aqui? Só sou esculachado! Sou esculachado pelos alunos, pela professora, pela diretora, por todo mundo”. Igual àquele filme Vista a minha pele, em que tudo inverte. É aquela coisa: só quem é negro sabe. Eu volto a falar, não houve nenhum caso traumático, alguma coisa gigantesca, é só a discriminação do dia a dia, ser parado pela polícia, ser chamado de “macaco” – na escola quem nunca foi chamado? E as escolas até hoje não conseguem lidar com isso, em pleno ano de 2011. (JÚLIO)

ENTREVISTAS

Tema: Educação

Quais eram os apelidos que você disse que te davam?

G.C. – “Neguinho”, “blackout”, “escravo”; e esse é novo: “fim de slide”. Eles me relacionam com um monte de artistas negros famosos, tanto jogador quanto ator. Esse tipo de coisa, “Toró” é o mais usado, que é um ex-jogador do Flamengo. Ele não teve bem um auge, mas quando ele estava mais famosinho colocaram, aí prevaleceu, e até hoje eles me chamam de “Toró”. (GUILHERME)

Como a escola intermediava conflitos?

F.S. – Os inspetores tentavam apartar e ficava por isso mesmo. A própria escola também tinha uma visão bem racista dos alunos. Por exemplo: o inspetor chegava na sala, e, vamos falar assim, os brancos – mas eu não tenho nada contra – faziam a maior baderna e ele brigava com os negros e mulatos; nesse sentido, sempre havia um foco em quem seria chamado à atenção.

E aí era sempre o negro?

F.S. – Exatamente.

Por mais que todos fizessem bagunça?

F.S. – Por mais que estivessem lá na maior zorra, já ia direcionado o esporro, para esse ou aquele. (FERNANDA)

ENTREVISTAS

Tema: Educação

Você entrou na universidade por meio das cotas raciais?

F.S. – Não. Aliás, na época até estava em cheque esse negócio de cota. Tinha sido lançado. Eu tentei para a Uerj [Universidade do Estado do Rio de Janeiro] por cota; mas como eu não concordava com cota para negros, coloquei cota para estudante de escola pública, porque eu pensava: “poxa, vão abaixar a pontuação para negros para falar que eles entraram porque são burros. Estão tirando o mérito da pessoa”; “tem que ser por escola pública”.

(...) Eu vim de escola pública. Nisso, quando passei, eu passei em primeiro lugar; ou seja, eu não precisava ter posto a cota. Eu passei na UFF [Universidade Federal Fluminense] também para Ciências Sociais e aqui na UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Hoje em dia eu entendo que cota não é só diminuir a pontuação. É a questão de o negro estar dentro da universidade, não é só a renda, mas é a questão da cor. Por exemplo: existe a cota para indígena e para filho de policial militar, ninguém questiona. Por quê? Então tem que se colocar em cheque o tema da cor no Brasil, se é aceita ou não, e porque não é aceita.

(...) Eu achava que a cota iria inferiorizar cada vez mais o negro, porque abaixaria a pontuação e ele estaria ali dentro, mas o negro, mesmo que ele fique rico, milionário, bilionário, famoso, que seja o master da nossa época, ele será pontuado por ser negro, independente do que ele tiver na conta bancária, independente do grau de escolaridade dele – vai ser pontuado por ser negro. “Eu tenho um professor negro”: não é uma coisa normal, não é natural, é um espaço que ainda está de fora para ele. Mesmo que você more em um bairro chique e seja negro, você “é de família negra”. (FERNANDA)

Você é a favor das cotas?

G.C. – Cotas raciais? Eu sou a favor da cota, mas não da cota por etnia. Sou a favor de que exista cota, como, por exemplo, se fizerem um balanço de piso salarial de famílias, aí no caso de uma família pobre; cota para um índio, que é uma pessoa com mais dificuldade de ter acesso à escola e a cultura. Acho que só esses dois tipos de cota. (GUILHERME FARIA)

ENTREVISTAS

Tema: Educação

O que você pensa sobre as cotas?

J.S. – Eu acho que a cota é um instrumento necessário de justiça, antes de tudo, para uma população que construiu o país. Eu não preciso contar aqui, todo mundo mais ou menos deve saber sobre o trabalho escravo compulsório, obrigatório. Ninguém pediu para ser escravo, as pessoas foram escravas porque foram obrigadas – e essa população constitui hoje uma grande parte dos brasileiros.

O momento que seria mais adequado para uma indenização foi quando a escravidão foi abolida. Nesse momento não se deu nenhuma contrapartida para esses ex-escravos – deram indenização para os fazendeiros que ficaram sem escravos. Sendo assim, esse é um movimento histórico, os ex-escravos ficaram sem trabalho, constituíram uma população pobre e depois miserável, surgiram as favelas e isso chega até os dias de hoje. Não por acaso a maioria da população pobre é preta, e não é por falta de talento dos negros. Como dar uma compensação nesse sentido? Financeiramente? Dar dinheiro para as pessoas seria mais complicado, como outros povos que ao longo da história foram massacrados e tiveram essa indenização. Por exemplo, nos Estados Unidos, em diversos estados foram dados 40 acres de terra e uma mula – essa era a indenização dada para o escravo, e muitos dos negros lá reclamavam: “só 40 acres e uma mula...”. Quando eles viram a realidade do Brasil, aí viram o que era bom! Quarenta acres e uma mula era muito pouco, mais ainda assim melhor do que sair com as mãos abanando.

A cota é justa e ela tem que ser feita porque existe uma parcela da população que está excluída do processo decisório do país, e o país só irá se constituir enquanto nação de fato quando incluir a maioria dos seus membros. Os negros fazem parte da população brasileira; a universidade pública é financiada com impostos pagos pelos brasileiros; por que não ter dentro da Universidade toda a parcela étnica da população brasileira? A universidade é paga com imposto dos pretos, dos brancos, dos índios, dos amarelos, dos mestiços, mas quando você entra na universidade pública você só vê um tipo de gente. Isso é injusto, tem alguma coisa errada aí. O que se espera é que esses negros sejam colocados nas universidades de qualidade. Aliás, que eles entrem nas universidades pelo mérito próprio – pelas cotas, no caso, porque entrando pelas cotas você não deixa de ter mérito próprio. E a partir do momento em que eles entrem na universidade eles terão maior acesso a informação, e com esse acesso vão conseguir melhores empregos. Na segunda geração os filhos desses que entraram pela cota talvez já tenham possibilidade de não precisar recorrer à ela, porque eles já teriam acesso a uma educação melhor desde criança. Eu vejo a cota como um processo que é passageiro mas necessário, e que deveria ser posto em prática em todas as universidades públicas.

ENTREVISTAS

Tema: Educação

O que você pensa sobre as cotas?

Já que elas são pagas com os recursos de todos os brasileiros, elas têm por obrigação incluir todos os brasileiros.

A cota é antes de tudo a revisão de uma injustiça histórica. É o mínimo. Uma coisa importante é que o movimento negro e os negros em geral não podem reduzir sua luta só à questão das cotas; ela é só um dos processos, o mundo não vai se resolver só com as cotas. Às vezes gastamos muita energia só nesta questão das cotas, mas existem várias outras saídas que têm que caminhar junto. Por exemplo: o apoio aos empreendedores negros, gerar emprego para essa galera; apoio também ao cara que entra pelas cotas, porque entra e às vezes não tem dinheiro para se manter na universidade. E que as leis brasileiras contra o racismo sejam mais bem aplicadas, porque senão o cara quando sair da universidade continuará a ser discriminado e não vai conseguir emprego – é um conjunto de medidas que não se esgota só com as cotas. A cota é só uma delas. (JÚLIO)

Como você analisa o programa de cotas?

E.F: Ah, acho perfeito! É uma reparação que tem de acontecer, de muitos anos. Eu sou oriunda do vestibular de cotas. Na época em que eu fiz creio que era o primeiro ano de cotas na UERJ: 2003. Se não foi naquele ano, foi no anterior, não estou muito bem lembrada.

Até foram lá na faculdade fazer umas entrevistas. E se apostava que não iria dar certo. Inclusive quando passei para universidade e por cotas, passei para duas faculdades, para a Uerj e para a Unirio [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro]. E se dizia que as pessoas que passavam por cotas passavam, mas não tinham base para isso. Mas conheço outros colegas que passaram por cotas e que, na mesma época, foram aprovados para outras faculdades, sem cotas. Então a questão não era as pessoas não estarem preparadas para entrar. Incomodava era tantos negros querendo ser advogados, tantos negros querendo ser professores. Tantos negros querendo ser até artistas, né! [risos] Negro querendo fazer Artes na Uerj?! [risos] Isso incomodava mais do que qualquer coisa.

Então foi um ano, assim... muito difícil. Várias pessoas entraram por cotas... Houve várias manifestações. A questão não era só dar cotas, mas criar condições para que essas pessoas conseguissem ficar na faculdade. Hoje em dia acho que as cotas deram muito certo na Uerj porque, do meu grupo, houve evasão, mas de pessoas que não eram cotistas (e eu posso falar da minha turma; não posso falar por estatística em que eu não participei, não posso falar das estatísticas da universidade). Então: a evasão que houve foi muito mais de pessoas que não eram cotistas – acho que o cotista valorizou muito mais o fato de ter entrado na faculdade. E, outros, claro, os meus amigos cotistas da época, se formaram igual a mim.

ENTREVISTAS

Tema: Educação

Como você analisa o programa de cotas?

É uma política que dá muito certo por, inclusive, tentar resolver esse erro antigo de pessoas que misturam muito tudo... Se mistura o fato de ser negro ao fato de ser mais pobre dentro da sociedade de hoje. E na faculdade, de uma maneira geral, você observa isso numa sala de aula de nível superior, porque foram aquelas pessoas que tiveram acesso a uma educação melhor, acesso a cursinhos de pré-vestibular.. Numa sala de uma turma de Direito, hoje você pode olhar na UFRJ, por exemplo (eu estou falando de outras universidades que não têm cotas), e observar que a maioria é branca mesmo! Contasse a dedo quem está no mestrado e é negro; quem está no doutorado e é negro. Então é muito chato. Você está lá e você pode contar. O ideal era você não ter que contar. Porque a igualdade seria tão grande que não precisaria contar. Estaria equiparado. Mas hoje você conta porque é uma coisa tão gritante! Porque eu cheguei, chega-se numa turma de pós-graduação qualquer, você olha em volta e vê: quantos negros estão lá? Se há tão poucos negros na pós-graduação, é porque são poucos negros na graduação. E o funil cada vez maior. E a gente pode olhar ainda aí – hoje eu tenho uma filha que faz mestrado e ela com certeza olha na turma dela, em volta, e conta quantos negros. Só deve ser ela e mais algum. Mas é isso. É preciso ainda haver essa reparação. (ELIETE)

Você percebe ou já sofreu o racismo na universidade?

F.S. – (...) Quando eu passei não percebi racismo diretamente contra mim. Mas eu não duvido que exista por alguma questão. A única coisa que eu sempre estranhei e que logo de cara percebi aqui foi o número de negros. Quando passei só tinha eu e mais dois amigos, o Daniel e o Renan, que eu posso dizer que eram negros. A grande maioria era todo mundo branco e isso para mim foi um choque enorme, porque uma coisa é você ouvir falar que os negros não estão na universidade; outra coisa é você estar ali naquele local e não perceber ninguém igual a você.

E a partir de que momento você percebeu que as cotas tornaram-se importantes?

F.S. – Eu percebi nesse momento em que eu cheguei e não vi ninguém igual a mim aqui dentro. É como se eu fosse a anomia. A figura de fora dentro de um lugar restrito a um seleto grupo de pessoas. Foi aí que percebi que as cotas eram importantes; até então eu achava que era para criar segregação racial no Brasil. Mas diretamente não sofri nenhum tipo de racismo, que eu tenha percebido ou visto, mas não duvido que exista, não sei, quanto à seleção de bolsistas. (FERNANDA)

ENTREVISTAS

Tema: Educação

Outros entrevistados falaram muito sobre o lugar em que o negro não deveria estar. Eles sentiam que na universidade teoricamente incomodava eles estarem ali, incomodava aos outros ou as pessoas de fora chocavam-se com a posição deles social, intelectual, muito “elevada”. Eu não sei se você concorda ou discorda, mas nunca percebi questão de inferioridade intelectual em relação aos homossexuais; no entanto em relação aos negros ouve-se falar bastante, em manifestações, e os nossos entrevistados referiram-se bastante a isso. Qual sua opinião sobre o assunto, agora que você entra na pós-graduação?

G.S – Aconteceu uma história muito engraçada... tragicômica. A minha mãe tem umas amigas e eu entrava no IFCS [Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ] um dia. Depois a mãe veio me contar que uma das amigas dela me viu entrando no IFCS, chegou para ela e falou: “O que o seu filho estava fazendo naquele prédio, ele foi trabalhar lá na obra?” Minha mãe falou: “Não, ele estuda lá.” Sabe? Incomoda. Eu nunca senti isso dentro do IFCS, nunca. Talvez aqueles olhares de: “Sua bichinha”, mas não pelo fato de eu ser negro; até porque há essa lenda que se espalhou de eu ser um ótimo aluno, e aí as pessoas não fazem isso comigo, até porque para muitos eu já emprestei o meu caderno. [risos] Mas esses amigos da minha mãe, não foi só uma vez não, já fizeram essa piada até na minha frente. Estávamos eu, minha mãe e uma outra pessoa: “Você está fazendo faculdade?” “Estou fazendo faculdade” “Ah, é? Você está trabalhando na obra lá? Está construindo?”. Foi a piadinha: a gracinha é “estar fazendo”, no sentido de construir. Não posso “fazer” atuando; tenho que “cursar” uma graduação, não posso “fazer”. Minha posição é que você tem que ser um aluno ativo, então gosto da palavra “fazer” e não da palavra “cursar”, que acho muito mais passiva. Mas eu já ouvi isso, e minha mãe já ouviu isso umas 30 vezes.

(GUILHERME)

ENTREVISTAS

Tema: Educação

Você já trabalhou?

F.S. – Trabalhei. Quando eu terminei o ensino médio e não passei para Economia comecei a procurar emprego, porque eu sabia que tinha que estudar, mas seria legal também se eu trabalhasse, porque queria ganhar o meu dinheiro. Comecei a trabalhar como técnica de urna: quando chega o processo eleitoral tem a manutenção das urnas, e você deve estar de prontidão no dia da eleição. É um emprego temporário, deu certo dinheirinho, mas era sempre temporário. Depois, antes de eu passar, porque eu também não tinha certeza, consegui um emprego em uma locadora de filmes. Fazia tudo, atendia os clientes, mostrava e indicava os filmes, tinha que bater meta de venda de DVD e balinha, limpar o chão, atender telefone, tinha que fazer tudo. É até engraçado e eu acho que é importante para vocês: para conseguir entrar o gerente de pessoas falou para mim “A gente está te contratando porque você fala inglês.” Eu tinha o ensino médio, sabia informática e a galera lá não tinha uma qualificação tão boa quanto a minha, mas ele falou logo de cara que eles estavam me contratando porque eu falava inglês. Aí eu percebi. Aí a gente percebe o problema da cor como interfere, esse diferencial (se chegasse outra pessoa ali talvez eu não estivesse na vaga).

Você era a única funcionária negra?

Era. A única funcionária negra. Tanto é que os próprios clientes, quando entravam na loja, me olhavam de modo estranho, sabe? Depois todos eles passaram a me amar, porque eu indicava os melhores filmes.

E lá você sofreu algum tipo de preconceito?

Sofri. Havia uma gerente sem o grau de qualificação que eu tinha e visivelmente ela era racista, jogava algumas frases. Teve uma vez que eu errei num filme que era para colocar em uma prateleira, coloquei no local errado, ela virou e falou assim: “quando não faz na saída faz na entrada; aliás, quando não faz na entrada faz na saída”.
(FERNANDA)

ENTREVISTAS

Tema: Educação

E hoje em dia esse tipo de reação ainda te machuca, de alguma maneira? Pelo seu modo de falar você demonstra estar bem acostumada a lidar com a postura das pessoas, como acabou de dizer: “eu tenho muita facilidade de dobrar as pessoas, de desconstruir esse estereótipo”.

F.S. – É uma relação até ambígua, machuca, mas ao mesmo tempo consigo transpor. Por exemplo, eu dava aula no estágio do Cefet [Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca] e uma aluna mulata, negra, virou e falou na primeira aula que tive lá: “Todo preto é burro e safado.” Fiquei chocada porque a turma era uma grande maioria branca de olho azul, olho verde. Eu esperava isso de qualquer um deles, e aí essa menina falou isso bem alto, enfática. A professora corrigiu, mas ela nas outras aulas continuou fazendo o mesmo. Aquilo me machucou muito, porque eu já estaria esperando se fosse uma pessoa branca. A professora perguntou: “Fernanda, você não quer falar nada?”

Ocorreu no local em que você faz estágio?

F.S. – Sim, no estágio, no Cefet. A professora perguntou: “Você não quer falar nada?” A primeira reação é de raiva, mas eu não posso reagir com raiva, eu sou a professora, sou a estagiária que quer ser professora, eu não posso xingar a aluna e dizer: “Você é louca.” Então a professora me disse: “Fernanda, fala alguma coisa na próxima aula.” Nisso eu fiz um texto falando de todo o passado histórico dos negros até os dias de hoje, das deficiências e dos problemas por conta da cor.

Citei também os negros que estão na nossa sociedade e que são gerais, advogados, desembargadores, embaixadores do Brasil; citei cada um deles e fiz uma menção a mim mesma enquanto negra, falando da minha graduação e da pós-graduação. A turma toda, quando a aluna falava, ficava quieta, e eu pensava assim: “Caraca, cara, a turma inteira é racista”. Então eu fiz esse texto e li para a turma toda. A professora disse assim: “A Fernanda quer apresentar uma coisa para vocês”, daí eu também peguei um poema do Castro Alves, pedi para todo mundo ler um trecho e comecei a ler o texto. Eu sei que no final, quando terminei de ler – eu até passo para vocês depois, é muito interessante –, todos levantaram e bateram palmas. A minha vontade foi de chorar, porque eu acho que as pessoas não são medidas pela cor, mas pelo caráter, pelas ações. Você não pode olhar para um menino negro e pobre de rua e dizer: “ele é um bandido, é um delinquente”; tem de se ver o passado, a psicologia social da nossa sociedade que influenciará ele estar naquele estrato. Isso daí me machucou bastante. Hoje em dia, quando percebo uma pessoa racista, me choco, mas também me dá uma reação combativa. Eu já penso logo: “O que fazer?” Procurar a delegacia, fazer denúncia contra o racismo vêm logo na minha mente – essas são as primeiras coisas. Não vou dizer que está naturalizado em mim; pelo contrário, ainda continua latente, e sinto uma dor, uma tristeza, porque você sabe que é igual, que você não tem nada de diferente e as pessoas utilizam esse tipo de argumentação para fazer com que você se sinta inferior. (FERNANDA)

ENTREVISTAS

Tema: Trabalho

Você teve algum tipo de dificuldade para se inserir no mercado de trabalho?

A.P. – Não. Sempre foi muito fácil. No começo eu tinha muita dificuldade porque não tinha acesso à internet e para mim era meio distante isso, de aprender uma língua estrangeira, ensinar a língua estrangeira sem ter contato com pessoas de outros lugares. Mas agora é bem mais fácil.

Questões de cor nunca influenciaram na sua vida, em relação a trabalho?

A.P. – Nunca me influenciaram em nada. Ao contrário, eu acho que o que mais influenciou era ser moradora de Nilópolis, influenciava bem mais ser moradora da Baixada.. (AFRA)

Você crê que a questão racial afeta a vida profissional? Como, por exemplo, para a obtenção de emprego.

G.C. – Nunca me afetou, mas eu acredito que afeta sim.

Por quê?

G.C. – Claro, não vou falar que é todo mundo, mas tem gente preconceituosa. Por exemplo: negros que só se sentem confortáveis com negros, pardos que se sentem mais confortáveis com pardos e brancos que se sentem também mais confortáveis com brancos. Há alguns negros que até por questão de honra, quando vão montar uma empresa – eu já vi várias vezes isso –, contratam um monte de negros porque “eles não têm oportunidade” e não sei o quê... Mas por que isso? Acho que todo mundo deve ter o mesmo nível de oportunidade, independente de etnia. (GUILHERME)

ENTREVISTAS

Tema: [Trabalho](#)

Você sentiu alguma dificuldade para ingressar no mercado de trabalho?

J.S. – Não, porque existem trabalhos para pretos e trabalhos para brancos... Se eu tentasse, não conseguiria trabalho como vendedor em uma loja de roupas, porque eles não querem pretos. O meu primeiro trabalho, com 18 anos, foi de operador de telemarketing – aí preto pode, porque a cara da pessoa não aparece, só aparece a voz. Eu não tive dificuldade porque fui até ali meio que inconscientemente, ao lugar onde seria mais fácil conseguir trabalho. Não existia discriminação naquele processo seletivo porque o salário era muito baixo, o trabalho era estressante e a maioria dos brancos não queria; então as vagas sobravam para os pretos, tinha preto “a rodo”.

Às vezes tinha alguma palestra que eu queria assistir ou alguma festinha com a minha turma, ou alguma reunião do movimento negro e eu não podia ir. Depois eu saí. (JÚLIO)

Depois que você entrou na faculdade sentiu alguma ascensão no meio social? Como, por exemplo, para conseguir um emprego melhor?

J.S. – Tem sim. Ainda mais sendo uma universidade pública: as pessoas te veem de um jeito diferente, elas acham que você é muito inteligente porque entrou na universidade pública. A ascensão é porque você começa a frequentar círculos que antes você não tinha acesso.

Na sua turma tem um cara que é filho de algum intelectual famoso; um cara que é um jovem escritor. Então são círculos de amizade, de contatos que você não teria fora da universidade, morando em Bangu. Dentro do movimento negro eu tive contato com intelectuais negros, com escritores, com cineastas que eu não teria se eu não estivesse na universidade. Até o emprego que consegui no Centro Cultural voltado para o cinema africano: eu fui apresentado ao cineasta que era responsável pelo centro pelo Zé Carlos, funcionário da UFRJ, que estudava e me conhecia. Ele sabia que eu gostava de cinema, que já tinha feito curso de cinema, e me apresentou para esse cara, o Zózimo, e eu comecei a trabalhar lá. Tudo é uma questão das pontes que você faz, do networking, como o pessoal fala hoje em dia, que não seria possível fazer em uma faculdade particular lá na Zona Oeste. Por isso a universidade pública te proporciona de certa forma uma ascensão – por mais que a minha vida dê errado eu nunca vou trabalhar com serviços gerais, por exemplo, porque eu tenho uma universidade. Eu posso voltar para o telemarketing, ser segurança, mas serviços gerais não. Eu nunca trabalhei com isso, mas mesmo que tudo dê errado, digamos, que eu perca o emprego, que nasçam trigêmeos e que eu esteja precisando muito de trabalho, eu vou conseguir um trabalho melhor, recebendo mais do que auxiliar de serviços gerais.

ENTREVISTAS

Tema: [Trabalho](#)

Depois que você entrou na faculdade sentiu alguma ascensão no meio social? Como, por exemplo, para conseguir um emprego melhor?

De certa forma ela te dá sim uma ascensão, mas você continua negro, ela não muda a sua cor. Já entrando nessa questão do mercado de trabalho, existe um erro muito grande de alguns intelectuais do “movimento branco” – porque existe um movimento branco também; assim como existe um movimento negro, existe um movimento branco, o movimento da superioridade branca que nega o racismo. Eles sempre colocam o tema do racismo no mercado de trabalho como uma questão de escolaridade, de conhecimento, mas existem funções dentro do mercado de trabalho em que você pode ter o pós-doutorado em Harvard, mas se for preto você não vai conseguir. Um exemplo disso é o vendedor de loja de grife: não precisa ter escolaridade nem o segundo grau completo para vender roupa, mas em uma loja cara no Fashion Mall [shopping], mesmo que eu tenha o doutorado e o pós-doutorado e a minha mulher também, a gente não vai conseguir trabalho ali. Apresentador de televisão, jornalista, é um mercado que, independe da sua escolaridade, não abre portas, ou abre poucas portas.

Eu queria que os intelectuais do movimento branco explicassem isso: por que nos empregos em que a escolaridade não é um fator determinante não existe uma parcela de negros compatível com a parcela existente na população? É uma coisa que ninguém responde. Independente da universidade você continua sendo negro; mesmo sendo rico, milionário, o cara mais bem relacionado, o maior sucesso da sua área, você continuará enfrentando coisas que qualquer negro no dia a dia vai enfrentar. Já o desdobramento depois disso é outra coisa – se eu tomar um tapa na cara de um policial será uma situação; se o Pelé tomar um tapa na cara de um polícia vai ser outra, mas o tapa ele vai tomar. Não o Pelé, porque ele é conhecido, mas se for um executivo negro, dono de uma empresa? Ele vai tomar o tapa na cara do policial; se depois ele conhece o delegado e manda expulsar o policial é outra coisa, mas o tapa virá. As pessoas se enganam, às vezes até os próprios negros, achando que com a ascensão social eles vão embranquecer. Isso é um erro! (JÚLIO)

ENTREVISTAS

Tema: [Ação Política](#)

Você chegou a se envolver com algum dos movimentos?

G.S. – Nenhum. Não gosto de vestir camisa. Acho legal quem tem uma bandeira e uma ideologia e segue firme, mas eu acho que às vezes as pessoas chegam num grau de extremismo, viram “xiitas”, sabe? Tem umas coisas, uns posicionamentos extremados que eu penso que vêm muito com a bandeira, e aí vestem o personagem da bandeira: “Eu sou o movimento negro.” Aí você vira o movimento negro. Já ouvi muita gente, pessoas que não eram negras, contarem: “Fui numa reunião do movimento negro”, e lá escutarem “ah, mais por que é que você está aqui?”. Uma amiga minha passou por isso: “Você não pode estar aqui porque você não é negra.” Isso é um preconceito também, pelo amor de Deus. Dá para militar pela sua causa; claro que é preciso estar conectado com o que está acontecendo, por exemplo: “Vai ter hoje uma manifestação cuja bandeira é contra o racismo” – dependendo do tom da conversa eu posso estar lá, gosto de saber o que está acontecendo para ir. Não visto a camisa e só vou naquilo que o meu partido faz. Tenho que filtrar as coisas para mim. É meio individualista, mas eu me sinto melhor, me sinto mais confortável do que vestir uma camisa e “é isso aí, essa é a minha religião”. Eu não estou a fim do ópio, como diria Marx: “A religião é o ópio do povo.” Não estou a fim dessas religiões que vão surgindo por aí. Quero uma coisa racionalizada – para uns isso é individualismo; para mim é ser racionalizado. (GUILHERME)

Você chegou a contar que os movimentos fizeram você refletir sobre a questão racial e o papel do negro na sociedade; a universidade, por exemplo, foi importante porque ela te apresentou ao movimento negro. Comente um pouco esse processo, os primeiros contatos, as pessoas.

J.S. – Essa é outra coisa contraditória. A universidade, apesar de ser elitista e de ter poucos negros, tem uma média muito maior do que a média das universidades privadas ou do ensino médio de pessoas que, de certa forma, se envolvem em algum tipo de movimento social. Assim, apesar de o IFCS ter poucos alunos negros, uns dois em cada turma, a gente se encontrava, tinha lá, eu peguei no final, mas tinha, o Conei, que era a Comunidade Negra do IFCS.

(...) Eu falei sobre a minha família, sobre o Racionais e os quatro baques que aconteceram na minha vida. Houve o quinto recentemente, depois que saí da universidade. Eu consegui uma bolsa de intercâmbio e fiquei um ano fora do país; fiquei seis meses nos Estados Unidos e depois, como voluntário pelo mesmo programa, fiquei seis meses em Zâmbia, um país da África, na cidade de Mazabu. Esse foi o último grande baque da minha vida, e mudou muito a minha cabeça. O primeiro choque foi comparar o racismo daqui com o racismo dos Estados Unidos.

ENTREVISTAS

Tema: Ação Política

Você chegou a contar que os movimentos fizeram você refletir sobre a questão racial e o papel do negro na sociedade; a universidade, por exemplo, foi importante porque ela te apresentou ao movimento negro. Comente um pouco esse processo, os primeiros contatos, as pessoas.

O movimento branco também não é de dizer isso, porque os racistas são os americanos, no Brasil é legal. A gente saiu do aeroporto aqui do Rio e fizemos uma escala em São Paulo – a quantidade de negros no aeroporto, como passageiros e funcionários das companhias, era mínima. Havia muitos negros varrendo o chão e limpando banheiro. Quando a gente chegou no aeroporto de Nova York foi outro choque: o cara da alfândega, do FBI eram negros; um monte de diplomatas (porque tinha a fila dos diplomatas) eram negros; no aeroporto tinha indianos, africanos, americanos negros e brancos, latinos trabalhando. Todas essas raças representadas, e em Nova York, que é o centro social do mundo ocidental. Aí eu comecei a rever os meus conceitos. Por que no Brasil não pode ser assim também, já que a parcela da população negra no Brasil é bem maior que nos Estados Unidos? Comecei a ver negros em carrões, famílias negras bem-sucedidas em boas casas, bairros negros bem estruturados, não só o Harlem e o Bronx, comunidades negras bem-estruturadas, uma diferença muito grande na representação dos negros da televisão de lá e daqui. E quando voltei para o Brasil deu aquele choque de novo, porque voltei à realidade.

Me senti sozinho no aeroporto, eu e minha mulher lá, e quase nenhum negro, só com uniforme de limpador. No avião, para você ver a quantidade mínima de negros que tem, a aeromoça às vezes vinha falar comigo em inglês, achando que eu era americano, porque acha que é impossível um negro brasileiro estar ali.

(...) Sem falar nas aeromoças, todas loirinhas e com cabelo amarradinho. Eu vim para cá, fiquei dez dias e voltei, daí fomos para Zâmbia direto. Outro baque, South África Airways, a empresa aérea que levou a gente. A maioria das aeromoças era negra, o piloto era negro e um monte de passageiros também eram negros. Fomos muito bem tratados, e isso nos emocionou muito, porque essa escola lá nos Estados Unidos manda muitos voluntários brancos também – só que eu e a Carol éramos negros. Muitas vezes os zambianos sabiam que a gente não era de lá, até pelas feições, porque tem a questão dos povos, e eles conseguem se identificar muito melhor do que nós. Mas eles sabiam que a gente de alguma forma éramos mais próximos deles do que os brancos que vinham também, então sempre fomos muito bem tratados. Havia relato de alguns voluntários brancos que passaram sufoco, que foram roubados, maltratados. Isso nos deu também um sentimento para além da questão negra brasileira, a sensação de que essa é uma questão global. Tem os negros que estão mais bem-sucedidos nos Estados Unidos, mas lá também eles enfrentam alguns problemas, não é cem por cento garantido.

ENTREVISTAS

Tema: Ação Política

Você chegou a contar que os movimentos fizeram você refletir sobre a questão racial e o papel do negro na sociedade; a universidade, por exemplo, foi importante porque ela te apresentou ao movimento negro. Comente um pouco esse processo, os primeiros contatos, as pessoas.

Então eu considerei a viagem à África como um retorno também: a gente sabe que saiu da África, mas não sabemos exatamente de onde saímos, diferentemente da maioria dos brancos, que sabe: “meu tataravô é italiano”, “meu bisavô é da Suíça” – por conta do processo histórico brasileiro não deixaram essa possibilidade para a gente. Eu me senti muito bem lá, me senti no meio dos meus irmãos, apesar de não ter o sobrenome de zambiano, porque o sobrenome da família lá é muito importante. Eu era tratado como um irmão, parecia que eu era tratado como um africano de outro país: “ele é da Angola, Moçambique, da Nigéria, mas ele é nosso irmão”, diferente do que acontecia com os brancos. Essa viagem foi o último baque da minha vida, até hoje, e foi muito positiva. Casamos lá, eu e a minha noiva. A gente fez uma cerimônia tradicional, e o pessoal nos ajudou muito, passou alguns segredos, com todas as tradições africanas do casamento. Antes do casamento tinha que ficar um dia separado, então a Carol foi para o outro lado com as mulheres de lá, elas dando conselhos. Eu me senti em casa, me senti muito bem. Eu aconselho a todo negro e toda negra que um dia tiver a oportunidade, de visitar o continente.

É legal. Eu voltei com outra perspectiva, continuo me considerando membro do movimento negro, mas voltei sem emprego nenhum. E a questão da minha militância, ela hoje se dá no dia a dia do trabalho. Estou trabalhando agora, e no contato com a população que atendo vou tentando exercer a minha militância também. Hoje em dia eu sou um militante mais tranquilo, tento participar o máximo possível, mas o tempo não me dá mais essa oportunidade. Mas continuo respeitando muito o movimento negro. (JÚLIO)

Você tinha consciência da sua negritude? Era algo comentado na sua família?

L.S. – Sim. A partir do momento em que eu e meu irmão começamos a nos engajar no movimento negro, a discussão veio à tona.

Então ela não era feita antes?

L.S. – Não. Não era feita porque, apesar das atitudes racistas que a gente tinha pela frente, tínhamos o escudo do meu pai. Meu irmão, por exemplo, teve um problema na esquina; ele já era estudante de Medicina e desacatou o policial, escudado pelo meu pai empurrou o tenente lá da patame, e foi todo mundo para a delegacia, meu pai foi lá, e o cara: “Sossega aí que eu já vou liberar o seu filho. Eu só não libero aquele ali que é o mais exaltado”, “Pois é, aquele ali que é o meu filho”, “Ah tá, não se preocupe, a gente libera todo mundo agora.” A coisa funcionava mais ou menos assim.

ENTREVISTAS

Tema: Ação Política

Apartir do momento em que descobriram que ele era militar.

L.S. – Era época da ditadura e, apesar de o meu pai estar na reserva, ele era militar, tinha influência, conhecia os generais todos. Por exemplo: nós temos uma casa de veraneio em Itacuruçá. Meu irmão quando novo, com uns 20 anos, o Lauro, foi para lá, e lá a gente anda de chinelo, camiseta e short. Ele saiu de Itacuruçá e foi para Muriqui, que é a cidade do lado e dá para ir a pé. O policial da cidade – devia haver um ou dois policiais na cidade – pediu o documento e ele respondeu: “Não tenho documento não”; então pediram “carteira de trabalho”; e ele falou: “não tenho carteira de trabalho não, sou estudante”. A resposta foi: “Negativo. Está preso por vadiagem!”, e levou ele para a delegacia.

Quando você entrou no movimento negro, seus pais te apoiaram?

L.S. – Não. Era uma época em que o movimento negro era clandestino, uma época de ditadura militar, sumiam pessoas, nós tínhamos ciência de gente infiltrada no movimento negro para colher informações e repassar para os órgãos de repressão. Não existe pai que apoie uma coisa dessas. Um pai não apoia o filho estar em risco, e não entrava em discussão a causa, mas sim o risco em que estavam entrando os filhos. Se é certo ou errado, o que é ou deixa de ser, isso é outra coisa. (LÚCIO)

ENTREVISTAS

Tema: Preconceito

E você, sofreu algum preconceito?

E.F.: Sim, na escola sofri muitos preconceitos. Porque o que acontecia: eu era menina, negra, magricela, feia, né...?, e de cabelo duro [risos]. E aí... me davam apelidos. Eu era mais observada nas minhas coisas porque eu tinha poucas colegas. Justamente porque as meninas mais contatadas eram aquelas meninas de cabelo liso, de rabo de cavalo. Era uma coisa que até hoje a gente vê nas escolas por aí. Só que naquele tempo, eu não vou dizer que era pior, porque era a mesma coisa. Eu não acho que era pior naquele tempo não, porque hoje ainda existe muito preconceito. Só que hoje em dia está tudo é mais mascarado. Mas naquele tempo chamavam mesmo de “negrinha”, de “pretinha”: “Ah, não quero brincar com você porque você é preta.” Hoje em dia você pode resolver isso de outras maneiras, há outras formas de punir esse tipo de comportamento. Mas na minha época não se punia; ficava por isso mesmo.

E naquela época, como você lidava com o problema?

E.F.: Ah, eu chorava e ficava triste. E ainda tinha outro preconceito, que era o da pobreza. Eu lembro que lá em casa nós tínhamos o sapato de sair e o sapato de ir para escola. E não se misturava as coisas. E lembro que tive de ir a uma festa junina com uma sandália remendada que arrebentou no meio da festa. Aí já era outro problema, porque até para eu conseguir um parceiro na festa era complicado, porque não era todo mundo que queria ser meu par. Porque, afinal de contas, a questão do racismo era muito presente. Essa festa hoje eu lembro justamente porque marcou muito a questão do preconceito. (ELIETE)

ENTREVISTAS

Tema: Preconceito

Enaquela época, como você lidava com o problema?

G.C. – Uma vez eu estava em uma clínica particular (o plano de saúde cobria uma clínica um pouquinho mais requintada). Estavam lá uns senhorezinhos bem vestidinhos, roupinha social. Tinha um senhor branco. Então, quando cheguei com a minha mãe, sentei e ele ficou me olhando o maior tempão assim, como se dissesse: “O que você está fazendo aqui?” É um dos poucos casos que eu lembro. Teve outro, esse é engraçado. Eu estava discutindo com uma menina, a gente devia ter uns 11 anos, ela ficou muito zangada e falou: “Pelo menos eu não sou negra.” Essa acho que foi uma das piores que eu já passei. Tinha muita gente por perto, muitas pessoas recriminaram ela, mas eu continuei lá muito zangado, não entendi nada. O engraçado é que passou um ano e ela ficou comigo.

A partir de que idade você começou a perceber o preconceito?

G.C. – Bem novo. Quando você é criança tem mãe que não deixa o filho brincar com criança negra, porque já imagina que a criança negra vai falar palavrão e o filho branquinho vai ouvir e copiar. Um garoto branco correndo na rua sem camisa: tranquilo. Se é um garoto negro correndo sem camisa na rua, é um pivetinho, é um pé-sujo. (GUILHERME)

Houve esse tipo de problema na sua família, preconceito com relação ao seu marido, por ele ser mais negro?

A.P. – Teve pelo meu pai e pela minha madrasta. Minha madrasta é muito nojenta. Teve um dia, Dia de Zumbi, que é o dia da afirmação negra, dia da consciência negra.

Em 20 de novembro?

A.P. – É. Eu saí com umas trancinhas na rua. Só aqui, na frente do cabelo. Nossa, ela teve um ataque quando me viu assim. Ela se casou com o meu pai só porque ele era advogado, e queria que eu casasse ou com um advogado, ou com um médico, ou com um oficial das Forças Armadas. Ela já tinha isso para mim. Então nesse dia ela disse que se eu arrumasse um namorado negro ela faria como fez com não-sei-quem-lá da família dela. Ia comprar um pacotinho de “tic tac” já para eu ir treinando fazer as trancinhas nos cabelos dos meus filhos. Ela era muito insuportável. Uma vez, sobre um angolano meio bonitinho na faculdade, nossa, ela começou a falar: “Toma cuidado porque angolano tem Aids.” (AFRA)

ENTREVISTAS

Tema: Preconceito

Você afirmou que irá cursar **Relações Internacionais**. Qual é a sua percepção sobre o preconceito racial, partindo do princípio de que o seu objetivo será relacionar-se com muitos povos diferentes, muitos países, muitas origens étnicas?

E.L. – A sociedade, pensando no Brasil, tem tentado acabar com isso, ou pelo menos diminuir, mas eu acho que a forma como ela vem fazendo não é muito eficaz, porque parte de modos judiciais. Deveria ser mais social, do tipo: “Gente, não é para fazer assim, não é para pensar dessa forma”; modificar a ideia, a crença histórica e atual que nós temos de que os brancos são melhores ou superiores aos negros. Naquela época tudo bem, era uma mentalidade diferente, mas agora nós temos que perceber que não é mais aquela mesma. Pelo contexto social daquela época não era justificável, mas era de certa forma aceitável, porque eles não tinham conhecimento. Mas nós temos, então devemos pelo menos tentar mudar isso. Não vai ser uma coisa rápida, porque são ideias, são conceitos muito antigos e estão muito enraizados na sociedade e na cultura. Acabar com isso não vai ser fácil, mas existem formas, é só quererem. Há políticos, nesse caso, que não possuem essa vontade de mudar; querem deixar como está e não se importam.

E no âmbito internacional o preconceito ainda é muito forte, muito mesmo, principalmente na Europa, na França – pensando assim, preconceito contra os negros é um absurdo, pois a França teve colônias africanas, e os negros são considerados franceses, têm a nacionalidade da França. Eles são botados de lado em bairros, como nos Estados Unidos, no Brooklyn, que é um bairro historicamente negro. Acho que aqui a gente pelo menos está tentando mudar isso aos poucos, mas lá fora é muito mais visível. (ELISA)

Existe preconceito racial?

G.S - O preconceito racial vem velado, de uma forma que é sempre: “pretinho de alma branca”, sempre escondido, disfarçado numa piada, é na sutileza e quem faz nem percebe. Por isso, quando medimos nas pesquisas 99% das pessoas dizem que não conhecem alguém que sofreu preconceito, 99% das pessoas dizem que nunca sofreram preconceito, 99% das pessoas dizem que não são racistas... Tem alguma coisa errada, e percebo que é na sutileza. Essa mulher que me dizia que eu era um pretinho de alma branca, ela me chamava de sobrinho, mas meu mérito vinha da minha alma, que é branca. As pessoas não veem que são preconceituosas; é surreal, tão arraigado – Bourdieu diria que está no habitus, eu acho. É surreal. (GUILHERME)

ENTREVISTAS

Tema: Preconceito

Existe o racismo, mas existe também o preconceito de classe? Ou: quanto difere você ser pobre e negro na universidade ou você ser pobre e branco?

F.S. – Isso aí eu acho que é até a minha tese de doutorado, porque o Florestan [Fernandes] falava exatamente sobre raça e classe, e ele toca na questão da classe subalterna do negro. Mas ele culpa o negro por ser negro e estar naquela posição. Eu já acredito ser por conta do passado escravista que o negro entrou de forma subalterna. Outra tese que eu tenho é de um fenômeno imbricado, ou seja, entre raça e classe. Mas como vou colocar isso em linhas mais claras? Mesmo você sendo negro e tendo dinheiro, sofre racismo. Tem esse problema, as pessoas te olham, uma negra rica, por exemplo, as pessoas vão olhar para ela: “ela é rica, mas ela é negra”; e uma negra pobre: “ela é negra e ela é pobre”. O peso é muito maior, é uma relação imbricada, não dá para distanciar raça e classe, os dois andam juntos, mesmo que haja mobilidade. (FERNANDA)

Na sua experiência pessoal você sentiu o mesmo?

F.S. – Exatamente. Os meus amigos tinham aquela coisa: como eu vinha de uma família melhor de renda por conta da minha mãe, eles me olhavam assim, “Fernanda usa o creme tal, não é o Monange, não é a marca mais barata”, “Fernanda usa a roupa tal, Fernanda sempre bem arrumada.” Daí vinha a questão da classe – ela é uma negra, mas não é uma negra pobre. Mas ela não deixa de ser negra. Acho que se eu fosse rica ou branca não faria tanta diferença. “A pele dela é macia, o cabelo dela é mais macio”, eu já ouvi isso, sabe? “Você é negra, mas é bonita” está sempre ali, nunca deixa de estar no discurso.

Você crê na existência de uma contradição que não deveria existir?

F.S. – Exatamente. Os dois estão juntos, tanto a raça quanto a classe; eles andam juntos. Se você sana um problema, o outro é evidenciado. É como se fosse “negro e pobre” sempre ali. Só que se um deles muda, principalmente de classe, continua o negro. (FERNANDA)

ENTREVISTAS

Tema: Preconceito

Ea questão do gênero e o preconceito?

F.S. – Do gênero, o que eu percebo bastante, e já ouvi mais foi... Principalmente no ensino médio, eu já fiquei com várias pessoas brancas, e eles viravam e falavam assim – eles não, mas as amigas, as outras pessoas, falavam assim: “ele não é racista não” ou “fica com ele, ele não é racista não” e eu estranhava, “como assim?”. Tipo: “Você tem uma oportunidade.” Outra coisa são os próprios negros. Eu nunca me relacionei com um homem negro; eu não sei, eles olham para mim assim e nenhum deles chegou nunca perto para falar. Chegaram como amigos, mas nunca nenhum se manifestou para ficar comigo. Não sei se transpareço algo contra eles... Mas nunca fiquei com um homem negro, embora sempre quisesse. Houve uma vez, em uma festa, que tinha um homem lindo e negro; e eu quis ficar com ele, mas ele me esnobou. Essa foi a experiência de gênero que eu acho mais interessante. E até mesmo tem me levado a imaginar se às vezes eles se os homens aproximam das negras por conta do imaginário “quente” ou sei lá o quê, ou se é por gostar mesmo. (FERNANDA)

Costuma-se dizer que os negros são tratados de forma diferenciada em certos lugares. Você mesmo o afirmou, que foi tratado diferentemente nas lojas. Recorda de mais algum outro lugar, em restaurante, em festa ou até mesmo na rua?

D.S. – Uma vez eu andava pela região do Catumbi, umas onze da noite, voltando do meu pré-vestibular. Lembro que fui parado pela polícia, os policiais me revistaram, verificaram que eu não tinha nada e me liberaram. Eu acho que se fosse qualquer outra pessoa no meu lugar, não teria ocorrido o que ocorreu.

Por quê?

D.S. – Porque, digamos que eu usava umas vestimentas meio suspeitas.

E o que seriam vestimentas suspeitas?

D.S. – De bermuda, chinelo, camisa regata e uma touca na cabeça.

Você acha que se fosse uma pessoa branca com esses tipos de vestimentas a polícia teria parado?

D.S. – Sinceramente eu acho que não.

ENTREVISTAS

Tema: Preconceito

Então, você crê realmente que a sua vestimenta influenciou?

D.S. – A minha vestimenta e a minha cor.

Isso é uma forma de preconceito?

D.S. – É uma forma, sim. (DANIEL)

As pessoas tratam de modo diferenciado uma pessoa branca e uma pessoa negra?

D.S. – Não digo que são todos que tratam, mas grande parte diferencia sim. Cada um tem o seu ponto de vista.

Você já presenciou algum fato assim? Recorda de algum caso?

D.S. – Por exemplo, normalmente, quando pego um ônibus. Estou eu no ônibus sentado e o ônibus vai enchendo. Uma coisa que reparo muito é que as pessoas evitam sentar ao meu lado, porque acham por algum motivo que eu posso prejudicá-las, roubá-las ou fazer algo de ruim com elas. Só sentam quando há necessidade, ou quando veem que não tem outro jeito, ou vai sentar do meu lado ou vai em pé.

(DANIEL)

ENTREVISTAS

Tema: Preconceito

Como foi sua trajetória até a universidade?

L.S. - Antes de entrar para a universidade eu falava inglês. Me preparei, fiz o teste de inglês para estrangeiro, o TOEFL, para ir para uma universidade nos Estados Unidos. Nessa época eu recebi aqui no Rio, foi até um pedido do Jimmy (dar sobrenome entre colchetes, indicar a pessoa), o primeiro grupo de afro-americanos que veio fazer turismo no Brasil. Ficaram hospedados no Othon (...). Tinha um cara que era Pantera Negra e que estava nesse grupo com a avó, e ele me contou muita coisa sobre os Panteras Negras.

Ele ficava assustado ali em Copacabana e falava assim: “Vem cá, essa moça negra empurrando o carrinho não é a mãe desse garoto branco? O que ela está fazendo?”; eu disse: “Ela é babá”, “Vocês deixam essa porra aqui? Vocês têm que chamar a atenção do mundo. Sai minando tudo isso e destrói essa porra, e diz lá: chega de discriminação!”; aí eu falei: “Cara, não é assim não”, e ele falou: “Mas tem que ser assim!” Teve até um lance engraçado: nós conversávamos e ele me chamou: “Vamos comer alguma coisa no restaurante do hotel?”, nós descemos, sentamos e escolhemos o que queríamos. Eu: “Pode deixar que eu peço”; daí cheguei para a garçonete e falei: “Me dá isso, isso e isso”. Então a menina parou e arregalou o olho: “O senhor fala português muito bem!”, “Eu não sou americano não, sou brasileiro”, e ela: “Deixa de onda”. Conte para ele e o cara morreu de rir. “Pois é, eu não sou mais brasileiro porque brasileiro não pode estar aqui.” (LÚCIO)

PRÓ COTAS RACIAIS

Junto ao CD do Projeto CESA-UFRJ poderão ser encontrados os seguintes textos pró cotas raciais para leitura e o encaminhamento da discussão em sala de aula:

- ★ ["10 mitos sobre as cotas" - da Série Dados e Debates do Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira do LPP/UERJ](#)
- ★ ["Manifesto em favor da lei de cotas e do Estatuto da igualdade racial"](#)
- ★ ["O bom combate" - sobre a decisão do STF 2012 no blog da Miriam Leitão](#)
- ★ ["Porque sou a favor das cotas" - do blog do Capitão Marinho](#)

CONTRA COTAS RACIAIS

Junto ao CD do Projeto CESA-UFRJ poderão ser encontrados os seguintes textos contra cotas raciais para leitura e o encaminhamento da discussão em sala de aula:

- ★ ["Dez motivos para ser contra as cotas" - Bernardo Lewgoy](#)
- ★ ["Cento e treze cidadãos contra as leis raciais"](#)
- ★ ["Cotas e a cisão racial no Brasil" - de Yvonne Maggie](#)
- ★ ["Porque eu sou contra as cotas nas universidades brasileiras?" - por Maria Beatriz Lobo](#)

10 mitos sobre as cotas

Tema: [Educação](#)

- 1 **As cotas ferem o princípio da igualdade, tal como definido no art. 5º da Constituição, pelo qual “todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza”. São, portanto, inconstitucionais.**

Na visão, entre outros juristas, dos Ministros do STF, Marco Aurélio de Mello e Joaquim Barbosa Gomes, o princípio constitucional da igualdade, contido no art. 5º, refere-se à igualdade formal de todos os cidadãos perante a lei. A igualdade de fato é tão-somente um alvo a ser atingido, devendo ser promovida, garantindo a igualdade de oportunidades como manda o art. 3º da mesma Constituição Federal. As políticas públicas de afirmação de direitos são, portanto, constitucionais e absolutamente necessárias.

- 2 **As cotas subvertem o princípio do mérito acadêmico, único requisito que deve ser contemplado para o acesso à universidade.**

Vivemos numa das sociedades mais injustas do planeta, onde o “mérito acadêmico” é apresentado como o resultado de avaliações objetivas e não contaminadas pela profunda desigualdade social existente. O vestibular está longe de ser uma prova equânime que classifica os alunos segundo sua inteligência. As oportunidades sociais ampliam e multiplicam as oportunidades educacionais. Os pobres não passam no vestibular porque, sendo pobres, sempre tiveram poucas oportunidades, não porque não o “merecem”. Políticas públicas de reparação dessas injustiças são um imperativo ético numa democracia efetiva.

3 As cotas constituem uma medida inócua, porque o verdadeiro problema é a péssima qualidade do ensino público no país.

É um grande erro pensar que, no campo das políticas públicas democráticas, os avanços se produzem por etapas seqüenciais: primeiro melhora a qualidade da educação básica e depois se democratiza a universidade. Este é um argumento que só pode contentar aos que já tiveram oportunidade de acesso ao ensino superior. Ambos os desafios são urgentes e precisam ser assumidos enfaticamente de forma simultânea. A educação deve melhorar sua qualidade (em todos os níveis) e ser mais democrática (também em todos os níveis).

4 As cotas baixam o nível acadêmico das nossas universidades.

Diversos estudos mostram que, nas universidades onde as cotas foram implementadas, não houve perda da qualidade do ensino. Os cotistas, como todos os alunos, especialmente os mais pobres, enfrentam problemas quando as universidades não dispõem de bibliotecas bem equipadas, de laboratórios de informática, de bandejão ou de uma política de assistência que permita atender às demandas de apoio que toda boa universidade deve oferecer à comunidade estudantil. Mas isto diz respeito à crise das nossas universidades públicas e ao abandono a que foram submetidas historicamente pelos governos, não à impossibilidade de que os alunos e alunas cotistas possam atingir um desempenho acadêmico igual ao de qualquer outro aluno ou aluna. Universidades que adotaram cotas (como a UNEB, UNB, UFBA e UERJ) demonstraram que o desempenho acadêmico entre cotistas e não cotistas é muito semelhante, não havendo diferenças consideráveis. Por outro lado, como também evidenciam numerosas pesquisas, o estímulo e a motivação são fundamentais para o bom desempenho acadêmico. É esta extraordinária força de vontade que faz com que jovens de origem muito pobre, sendo os primeiros de toda sua história familiar em entrar numa universidade, consigam ter um desempenho acadêmico de excelência nos seus estudos universitários. As cotas melhoram a qualidade social das nossas universidades.

5 **A sociedade brasileira é contra as cotas.**

Diversas pesquisas de opinião mostram que houve um progressivo e contundente reconhecimento da importância das cotas na sociedade brasileira. Mais da metade dos reitores e reitoras das universidades federais, segundo ANDIFES, já é favorável às cotas. Pesquisas realizadas pelo Programa Políticas da Cor, na ANPED e na ANPOCS, duas das mais importantes associações científicas do Brasil, bem como em diversas universidades públicas, mostram o apoio da comunidade acadêmica às cotas, inclusive entre os professores dos cursos denominados “mais competitivos” (medicina, direito, engenharia, etc.). Alguns meios de comunicação e alguns jornalistas têm fustigado as políticas afirmativas e, particularmente, as cotas. Mas isso não significa, obviamente, que a sociedade brasileira as rejeita.

6 **As cotas não podem incluir critérios raciais ou étnicos devido ao alto grau de miscigenação da sociedade brasileira, que impossibilita distinguir quem é negro ou branco no país.**

Somos, sem dúvida nenhuma, uma sociedade mestiça, mas o valor dessa mestiçagem é meramente retórico no Brasil. Na cotidianidade, as pessoas são discriminadas pela sua cor, sua etnia, sua origem, seu sotaque, seu sexo e sua opção sexual. Quando se trata de fazer uma política pública de afirmação de direitos, nossa cor magicamente se desmancha. Mas, quando pretendemos obter um emprego, uma vaga na universidade ou, simplesmente, não ser constrangidos por arbitrariedades de todo tipo, nossa cor torna-se um fator crucial para a vantagem de alguns e desvantagem de outros. A população negra é discriminada porque grande parte dela é pobre, mas também pela cor da sua pele. No Brasil, quase a metade da população é negra. E grande parte dela é pobre, discriminada e excluída. Isto não é uma mera coincidência.

7 **As cotas vão favorecer aos negros e discriminar ainda mais aos brancos pobres.**

Esta é, quiçá, uma das mais perversas falácias contra as cotas. O projeto atualmente tramitado na Câmara dos Deputados, PL 73/99, já aprovado na Comissão de Constituição e Justiça, favorece os alunos e alunas oriundos das escolas públicas, colocando como requisito uma representatividade racial e étnica equivalente à existente na região onde está situada cada universidade. Trata-se de uma criativa proposta onde se combinam os critérios sociais, raciais e étnicos. É curioso que setores que nunca defenderam o interesse dos setores populares ataquem as cotas porque agora, segundo dizem, os pobres perderão oportunidades que nunca lhes foram oferecidas. O Projeto de Lei 73/99 é um avanço fundamental na construção da justiça social no País e na luta contra a discriminação social, racial e étnica.

8 **As cotas vão fazer da nossa, uma sociedade racista.**

O Brasil está longe de ser uma democracia racial. No mercado de trabalho, na política, na educação, em todos os âmbitos, os negros e negras têm menos oportunidades e possibilidades que a população branca. O racismo no Brasil está imbricado nas instituições públicas e privadas. E age de forma silenciosa. As cotas não criam o racismo. Ele já existe. As cotas ajudam a colocar em debate sua perversa presença, funcionando como uma efetiva medida anti-racista.

9 As cotas são inúteis porque o problema não é o acesso, senão a permanência.

Mais uma vez, o pensamento dicotômico obscurece mais do que ajuda à formulação de uma política pública democrática. Cotas e estratégias efetivas de permanência fazem parte de uma mesma política pública. Não se trata de fazer uma ou outra, senão ambas. Não se trata de fazer uma escolha entre elas, senão de pensá-las juntas. As cotas não solucionam todos os problemas da universidade, são apenas uma ferramenta eficaz na democratização das oportunidades de acesso ao ensino superior para um amplo setor da sociedade excluído historicamente do mesmo. É evidente que as cotas, sem uma política de permanência, correm sérios riscos de não atingir sua meta democrática. Porém, isto não faz senão reafirmar a importância de uma reforma mais ampla do ensino superior brasileiro, onde qualidade e quantidade não sejam colocadas como dinâmicas contraditórias ou contrapostas; onde excelência e privilégio sejam termos contrapostos e não, como sempre foram, componentes de uma mesma prática discriminatória. Mais e melhores universidades públicas para todos e todas. Esse deveria ser o nosso lema. Nosso compromisso ético e político.

10 As cotas são prejudiciais para os próprios negros, já que os estigmatizam como sendo incompetentes e não merecedores do lugar que ocupam nas universidades.

Argumentações deste tipo não são freqüentes entre a população negra e, menos ainda, entre os alunos e alunas cotistas. As cotas são consideradas por eles, como uma vitória democrática, não como uma derrota na sua auto-estima. Ser cotista é hoje um orgulho para estes alunos e alunas. Porque, nessa condição, há um passado de lutas, de sofrimento, de derrotas e, também, de conquistas. Há um compromisso assumido. Há um direito realizado. Hoje, como no passado, os grupos excluídos e discriminados se sentem mais e não menos reconhecidos socialmente quando seus direitos são afirmados, quando a lei cria condições efetivas para lutar contra as diversas formas de segregação. A multiplicação, nas nossas universidades, de alunos e alunas pobres, de jovens negros e negras, de filhos e filhas das mais diversas comunidades indígenas é um orgulho para todos eles. E deveria sê-lo para todos os brasileiros e brasileiras de boa vontade.

Manifesto em favor da lei de cotas e do estatuto da igualdade racial”

Aos/as deputados/as e senadores/as do Congresso brasileiro

A desigualdade racial no Brasil tem fortes raízes históricas e esta realidade não será alterada significativamente sem a aplicação de políticas públicas específicas. A Constituição de 1891 facilitou a reprodução do racismo ao decretar uma igualdade puramente formal entre todos os cidadãos. A população negra acabava de ser colocada em uma situação de completa exclusão em termos de acesso à terra, à instrução e ao mercado de trabalho para competir com os brancos diante de uma nova realidade econômica que se instalava no país. Enquanto se dizia que todos eram iguais na letra da lei, várias políticas de incentivo e apoio diferenciado, que hoje podem ser lidas como ações afirmativas, foram aplicadas para estimular a imigração de europeus para o Brasil.

Esse mesmo racismo estatal foi reproduzido e intensificado na sociedade brasileira ao longo de todo o século vinte. Uma série de dados oficiais sistematizados pelo IPEA no ano 2001 resume o padrão brasileiro de desigualdade racial: por 4 gerações ininterruptas, pretos e pardos têm contado com menos escolaridade, menos salário, menos acesso à saúde, menor índice de emprego, piores condições de moradia, quando contrastados com os brancos e asiáticos. Estudos desenvolvidos nos últimos anos por outros organismos estatais demonstram claramente que a ascensão social e econômica no país passa necessariamente pelo acesso ao ensino superior.

Foi a constatação da extrema exclusão dos jovens negros e indígenas das universidades que impulsionou a atual luta nacional

pelos cotas, cujo marco foi a Marcha Zumbi dos Palmares pela Vida, em 20 de novembro de 1995, encampada por uma ampla frente de solidariedade entre acadêmicos negros e brancos, coletivos de estudantes negros, cursinhos pré-vestibulares para afrodescendentes e pobres e movimentos negros da sociedade civil, estudantes e líderes indígenas, além de outros setores solidários, como jornalistas, líderes religiosos e figuras políticas -- boa parte dos quais subscreve o presente documento. A justiça e o imperativo moral dessa causa encontraram ressonância nos últimos governos, o que resultou em políticas públicas concretas, dentre elas: a criação do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, de 1995; as primeiras ações afirmativas no âmbito dos Ministérios, em 2001; a criação da Secretaria Especial para Promoção de Políticas da Igualdade Racial (SEPPIR), em 2003; e, finalmente, a proposta dos atuais Projetos de Lei que estabelecem cotas para estudantes negros oriundos da escola pública em todas as universidades federais brasileiras, e o Estatuto da Igualdade Racial.

O PL 73/99 (ou Lei de Cotas) deve ser compreendido como uma resposta coerente e responsável do Estado brasileiro aos vários instrumentos jurídicos internacionais a que aderiu, tais como a Convenção da ONU para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (CERD), de 1969, e, mais recentemente, ao Plano de Ação de Durban, resultante da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, ocorrida em Durban, na África do Sul, em 2001. O Plano de Ação de Durban corrobora a ênfase, já colocada pela CERD, de adoção de ações afirmativas como um mecanismo importante na construção da igualdade racial, uma vez aqui que as ações afirmativas para minorias étnicas e raciais já se efetivam em inúmeros países multi-étnicos e multi-raciais semelhantes ao

Tema: Educação

Brasil. Foram incluídas na Constituição da Índia, em 1949; adotadas pelo Estado da Malásia desde 1968; nos Estados Unidos desde 1972; na África do Sul, em 1994; e desde então no Canadá, na Austrália, na Nova Zelândia, na Colômbia e no México. Existe uma forte expectativa internacional de que o Estado brasileiro finalmente implemente políticas consistentes de ações afirmativas, inclusive porque o país conta com a segunda maior população negra do planeta e deve reparar as assimetrias promovidas pela intervenção do Estado da Primeira República com leis que outorgaram benefícios especiais aos europeus recém chegados, negando explicitamente os mesmos benefícios à população afro-brasileira.

Colocando o sistema acadêmico brasileiro em uma perspectiva internacional, concluímos que nosso quadro de exclusão racial no ensino superior é um dos mais extremos do mundo. Para se ter uma idéia da desigualdade racial brasileira, lembremos que, mesmo nos dias do apartheid, os negros da África do Sul contavam com uma escolaridade média maior que a dos negros no Brasil no ano 2000; a porcentagem de professores negros nas universidades sul-africanas, ainda na época do apartheid, era bem maior que a porcentagem dos professores negros nas nossas universidades públicas nos dias atuais. A porcentagem média de docentes nas universidades públicas brasileiras não chega a 1%, em um país onde os negros conformam 45,6 % do total da população. Se os Deputados e Senadores, no seu papel de traduzir as demandas da sociedade brasileira em políticas de Estado não intervierem aprovando o PL 73/99 e o Estatuto, os mecanismos de exclusão racial embutidos no suposto universalismo do estado republicano provavelmente nos levarão a atravessar todo o século XXI como um dos sistemas universitários mais segregados étnica e racialmente do planeta! E, pior ainda, estaremos condenando mais uma geração inteira de secundaristas negros a ficar fora das universidades, pois, segundo estudos do IPEA, serão necessários 30 anos para que a população negra alcance a

escolaridade média dos brancos de hoje, caso nenhuma política específica de promoção da igualdade racial na educação seja adotada. Para que nossas universidades públicas cumpram verdadeiramente sua função republicana e social em uma sociedade multi-étnica e multi-racial, deverão algum dia refletir as porcentagens de brancos, negros e indígenas do país em todos os graus da hierarquia acadêmica: na graduação, no mestrado, no doutorado, na carreira de docente e na carreira de pesquisador.

No caminho da construção dessa igualdade étnica e racial, somente nos últimos 4 anos, mais de 30 universidades e Instituições de Ensino Superior públicas, entre federais e estaduais, já implementaram cotas para estudantes negros, indígenas e alunos da rede pública nos seus vestibulares e a maioria adotou essa medida após debates no interior dos seus espaços acadêmicos. Outras 15 instituições públicas estão prestes a adotar políticas semelhantes. Todos os estudos de que dispomos já nos permitem afirmar com segurança que o rendimento acadêmico dos cotistas é, em geral, igual ou superior ao rendimento dos alunos que entraram pelo sistema universal. Esse dado é importante porque desmonta um preconceito muito difundido de que as cotas conduziram a um rebaixamento da qualidade acadêmica das universidades. Isso simplesmente não se confirmou! Uma vez tida a oportunidade de acesso diferenciado (e insistimos que se trata de cotas de entrada e não de saída), o rendimento dos estudantes negros não se distingue do rendimento dos estudantes brancos.

Outro argumento muito comum usado por aqueles que são contra as políticas de inclusão de estudantes negros por intermédio de cotas é que haveria um acirramento dos conflitos raciais nas universidades. Muito distante desse panorama alarmista, os casos de racismo que têm surgido após a implementação das cotas têm sido enfrentados e resolvidos no interior das comunidades

Tema: Educação

acadêmicas, em geral com transparência e eficácia maiores do que havia antes das cotas. Nesse sentido, a prática das cotas tem contribuído para combater o clima de impunidade diante da discriminação racial no meio universitário. Mais ainda, as múltiplas experiências de cotas em andamento nos últimos 4 anos contribuíram para a formação de uma rede de especialistas e de uma base de dados acumulada que facilitará a implementação, a nível nacional, da Lei de Cotas.

Para que tenhamos uma noção da escala de abrangência dessas leis a serem votadas o PL 73/99, que reserva vagas na graduação, é uma medida ainda tímida: garantirá uma média nacional mínima de 22,5% de vagas nas universidades públicas para um grupo humano que representa 45,6% da população nacional. É preciso, porém, ter clareza do que significam esses 22,5% de cotas no contexto total do ensino de graduação no Brasil. Tomando como base os dados oficiais do INEP, o número de ingressos nas universidades federais em 2004 foi de 123.000 estudantes, enquanto o total de ingressos em todas as universidades (federais, estaduais, municipais e privadas) foi de 1.304.000 estudantes. Se já tivessem existido cotas em todas as universidades federais para esse ano, os estudantes negros contariam com uma reserva de 27.675 vagas (22,5% de 123.000 vagas). Em suma, a Lei de Cotas incidiria em apenas 2% do total de ingressos no ensino superior brasileiro. Devemos concluir que a desigualdade racial continuará sendo a marca do nosso universo acadêmico durante décadas, mesmo com a implementação do PL 73/99. Sem as cotas, porém, já teremos que começar a calcular em séculos a perspectiva de combate ao nosso racismo universitário. Temos esperança de que nossos congressistas aumentem esses índices tão baixos de inclusão!

Se a Lei de Cotas visa nivelar o acesso às vagas de ingresso nas universidades públicas entre brancos e negros, o Estatuto da Igualdade Racial complementa esse movimento por justiça. Garante o acesso mínimo dos negros aos cargos públicos e assegura um

mínimo de igualdade racial no mercado de trabalho e no usufruto dos serviços públicos de saúde e moradia, entre outros. Nesse sentido, o Estatuto recupera uma medida de igualdade que deveria ter sido incluída na Constituição de 1891, no momento inicial da construção da República no Brasil. Foi sua ausência que aprofundou o fosso da desigualdade racial e da impunidade do racismo contra a população negra ao longo de todo o século XX. Por outro lado, o Estatuto transforma em ação concreta os valores de igualdade plasmados na Constituição de 1988, claramente pró-ativa na sua afirmação de que é necessário adotar mecanismos capazes de viabilizar a igualdade almejada. Enquanto o Estatuto não for aprovado, continuaremos reproduzindo o ciclo de desigualdade racial profunda que tem sido a marca de nossa história republicana até os dias de hoje.

Gostaríamos ainda de fazer uma breve menção ao documento contrário à Lei de Cotas e ao Estatuto da Igualdade Racial, enviado recentemente aos nobres parlamentares por um grupo de acadêmicos pertencentes a várias instituições de elite do país. Ao mesmo tempo em que rejeitam frontalmente as duas Leis em discussão, os assinantes do documento não apresentam nenhuma proposta alternativa concreta de inclusão racial no Brasil, reiterando apenas que somos todos iguais perante a lei e que é preciso melhorar os serviços públicos até atenderem por igual a todos os segmentos da sociedade. Essa declaração de princípios universalistas, feita por membros da elite de uma sociedade multi-étnica e multi-racial com uma história recente de escravidão e genocídio sistemático, parece uma reedição, no século XXI, do imobilismo subjacente à Constituição da República de 1891: zerou, num toque de mágica, as desigualdades causadas por séculos de exclusão e racismo, e jogou para um futuro incerto o dia em que negros e índios poderão ter acesso equitativo à educação, às riquezas, aos bens e aos serviços acumulados pelo Estado brasileiro. Essa postergação consciente não é convincente. Diante

Tema: Educação

dos dados oficiais recentes do IBGE e do IPEA que expressam, sem nenhuma dúvida, a nossa dívida histórica com os negros e os índios, ou adotamos cotas e implementamos o Estatuto, ou seremos coniventes com a perpetuação da nossa desigualdade étnica e racial.

Acreditamos que a igualdade universal dentro da República não é um princípio vazio e sim uma meta a ser alcançada. As ações afirmativas, baseadas na discriminação positiva daqueles lesados por processos históricos, são a figura jurídica criada pelas Nações Unidas para alcançar essa meta.

Conclamamos, portanto, os nossos ilustres congressistas a que aproveem, com a máxima urgência, a Lei de Cotas (PL73/1999) e o Estatuto da Igualdade Racial (PL 3.198/2000).

Brasília, 3 de julho de 2006

Para ver a lista dos que subscrevem este manifesto, acesse:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18773.shtml>

O bom combate

Por Miriam Leitao e Alvaro Gribel, em 26 de abril de 2012
<http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2012/04/26/o-bom-combate-442154.asp>

Ao longo do belo voto do ministro Ricardo Lewandowsky, ontem, a favor das cotas raciais nas universidades brasileiras, foram sendo desmontados, um a um, os argumentos que nos últimos dez anos tanto espaço tiveram na imprensa brasileira. O ministro mostrou que o princípio da igualdade evoluiu do simplesmente declaratório para a fase em que se trabalha para a construção de um país menos desigual.

Joaquim Nabuco, um dos fundadores da pátria brasileira - já citado aqui nesta mesma coluna, neste mesmo tema - disse em frase insuperável: "Não basta acabar com a escravidão, é preciso destruir sua obra." No voto do ministro Lewandowski o que se vislumbra é a possibilidade de dar mais um passo na destruição do resquício desse passado que temos carregado como bola de ferro atada aos pés da Nação.

O julgamento foi suspenso ao fim da apresentação do voto do relator e só hoje será retomado. É aguardar o amanhã. Foi um longo caminho até aqui. Foram mais de dez anos de intensos debates e inúmeras experiências de ação afirmativa pelo país. Os argumentos se enfrentaram intensamente. Nem sempre com a honestidade intelectual exigida por questão desse porte. Houve manifestos contra e a favor.

Ontem, o voto do relator foi pela constitucionalidade da política de cotas e do critério racial. Alguns apartes e o elogio do presidente do tribunal, ministro Ayres Brito, definindo o voto como corajoso, vigoroso e consistente, mostram que há chances de que as ações afirmativas tenham a maioria dos votos.

Atualmente, segundo o Grupo de Estudos Multidisciplinares da

CONTINUA

Tema: Educação

Ação Afirmativa, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj, são setenta as universidades federais e estaduais nas quais as políticas de ação afirmativa favorecendo negros, índios e pobres foram implementadas, com diferentes métodos. A prática demoliu os temores levantados pelos críticos das cotas: que haveria conflito nas universidades, que haveria queda da qualidade, que os cotistas não teriam bom desempenho, que se quebraria o princípio do mérito.

A realidade provou o contrário. Não houve conflito, a qualidade não caiu, os cotistas tiveram desempenho semelhante aos não cotistas, o princípio do mérito não deixou de existir.

O ministro relator demoliu outros sofismas. Houve quem dissesse que não se poderia adotar cotas raciais porque não há raças. De fato, não há, mas a sua inexistência não impediu que houvesse racismo. "Se o critério de raça foi usado para se construir hierarquia deve ser usado para desconstruí-la." O temor de que a política quebrasse o princípio constitucional da igualdade começou a ser enfrentado pela vice-procuradora-geral da República, Débora Duprat, que mostrou que esse princípio evoluiu na Constituição de 1988 com o tratamento diferenciado aos desiguais. "É preciso analisar com o coração aberto por que as ações afirmativas de recorte racial provocam tanto desassossego." A vice-procuradora questionou o mito da democracia racial: "Não precisamos de dados estatísticos, basta um olhar na composição dos cargos do alto escalão do Estado brasileiro ou nas grandes corporações e, na contrapartida, olhar para a população carcerária desse país, e para quem é parado pela polícia nas cidades brasileiras." Ela chamou de "reduccionismo inaceitável" a tese de que a redução da desigualdade social resolveria o racismo. Lewandowski completou dizendo que "o modelo constitucional brasileiro contempla a justiça compensatória".

Lewandowski derrubou também - e com a ajuda do aparte do ministro Joaquim Barbosa - a ideia sempre repetida no Brasil de que

a Suprema Corte americana julgou as ações afirmativas inconstitucionais. Eles disseram que por duas vezes o que a Suprema Corte fez foi o oposto: garantiu sua constitucionalidade.

O ministro esclareceu que a política não nasceu nos Estados Unidos, mas na Índia, de Mahatma Ghandi, na luta contra o odioso - e ainda presente, ainda que ilegal - sistema de castas no país. Sobre o risco de se quebrar o princípio do mérito que é usado no vestibular, Lewandowski lembrou que "mérito de quem está em desigualdade não pode ser linear". Um sistema de ingresso na universidade pretensamente isonômico pode acabar consolidando as distorções existentes no país e reproduzindo a mesma elite dirigente, disse o ministro.

A Ação Direta de Inconstitucionalidade que questiona o sistema de cotas, e foi considerada improcedente pelo relator, é de autoria do Democratas. O grande defensor da tese do DEM hoje está às voltas com outros problemas, o senador Demóstenes. Ele conquistou muitos admiradores entre os adversários das cotas com argumentos pedestres, como o que culpava os africanos pela escravidão. Na época, eu o chamei de "sem noção". Isso, sabe-se hoje, é dizer o mínimo.

O combate ainda não acabou. Será preciso concluir o julgamento no Supremo para retirar a insegurança jurídica sobre a política que já aumentou a diversidade nas universidades brasileiras. Mesmo se o sistema for aprovado, ainda não será o fim do combate, mas antes um novo início. Há um longo caminho a andar na busca de um país mais plural e mais justo. Mas o voto do ministro Lewandowski ilumina a estrada.

Porque sou a favor das cotas raciais

Capitão Marinho

<http://capitaomarinho.blogspot.com/2009/08/porque-sou-favor-das-cotas-raciais.html>, acesso em 16/07/2012.

Nos últimos anos, venho tendo a oportunidade de dialogar com brasileiros de todas as regiões e classes econômicas sobre a questão das cotas raciais. Independente da região ou o local que a pessoa ocupa no segmento sócio-econômico brasileiro, as que são contrárias às cotas raciais têm as mesmas indagações: “por que as cotas não são para os pobres? Ou, as cotas não são anticonstitucionais, pois discrimina os que não são afrodescendentes? Ou, as cotas não são racismo às avessas?”. Entendo estes questionamentos como algo natural, entretanto debater em cima destes questionamentos não seria uma discussão muito superficial sobre algo que é muito complexo?

Quando os contrários ao sistema de cotas raciais afirmam que o justo seria ter cotas para pobres para deslegitimar as cotas raciais, declinam de alguns pontos históricos imprescindíveis para compreender uma questão complexa. Os afrodescendentes – termo que não tem unanimidade entre os defensores das cotas – são descendentes de escravos que vieram para o Brasil da forma mais cruel e desumana que possa existir. Eles eram separados de suas famílias de forma bárbara e nunca mais tinham notícias dos seus familiares. Atualmente, alguns telejornais têm o quadro “desaparecidos”, onde pessoas desesperadas buscam, incessantemente, por algum familiar que desapareceu. Quem não se comove com aquelas pessoas que procuram seu pai, sua mãe, sua irmã ou seu filho? Pois bem, os africanos eram presos e tinham sua família dizimada sem nem ter o direito de sonhar um dia poder encontrar com aquele filho que foi tido em parto complicado ou com aquela mãe que perdeu várias noites cuidando da saúde de sua prole.

No continente africano, quando os futuros escravos eram capturados, os feitores faziam questão de mandar cada membro da família para um lugar ou país diferente, a fim de evitar que tivessem apoio para aumentar a resistência à escravidão. Note-se que eu falo do continente africano, pois os brasileiros afrodescendentes, diferentemente dos brasileiros descendentes de outros continentes, não sabem nem qual o país que pertenceram seus ascendentes. No Brasil há descendentes de alemães, italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, chineses e outros mais, entretanto não se têm descendentes de um determinado país africano, pois todos os capturados eram jogados nos diversos navios negreiros e estes passavam em vários países africanos e tinham como destino diversos países da América Latina. Sendo assim, os brasileiros afrodescendentes desconhecem os países de origem de seus ascendentes e, principalmente, independente de qualquer sentimento, são brasileiros em consequência de uma história abominável de extermínios, segregação e escravidão, a qual seus ascendentes foram submetidos de forma obrigatória, diferentemente dos ascendentes de outros locais, que vieram de forma espontânea e muitos receberam terras quando aqui chegaram. Este é o primeiro ponto que as pessoas, que defendem cotas para pobres, em detrimento das cotas raciais, esquecem. Poderia escrever inúmeros feitos dos negros para o enriquecimento do Brasil, como no cultivo da cana-de-açúcar, algodão, café e em outras atividades, entretanto o segundo ponto que vou destacar, que é ignorado ou ocultado pelas pessoas que são contrárias as cotas, é a participação do negro na defesa, na conquista e na consolidação do solo pátrio-brasileiro.

Tema: Educação

No ano de 1648, aconteceu à primeira Batalha dos Guararapes, que é considerada a batalha gênese do Exército brasileiro, que foi a batalha que expulsou os holandeses de Pernambuco. Dentre os líderes da batalha de Guararapes, destacou-se Henrique Dias. Ele era negro e recebeu a patente de governador dos crioulos, negros e mulatos do Brasil. Travou combates com os holandeses em Pernambuco, Bahia, Alagoas e Rio Grande do Norte, não perdendo sequer uma batalha.

Henrique Dias estabeleceu-se numa estância no contorno do Recife e da cidade Maurícia que era a mais próxima dos inimigos. Ficava tão perto dos holandeses que, às vezes, o duelo não era com munição e sim com palavras de desafio e injúria. Da sua estância, ele realizou várias investidas importantes contra os batavos. O local foi atacado diversas vezes pelos flamengos, porém eram sempre rechaçados.

Com a rendição do Recife, em 1654, Henrique Dias, ao contrário de outros militares que combateram os holandeses, não recebeu as recompensas que lhe eram devidas, tendo que viajar a Portugal, em março de 1656, para requerer a remuneração atrasada dos seus serviços. Passou seus últimos anos em Pernambuco, morrendo em extrema pobreza no dia 8 de junho de 1662, no Recife, sendo enterrado por conta do Governo em local desconhecido. Se o governador dos crioulos, negros e mulatos teve este fim, como deve ter sido o fim dos demais negros que lutaram, neste período, em prol da defesa do Brasil?

Rafael Pinto Bandeira é tido como um dos maiores nomes na consolidação das fronteiras da região sul do Brasil, pois ele foi o comandante das tropas que expulsaram os espanhóis da região sul do Brasil. Rafael Pinto Bandeira era tido como um comandante muito generoso com seus comandados, pois ele tinha o hábito de doar parte das terras conquistadas em batalhas para os seus seguidores, entretanto nada foi dado aos negros e estes foram os maiores responsáveis pelas vitórias conquistadas por Rafael Pinto Bandeira, conforme pode-se depurar do depoimento de um sargento espanhol que lutou à época: eles destemiam a morte e eram invencíveis nas

batalhas. Os negros, que aqui bem pertinho da onde estou neste momento, Bagé-RS, no Forte de Santa Tecla, foram imprescindíveis na expulsão dos espanhóis do território brasileiro de Santa Catarina até o extremo Sul do Brasil. Ah... isso não se acha nos livros de História do Brasil, pois mais uma vez o negro não teve seus valores reconhecidos e os benefícios da sua labuta ficaram para os brancos.

Revolução Farroupilha foi uma revolução que teve negros lutando pelos dois lados e o “inacreditável” aconteceu, foram eles os únicos perdedores, mesmo estando em lados opostos. A Revolução Farroupilha objetivava a criação da “República do Rio Grande”. Um dos líderes das tropas revolucionárias era o general Netto, que conseguiu, através da promessa da criação da república, onde todos os homens seriam iguais em direitos e não haveria mais escravidão, ter vários negros libertos e escravos fugidos compondo seu exército motivado pelo sonho da liberdade. Do lado imperial, que tinha como escopo acabar com a revolução, destacava-se a figura de Caxias como o grande comandante das tropas legalmente constituídas. O seu exército também tinha escravo lutando motivado pelo mesmo objetivo, o da liberdade após a batalha. Terminada a batalha, os revolucionários não-negros ganharam terras e alguns benefícios; já os negros, os que não morreram em combate, ficaram moribundos ou foram perseguidos pelas forças imperiais, pagando caro pela frustração do sonho de liberdade. Já os negros do lado imperial, os que sobreviveram ao combate, foram incorporados, obrigatoriamente, as fileiras do exército, pois foi a única saída vislumbrada por Caxias para que eles não voltassem à condição de escravos. Ao término da batalha, Caxias recebeu a ordem para mandar os negros para a fazenda imperial em Petrópolis e vislumbrando que eles voltariam à condição de escravo, Caxias reengaja-os nas fileiras da Força. Conforme pode-se depurar, a Revolução de Farroupilha não teve tropas derrotadas e sim etnia, pois mais uma vez os negros foram as únicas vítimas de um sistema brasileiro perverso e discriminante.

Tema: Educação

Quanto a Guerra do Paraguai, deixo aqui registradas as minhas escusas a todos os negros que tombaram ou sobreviveram na Guerra do Paraguai, onde foram tratados como verdadeiras “buchas de canhão”, por não tecer comentários mais detalhados sobre eles. Negar o racismo no Brasil é apagar da história brasileira a resistência imposta por João Cândido (“Almirante Negro”) que só no ano passado (quase cem anos depois da Revolta da Chibata) foi homenageado com um monumento na Praça XV na cidade do Rio de Janeiro (aproveito a oportunidade para parabenizar todos os cariocas por esta mais do que justa homenagem); é ignorar que na primeira metade do século XX, existia lei que proibia o ingresso de negros na escola de oficiais do Exército; é fingir que nunca existiu na história brasileira a “política do embranquecimento”; é chamar de farsa a história de vida, do mais recente cidadão baiano, Abdias Nascimento que com seus 95 (noventa e cinco) anos é uma lenda viva da resistência contra o racismo da nossa sociedade; é questionar as inquestionáveis pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que mostram as disparidades dos salários entre brancos e negros que ocupam o mesmo cargo; negar o racismo no Brasil é negar a existência de mais da metade da população brasileira que são descendentes de africanos, que vieram para o Brasil como propriedade dos brancos e viveram o horror de serem escravizados, humilhados, degredados, açoitados e muito mais coisas que causam ojeriza a qualquer cidadão sensato; negar o racismo no Brasil é manter os entraves que impedem o nosso desenvolvimento com Nação. Logo, para ajudar a acabar com o racismo: RECONHEÇAMOS O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA.

Uma vez reconhecido o racismo, não podemos deixar de discutir como amenizar as atrocidades seculares cometidas contra a população negra, como acabar com este “fosso” histórico que separa negros e brancos, daí surge a questão das cotas raciais, não só para dar sonho a quem nunca sonhou em ser um “DOUTOR”, mas também para da

oportunidade a sociedade de terminar com o insulto social de achar que os negros jovens que andam com roupas caras, cordões de ouro, carros importados, não são doutores e sim marginais. Ah... por favor, não venham me dizer que o meu país é miscigenado – não existem brancos e negros e sim brasileiros – e que é eu que estou sendo preconceituoso e racista PORQUE SOU A FAVOR DAS COTAS RACIAIS!!!!

Dez motivos para ser contra as cotas raciais

31 de julho de 2009

(Texto do Sociólogo Bernardo Lewgoy)

<http://diplomattizando.blogspot.com.br/2009/08/1256-dez-motivos-para-ser-contra-as.html>

1. Cotas raciais sempre dividem negativamente as sociedades onde são implantadas, gerando o ódio racial e o ressentimento das pessoas que não entraram na Universidade, apesar de terem obtido nota maior ou igual do que os cotistas nas provas de vestibular.

2. Cotas raciais criam um terrível precedente ao admitir a discriminação racial para atingir objetivos políticos, gerando nas pessoas a sensação de que não serão mais julgadas pelo que são ou fazem, mas pela cor de sua pele ou origem étnica.

3. Cotas raciais foram importadas para esconder o real problema da baixa qualidade do ensino básico e dar poder dentro da Universidade a políticos que não têm nenhum compromisso com a qualidade do ensino e da pesquisa.

4. Cotas raciais corrompem as Universidades onde são aplicadas, aniquilando o valor do mérito acadêmico e criando pressões sem fim para discriminar as pessoas por sua “raça” em todos os níveis de ensino, do fundamental à universidade.

5. Cotas raciais levam a hipocrisia para dentro da sala de aula, pois estimulam o relaxamento nos padrões de avaliação, por parte de professores temerários de serem taxados de racistas, caso reprovem ou dêem notas baixas a alunos cotistas ou oriundos de minorias étnicas.

6. Cotas raciais sempre enfrentam o problema de como saber quem pertence ou não de alguém a um grupo racial Pelo sangue? Pela cor da pele? Como o Brasil é um país miscigenado, odiosos tribunais raciais acabam decidindo se alguém pertence ou não a uma “raça” e ocasionam tremendas injustiças, como mostrou o caso dos gêmeos da UnB.

7. Cotas raciais desestimulam não só o mérito acadêmico mas encorajam a separação do povo em grupos raciais rivais, destruindo possibilidades de real convívio humano entre pessoas diferentes. Você sabia que muitas pessoas contrárias às cotas raciais são filhas de pais de cores diferentes? Qual será o clima que essa proposta vai gerar num país em que a miscigenação está dentro dos lares?

8. Cotas raciais geram preconceito contra pessoas decentes de todas as origens, que gostariam de ser julgadas pelo seu mérito e não pela cor da sua pele. Elas incentivam um clima sem fim de suspeitas de que o aluno negro – cotista ou não – não é competente nem como estudante e nem o será como futuro profissional. Você faria uma cirurgia com um médico cotista?

9. Cotas raciais entraram no Brasil pela porta dos fundos, num momento em que todas as pesquisas dos órgãos oficiais mostravam que seus supostos beneficiários, negros e pardos, vinham melhorando sua situação social e inserção na Universidade Pública.

10. Cotas raciais recuperam a idéia, refutada por toda a ciência moderna, de que a humanidade se divide em “raças”, oficializando aquilo que se quer combater.

Cento e treze cidadãos anti-racistas contra as leis raciais

Excelentíssimo Sr. Ministro:

Duas ações diretas de inconstitucionalidade (ADI 3.330 e ADI 3.197) promovidas pela Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino (Confenen), a primeira contra o programa PROUNI e a segunda contra a lei de cotas nos concursos vestibulares das universidades estaduais do Rio de Janeiro, serão apreciadas proximamente pelo STF. Os julgamentos terão significado histórico, pois podem criar jurisprudência sobre a constitucionalidade de cotas raciais não só para o financiamento de cursos no ensino superior particular e para concursos de ingresso no ensino superior público como para concursos públicos em geral. Mais ainda: os julgamentos têm o potencial de enviar uma mensagem decisiva sobre a constitucionalidade da produção de leis raciais.

Nós, intelectuais da sociedade civil, sindicalistas, empresários e ativistas dos movimentos negros e outros movimentos sociais, dirigimo-nos respeitosamente aos Juízes da corte mais alta, que recebeu do povo constituinte a prerrogativa de guardião da Constituição, para oferecer argumentos contrários à admissão de cotas raciais na ordem política e jurídica da República.

Na seara do que Vossas Excelências dominam, apontamos a Constituição Federal, no seu Artigo 19, que estabelece: “É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si”. O Artigo 208 dispõe que: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um”. Alinhada com os princípios e garantias da Constituição Federal, a Constituição Estadual do Rio de Janeiro, no seu Artigo 9, § 1º, determina que: “Ninguém será discriminado, prejudicado ou privilegiado em razão de nascimento, idade, etnia, raça, cor, sexo, estado civil, trabalho rural ou urbano, religião, convicções políticas

Tema: Educação

ou filosóficas, deficiência física ou mental, por ter cumprido pena nem por qualquer particularidade ou condição”.

As palavras da Lei emanam de uma tradição brasileira, que cumpre exatos 120 anos desde a Abolição da escravidão, de não dar amparo a leis e políticas raciais. No intuito de justificar o rompimento dessa tradição, os proponentes das cotas raciais sustentam que o princípio da igualdade de todos perante a lei exige tratar desigualmente os desiguais. Ritualmente, eles citam a Oração aos Moços, na qual Rui Barbosa, inspirado em Aristóteles, explica que: “A regra da igualdade não consiste senão em aquinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigualem. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade.” O método de tratar desigualmente os desiguais, a que se refere, é aquele aplicado, com justiça, em campos tão distintos quanto o sistema tributário, por meio da tributação progressiva, e as políticas sociais de transferência de renda. Mas a sua invocação para sustentar leis raciais não é mais que um sofisma.

Os concursos vestibulares, pelos quais se dá o ingresso no ensino superior de qualidade “segundo a capacidade de cada um”, não são promotores de desigualdades, mas se realizam no terreno semeado por desigualdades sociais prévias. A pobreza no Brasil tem todas as cores. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2006, entre 43 milhões de pessoas de 18 a 30 anos de idade, 12,9 milhões tinham renda familiar per capita de meio salário mínimo ou menos. Neste grupo mais pobre, 30% classificavam-se a si mesmos como “brancos”, 9% como “pretos”, e 60% como “pardos”. Desses 12,9 milhões, apenas 21% dos “brancos” e 16% dos “pretos” e “pardos” haviam completado o ensino médio, mas muito poucos, de qualquer cor, continuaram estudando depois disso. Basicamente, são diferenças de renda, com tudo que vem associado a elas, e não de cor, que limitam o acesso ao ensino superior.

Tema: Educação

Apresentadas como maneira de reduzir as desigualdades sociais, as cotas raciais não contribuem para isso, ocultam uma realidade trágica e desviam as atenções dos desafios imensos e das urgências, sociais e educacionais, com os quais se defronta a nação. E, contudo, mesmo no universo menor dos jovens que têm a oportunidade de almejar o ensino superior de qualidade, as cotas raciais não promovem a igualdade, mas apenas acentuam desigualdades prévias ou produzem novas desigualdades:

- As cotas raciais exclusivas, como aplicadas, entre outras, na Universidade de Brasília (UnB), proporcionam a um candidato definido como “negro” a oportunidade de ingresso por menor número de pontos que um candidato definido como “branco”, mesmo se o primeiro provém de família de alta renda e cursou colégios particulares de excelência e o segundo provém de família de baixa renda e cursou escolas públicas arruinadas. No fim, o sistema concede um privilégio para candidatos de classe média arbitrariamente classificados como “negros”.

- As cotas raciais embutidas no interior de cotas para candidatos de escolas públicas, como aplicadas, entre outras, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), separam os alunos proveniente de famílias com faixas de renda semelhantes em dois grupos “raciais” polares, gerando uma desigualdade “natural” num meio caracterizado pela igualdade social. O seu resultado previsível é oferecer privilégios para candidatos definidos arbitrariamente como “negros” que cursaram escolas públicas de melhor qualidade, em detrimento de seus colegas definidos como “brancos” e de todos os alunos de escolas públicas de pior qualidade.

A PNAD de 2006 informa que 9,41 milhões de estudantes cursavam o ensino médio, mas apenas 5,87 milhões freqüentavam o ensino superior, dos quais só uma minoria de 1,44 milhão estavam matriculados em instituições superiores públicas. As leis de cotas raciais não alteram em nada esse quadro e não proporcionam inclusão social. Elas apenas selecionam “vencedores” e “perdedores”,

com base num critério altamente subjetivo e intrinsecamente injusto, abrindo cicatrizes profundas na personalidade dos jovens, naquele momento de extrema fragilidade que significa a disputa, ainda imaturos, por uma vaga que lhes garanta o futuro.

Queremos um Brasil onde seus cidadãos possam celebrar suas múltiplas origens, que se plasmas na criação de uma cultura nacional aberta e tolerante, no lugar de sermos obrigados a escolher e valorizar uma única ancestralidade em detrimento das outras. O que nos mobiliza não é o combate à doutrina de ações afirmativas, quando entendidas como esforço para cumprir as Declarações Preambulares da Constituição, contribuindo na redução das desigualdades sociais, mas a manipulação dessa doutrina com o propósito de racializar a vida social no país. As leis que oferecem oportunidades de emprego a deficientes físicos e que concedem cotas a mulheres nos partidos políticos são invocadas como precedentes para sustentar a admissibilidade jurídica de leis raciais. Esse segundo sofisma é ainda mais grave, pois conduz à naturalização das raças. Afinal, todos sabemos quem são as mulheres e os deficientes físicos, mas a definição e delimitação de grupos raciais pelo Estado é um empreendimento político que tem como ponto de partida a negação daquilo que nos explicam os cientistas.

Raças humanas não existem. A genética comprovou que as diferenças icônicas das chamadas “raças” humanas são características físicas superficiais, que dependem de parcela ínfima dos 25 mil genes estimados do genoma humano. A cor da pele, uma adaptação evolutiva aos níveis de radiação ultravioleta vigentes em diferentes áreas do mundo, é expressa em menos de 10 genes! Nas palavras do geneticista Sérgio Pena: “O fato assim cientificamente comprovado da inexistência das ‘raças’ deve ser absorvido pela sociedade e incorporado às suas convicções e atitudes morais. Uma postura coerente e desejável seria a construção de uma sociedade desracializada, na qual a singularidade do indivíduo seja valorizada

Tema: Educação

e celebrada. Temos de assimilar a noção de que a única divisão biologicamente coerente da espécie humana é em bilhões de indivíduos, e não em um punhado de 'raças'." ("Receita para uma humanidade desracializada", Ciência Hoje Online, setembro de 2006).

Não foi a existência de raças que gerou o racismo, mas o racismo que fabricou a crença em raças. O "racismo científico" do século XIX acompanhou a expansão imperial europeia na África e na Ásia, erguendo um pilar "científico" de sustentação da ideologia da "missão civilizatória" dos europeus, que foi expressa celeberramente como o "fardo do homem branco". Os poderes coloniais, para separar na lei os colonizadores dos nativos, distinguiram também os nativos entre si e inscreveram essas distinções nos censos. A distribuição de privilégios segundo critérios etno-raciais inculcou a raça nas consciências e na vida política, semeando tensões e gerando conflitos que ainda perduram. Na África do Sul, o sistema do apartheid separou os brancos dos demais e foi adiante, na sua lógica implacável, fragmentando todos os "não-brancos" em grupos étnicos cuidadosamente delimitados. Em Ruanda, no Quênia e em tantos outros lugares, os africanos foram submetidos a meticulosas classificações étnicas, que determinaram acessos diferenciados aos serviços e empregos públicos. A produção política da raça é um ato político que não demanda diferenças de cor da pele.

O racismo contamina profundamente as sociedades quando a lei sinaliza às pessoas que elas pertencem a determinado grupo racial – e que seus direitos são afetados por esse critério de pertinência de raça. Nos Estados Unidos, modelo por excelência das políticas de cotas raciais, a abolição da escravidão foi seguida pela produção de leis raciais baseadas na regra da "gota de sangue única". Essa regra, que é a negação da mestiçagem biológica e cultural, propiciou a divisão da sociedade em guetos legais, sociais, culturais e espaciais. De acordo com ela, as pessoas são, irrevogavelmente, "brancas" ou "negras". Eis aí a inspiração das leis de cotas raciais no Brasil.

"Eu tenho o sonho que meus quatro pequenos filhos viverão um dia numa nação na qual não serão julgados pela cor da sua pele mas pelo conteúdo de seu caráter". Há 45 anos, em agosto, Martin Luther King abriu um horizonte alternativo para os norte-americanos, ancorando-o no "sonho americano" e no princípio político da igualdade de todos perante a lei, sobre o qual foi fundada a nação. Mas o desenvolvimento dessa visão pós-racial foi interrompido pelas políticas racialistas que, a pretexto de reparar injustiças, beberam na fonte envenenada da regra da "gota de sangue única". De lá para cá, como documenta extensamente Thomas Sowell em Ação afirmativa ao redor do mundo: um estudo empírico (Univer Cidade, 2005), as cotas raciais nos Estados Unidos não contribuíram em nada para reduzir desigualdades mas aprofundaram o cisma racial que marca como ferro em brasa a sociedade norte-americana.

"É um impasse racial no qual estamos presos há muitos anos", na constatação do senador Barack Obama, em seu discurso pronunciado a 18 de março, que retoma o fio perdido depois do assassinato de Martin Luther King. O "impasse" não será superado tão cedo, em virtude da lógica intrínseca das leis raciais. Como assinalou Sowell, com base em exemplos de inúmeros países, a distribuição de privilégios segundo critérios etno-raciais tende a retroalimentar as percepções racializadas da sociedade – e em torno dessas percepções articulam-se carreiras políticas e grupos organizados de pressão.

Mesmo assim, algo se move nos Estados Unidos. Há pouco, repercutindo um desencanto social bastante generalizado com o racismo, a Suprema Corte declarou inconstitucionais as políticas educacionais baseadas na aplicação de rótulos raciais às pessoas. No seu argumento, o presidente da Corte, juiz John G. Roberts Jr., escreveu que "o caminho para acabar com a discriminação baseada na raça é acabar com a discriminação baseada na raça". Há um sentido claro na reiteração: a inversão do sinal da discriminação

Tema: Educação

consagra a raça no domínio da lei, destruindo o princípio da cidadania.

Naquele julgamento, o juiz Anthony Kennedy alinhou-se com a maioria, mas proferiu um voto separado que contém o seguinte protesto: “Quem exatamente é branco e quem é não-branco? Ser forçado a viver sob um rótulo racial oficial é inconsistente com a dignidade dos indivíduos na nossa sociedade. E é um rótulo que um indivíduo é impotente para mudar!”. Nos censos do IBGE, as informações de raça/cor abrigam a mestiçagem e recebem tratamento populacional. As leis raciais no Brasil são algo muito diferente: elas têm o propósito de colar “um rótulo que um indivíduo é impotente para mudar” e, no caso das cotas em concursos vestibulares, associam nominalmente cada jovem candidato a uma das duas categorias “raciais” polares, impondo-lhes uma irreversível identidade oficial.

O juiz Kennedy foi adiante e, reconhecendo a diferença entre a doutrina de ações afirmativas e as políticas de cotas raciais, sustentou a legalidade de iniciativas voltadas para a promoção ativa da igualdade que não distinguem os indivíduos segundo rótulos raciais. Reportando-se à realidade norte-americana da persistência dos guetos, ele mencionou, entre outras, a seleção de áreas residenciais racialmente segregadas para os investimentos prioritários em educação pública.

No Brasil, difunde-se a promessa sedutora de redução gratuita das desigualdades por meio de cotas raciais para ingresso nas universidades. Nada pode ser mais falso: as cotas raciais proporcionam privilégios a uma ínfima minoria de estudantes de classe média e conservam intacta, atrás de seu manto falsamente inclusivo, uma estrutura de ensino público arruinada. Há um programa inteiro de restauração da educação pública a se realizar, que exige políticas adequadas e vultosos investimentos. É preciso elevar o padrão geral do ensino mas, sobretudo, romper o abismo entre as escolas de qualidade, quase sempre situadas em bairros de

classe média, e as escolas devastadas das periferias urbanas, das favelas e do meio rural. O direcionamento prioritário de novos recursos para esses espaços de pobreza beneficiaria jovens de baixa renda de todos os tons de pele – e, certamente, uma grande parcela daqueles que se declaram “pardos” e “pretos”.

A meta nacional deveria ser proporcionar a todos um ensino básico de qualidade e oportunidades verdadeiras de acesso à universidade. Mas há iniciativas a serem adotadas, imediatamente, em favor de jovens de baixa renda de todas as cores que chegam aos umbrais do ensino superior, como a oferta de cursos preparatórios gratuitos e a eliminação das taxas de inscrição nos exames vestibulares das universidades públicas. Na Universidade Estadual Paulista (Unesp), o Programa de Cursos Pré-Vestibulares Gratuitos, destinado a alunos egressos de escolas públicas, atendeu em 2007 a 3.714 jovens, dos quais 1.050 foram aprovados em concursos vestibulares, sendo 707 em universidades públicas. Medidas como essa, que não distinguem os indivíduos segundo critérios raciais abomináveis, têm endereço social certo e contribuem efetivamente para a amenização das desigualdades.

A sociedade brasileira não está livre da chaga do racismo, algo que é evidente no cotidiano das pessoas com tom de pele menos claro, em especial entre os jovens de baixa renda. A cor conta, ilegal e desgraçadamente, em incontáveis processos de admissão de funcionários. A discriminação se manifesta de múltiplas formas, como por exemplo na hora das incursões policiais em bairros periféricos ou nos padrões de aplicação de ilegais mandados de busca coletivos em áreas de favelas.

Por certo existe preconceito racial e racismo no Brasil, mas o Brasil não é uma nação racista. Depois da Abolição, no lugar da regra da “gota de sangue única”, a nação brasileira elaborou uma identidade amparada na idéia anti-racista de mestiçagem e produziu leis que criminalizam o racismo. Há sete décadas, a República não conhece movimentos racistas organizados ou expressões significativa de

Tema: Educação

ódio racial. O preconceito de raça, acuado, refugiou-se em expressões oblíquas envergonhadas, temendo assomar à superfície. A condição subterrânea do preconceito é um atestado de que há algo de muito positivo na identidade nacional brasileira, não uma prova de nosso fracasso histórico.

“Quem exatamente é branco e quem é não-branco?” – a indagação do juiz Kennedy provoca algum espanto nos Estados Unidos, onde quase todos imaginam conhecer a identidade “racial” de cada um, mas parece óbvia aos ouvidos dos brasileiros. Entre nós, casamentos interracializados não são incomuns e a segregação residencial é um fenômeno basicamente ligado à renda, não à cor da pele. Os brasileiros tendem a borrar as fronteiras “raciais”, tanto na prática da mestiçagem quanto no imaginário da identidade, o que se verifica pelo substancial e progressivo incremento censitário dos “pardos”, que saltaram de 21% no Censo de 1940 para 43% na PNAD de 2006, e pela paralela redução dos “brancos” (de 63% para 49%) ou “pretos” (de 15% para 7%).

A percepção da mestiçagem, que impregna profundamente os brasileiros, de certa forma reflete realidades comprovadas pelos estudos genéticos. Uma investigação já célebre sobre a ancestralidade de brasileiros classificados censitariamente como “brancos”, conduzida por Sérgio Pena e sua equipe da Universidade Federal de Minas Gerais, comprovou cientificamente a extensão de nossas miscigenações. “Em resumo, estes estudos filogeográficos com brasileiros brancos revelaram que a imensa maioria das patrilineagens é europeia, enquanto a maioria das matrilineagens (mais de 60%) é ameríndia ou africana” (PENA, S. “Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas?”, Estudos Avançados 18 (50), 2004). Especificamente, a análise do DNA mitocondrial, que serve como marcador de ancestralidades maternas, mostrou que 33% das linhagens eram de origem ameríndia, 28% de origem africana e 39% de origem europeia.

Os estudos de marcadores de DNA permitem concluir que, em 2000, existiam cerca de 28 milhões de afrodescendentes entre os 90,6 milhões de brasileiros que se declaravam “brancos” e que, entre os 76,4 milhões que se declaravam “pardos” ou “pretos”, 20% não tinham ancestralidade africana. Não é preciso ir adiante para perceber que não é legítimo associar cores de pele a ancestralidades e que as operações de identificação de “negros” com descendentes de escravos e com “afrodescendentes” são meros exercícios da imaginação ideológica. Do mesmo modo, a investigação genética evidencia a violência intelectual praticada pela unificação dos grupos censitários “pretos” e “pardos” num suposto grupo racial “negro”. Mas a violência não se circunscreve à esfera intelectual. As leis de cotas raciais são veículos de uma engenharia política de fabricação ou recriação de raças. Se, individualmente, elas produzem injustiças singulares, socialmente têm o poder de gerar “raças oficiais”, por meio da divisão dos jovens estudantes em duas raças polares. Como, no Brasil, não sabemos quem exatamente é “negro” e quem é “não-negro”, comissões de certificação racial estabelecidas pelas universidades se encarregam de traçar uma fronteira. A linha divisória só se consolida pela validação oficial da autodeclaração dos candidatos, num processo sinistro em que comissões universitárias investigam e deliberam sobre a “raça verdadeira” dos jovens a partir de exames de imagens fotográficas ou de entrevistas identitárias. No fim das contas, isso equivale ao cancelamento do princípio da autodeclaração e sua substituição pela atribuição oficial de identidades raciais.

Na UnB, uma comissão de certificação racial composta por professores e militantes do movimento negro chegou a separar dois irmãos gêmeos idênticos pela fronteira da raça. No Maranhão, produziram-se fenômenos semelhantes. Pelo Brasil afora, os mesmos candidatos foram certificados como “negros” em alguma universidade mas descartados como “brancos” em outra. A

Tema: Educação

proliferação das leis de cotas raciais demanda a produção de uma classificação racial geral e uniforme. Esta é a lógica que conduziu o MEC a implantar declarações raciais nominais e obrigatórias no ato de matrícula de todos os alunos do ensino fundamental do país. O horizonte da trajetória de racialização promovida pelo Estado é o estabelecimento de um carimbo racial compulsório nos documentos de identidade de todos os brasileiros. A história está repleta de barbaridades inomináveis cometidas sobre a base de carimbos raciais oficialmente impostos.

A propaganda cerrada em favor das cotas raciais assegura-nos que os estudantes universitários cotistas exibem desempenho similar ao dos demais. Os dados concernentes ao tema são esparsos, contraditórios e pouco confiáveis. Mas isso é essencialmente irrelevante, pois a crítica informada dos sistemas de cotas nunca afirmou que estudantes cotistas seriam incapazes de acompanhar os cursos superiores ou que sua presença provocaria queda na qualidade das universidades. As cotas raciais não são um distúrbio no ensino superior, mas a face mais visível de uma racialização oficial das relações sociais que ameaça a coesão nacional.

A crença na raça é o artigo de fé do racismo. A fabricação de “raças oficiais” e a distribuição seletiva de privilégios segundo rótulos de raça inocula na circulação sanguínea da sociedade o veneno do racismo, com seu cortejo de rancores e ódios. No Brasil, representaria uma revisão radical de nossa identidade nacional e a renúncia à utopia possível da universalização da cidadania efetiva.

Ao julgar as cotas raciais, o STF não estará deliberando sobre um método de ingresso nas universidades, mas sobre o significado da nação e a natureza da Constituição. Leis raciais não ameaçam uma “elite branca”, conforme esbravejam os racialistas, mas passam uma fronteira brutal no meio da maioria absoluta dos brasileiros. Essa linha divisória atravessaria as salas de aula das escolas públicas, os ônibus que conduzem as pessoas ao trabalho, as ruas e as casas dos bairros pobres. Neste início de terceiro milênio, um Estado

racializado estaria dizendo aos cidadãos que a utopia da igualdade fracassou – e que, no seu lugar, o máximo que podemos almejar é uma trégua sempre provisória entre nações separadas pelo precipício intransponível das identidades raciais. É esse mesmo o futuro que queremos?

21 de abril de 2008

Para ver a lista completa dos que assinaram a carta, acesse: <http://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?p=195&lang=pt-br>

Cotas e a cisão racial no Brasil

por Yvonne Maggie, publicado em 02/12/2011

FONTE:

<http://g1.globo.com/platb/yvonnemaggie/2011/12/02/cotas-e-a-cisao-racial-no-brasil/>

O Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC) promoveu neste mês de novembro um seminário para discutir a política de cotas raciais. A ministra, Luiza Barrios, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), foi convidada a fazer uma palestra de 30 minutos, seguida de debate com os demais membros da mesa: a procuradora do Distrito Federal e mestre em direito pela UnB, Roberta Fragoso; o antropólogo e pós-doutorando da Faperj no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Fabiano Dias Monteiro, e o professor titular do departamento de sociologia da USP, Antônio Sérgio Alfredo Guimarães. O presidente Fernando Henrique abriu os trabalhos e fechou o seminário. Infelizmente não estive presente, por motivos alheios à minha vontade.

A imprensa e diversos meios eletrônicos noticiaram o evento e meu relato se baseia nas notícias por eles veiculadas. O seminário se concentrou nos debates sobre as estratégias de enfrentamento do racismo e em como resolver a questão da “raça” como fator decisivo nas políticas públicas.

A ministra Luiza Barrios expressou a posição da Seppir sobre a importância das ações afirmativas com base na raça não só no ensino superior, mas também no mercado de trabalho.

A procuradora Roberta Fragoso fez um discurso emocionado contra as políticas com base na “raça” que dividirão a nação em brancos e negros alertando para o fato de o Estado não poder obrigar ninguém a se classificar por uma ou outra categoria, por ser uma questão de foro íntimo.

Tema: Educação

O sociólogo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães reafirmou que apesar de a categoria “raça” não ter a menor validade científica, é frequentemente acionada em termos ideológicos e políticos, dando origem à discriminação e à desigualdade e, por isto, deve ser vista como categoria sociológica.

O antropólogo Fabiano Dias Monteiro afirmou que a política de cotas ainda está sendo testada e é cedo para dizer se produzirá ou não a cisão racial. Segundo Fabiano, sendo o objetivo destas políticas a produção da categoria jurídica do “negro”, uma das consequências já palpáveis é a diminuição da criminalização do racismo em nome do combate ao “racismo estrutural”. Muitos programas de combate ao racismo foram extintos, como o Disque Racismo do Rio de Janeiro. Este é o argumento central da sua tese de doutorado que em breve sairá em livro.

O presidente Fernando Henrique afirmou acreditar ser difícil aplicar tais políticas de cotas por sermos um país em que ninguém sabe direito de que cor ou raça é. Disse que acha inadmissível a existência de tribunais raciais.

Concordo com o presidente. Os tribunais raciais são inaceitáveis porque são constitutivos desta política e não de sua má aplicação. Embora, até hoje, na maioria das leis promulgadas, a cor ou a “raça” sejam definidas por autotranscrição, em todas elas, o cidadão deve se autodeclarar “negro” ou “índio”, sob as penas da lei. Ou seja, o Estado pode julgar se houve má-fé, mentira, e pode punir. O Estado é o detentor da verdade sobre a autodefinição de cor ou “raça”. Ao contrário dos levantamentos censitários em que o indivíduo, embora obrigado a se definir de acordo com os cinco quesitos de cor: branco, preto, pardo, amarelo e indígena (não existem as opções – não quis responder ou não sabe), não está sujeito às penas da lei caso se declare preto sem o ser.

Isto não acontece no que se refere às leis de cotas raciais ou àquelas emanadas do legislativo – no estatuto da igualdade racial, nos concursos públicos em alguns estados, e para o acesso ao ensino

Tema: Educação

superior em outros – onde há reservas de vagas para negros e índios. Nestas, fica-se sujeito a um julgamento. Ao se classificar para um concurso, um indivíduo de pele clara, que tenha uma avó um bisavô negros, ao se declarar negro poderá ter sua “confissão” posta em questão e ainda ser levado às barras do tribunal.

Os tribunais raciais, como a violência física contra as mulheres, não são um epifenômeno, são, de fato, intrínsecos às relações estruturais, às políticas com base na “raça” e às relações de poder entre homens e mulheres. Se o movimento feminista obteve enorme sucesso em convencer muita gente, inclusive legisladores, de que a violência contra a mulher é inadmissível, o mesmo parece não estar ocorrendo em relação aos tribunais raciais que se multiplicam.

Dizer-se contra os tribunais raciais é dizer-se contra as políticas baseadas na “raça”, pois um e outro são constitutivos do mesmo sistema, sistema que pressupõe que os cidadãos precisam ser divididos, legalmente, em “raças” para fazer jus a direitos universais.

POR QUE SOU CONTRA AS COTAS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS?

Maria Beatriz de Carvalho Melo Lobo

Eu sou contra cotas por raça nas universidades, não só pelos motivos que normalmente se coloca: de que estamos instalando agora a diferença de raça de forma clara no Brasil.

Em todos os sistemas de cotas, ou políticas afirmativas (no trabalho, por exemplo, como a porcentagem de vagas obrigatórias para portadores de deficiência) a sociedade deve decidir se deve, ou não incentivar minorias, ou gênero, ou grupos, inclusive quais os casos em que pretende reparar injustiças sofridas por determinados grupos que forem considerados socialmente prejudicados, ou que apresentem dificuldades de competitividade por não terem acesso às mesmas oportunidades do restante da população.

Eu não defendo o sistema de cotas nas universidades porque, diferentemente do que ocorre em outras áreas, nas instituições educacionais de alto nível, no caso do Brasil, principalmente nas universidades públicas, a questão do mérito é fundamental e pressupõe, além da bagagem acadêmica necessária para responder a própria vocação do aluno, uma vez que são os mais vocacionados os que possuem mais chances de se tornarem os profissionais ou cientistas que se pretende formar nestas instituições, estabelecendo-se qual perfil de aluno é mais adequado às necessidades do país, independentemente de cor, credo, sexo, etc., A dificuldade de acesso ao ensino superior não se resolverá abrindo algumas vagas, ou cotas, ou mais algumas IES públicas e gratuitas e sim com a adoção, como faz a maioria dos países desenvolvidos, de um amplo programa de financiamento ao estudante carente, mas academicamente capaz.

No ensino superior brasileiro 52% dos alunos são oriundos dos

Tema: Educação

20% mais ricos na população, enquanto 2,7% são oriundos dos 20% mais pobres. Ou seja, nosso modelo é cruel e inexplicável!

Além disso, as universidades públicas (que ainda são as ilhas de excelência e da produção científica no Brasil e precisam se manter como o referencial de qualidade para as demais instituições nos seus campos de atuação: científico, tecnológico, educacional, cultural e artístico) precisam ser preservadas de responder por este tipo de política de inclusão social, que é de estado e não das universidades.

A inclusão social por meio da educação superior que só ocorrerá por meio de um corajoso e radical programa de melhoria de nossa educação básica (não há tempo para esperar que o sistema melhore no seu próprio compasso, pois sempre estaremos muito atrás dos países que já são bons e ainda se aprimoram quase no nosso atual ritmo) e de amplos programas de financiamento ao aluno em boas instituições públicas e privadas que não são necessariamente as instituições públicas que adotaram o modelo da universidade européia, com custos, estrutura e missão voltadas de fato muito mais à pesquisa e à pós-graduação.

Se o governo almejar de fato democratizar a formação de profissionais de nível superior os sistemas federal, estaduais e municipais precisam diversificar o modelo de ensino superior ampliando os tipos de cursos e de instituições, criando e financiando programas mais próximos das necessidades de empregabilidade, como os "community colleges" americanos que são muito mais baratos do que o nosso modelo de universidade financiado por todos nós, que somos contribuintes. Os cursos tecnológicos de nível superior são um passo ainda modesto e pouco abrangente nesta direção.

Além disso, precisamos ter coragem de cobrar de quem pode pagar e ampliar as bolsas das IES públicas aos bons estudantes que conseguiram entrar, mas não podem se manter nestes cursos por falta de recursos.

Para finalizar, as cotas só fariam sentido em minha opinião se, e

somente se, as instituições de ensino entendessem que seria preciso (para melhorar a formação do estudante) incentivar o acesso de determinados grupos com o objetivo explícito de ampliar a convivência dos alunos com os mais diferentes tipos representativos de estratos sociais, raças, credos etc, para assim complementar a visão global de formação em nível superior.

Então, neste caso, este seria um programa acadêmico (e não uma política de inclusão social) a ser acompanhado, para se verificar se alcança seu objetivo, abrindo-se mão da meritocracia pura para a amplitude de experiências do corpo acadêmico, o que é adotado em alguns países com sucesso, mas em programas muito menores e não para todo sistema.

Precisamos é melhorar o ensino básico brasileiro - que é um dos piores do mundo - e deixar de querer corrigir reais injustiças e abusos que ocorreram com os afrodescendentes (e que ainda ocorrem, infelizmente, e devem ser severamente punidos) por meio de paliativos (muitas vezes demagógicos), mas pensar em outros programas de inclusão social que os apoie. Não podemos abrir mão do mérito exigido para que as nossas universidades também melhorem sua qualidade, pois só assim os brasileiros avançarão na escala social como merecem!

PARA SABER MAIS

Atenção: aqui disponibilizamos links da internet que indicam fontes de música, vídeos, charges e textos online. Todo conteúdo pode e deve ser usado desde que citada a fonte.

Não nos responsabilizamos por alterações no conteúdo indicado ou por arquivos danificados por vírus. Antes de navegar, certifique-se que seu antivírus está atualizado.

MÚSICAS

- 1.A mão da limpeza /Autoria: Gilberto Gil e Chico Buarque /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/gilberto-gil/574045/>
- 2.Ilê Ayê /Autoria: Gilberto Gil /Letra e música disponíveis em: <http://letras.mus.br/gilberto-gil/1250019/>
- 3.Racistas Otários /Autoria: Racionais MCs /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/racionais-mcs/796245/>
- 4.Capítulo 4, Versículo 3 /Autoria: Racionais MCs /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/racionais-mcs/66643/>
- 5.Sou negrão /Autoria: Rappin Hood /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/rappin-hood/110458/>
- 6.Cálice / Paráfrase de Criolo para a música de Chico Buarque. Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/criolo-doido/1807067/>
- 7.Ao povo em forma de arte / autoria: Nei Lopes / Intérprete: Martinho da Vila. Letra e vídeo disponíveis em: <http://www.vagalume.com.br/nei-lobes/ao-povo-em-forma-de-arte.html>
- 8.Kizomba, a festa da raça /Autoria: Luiz Carlos da Vila /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/luiz-carlos-da-vila/924869/>
- 9.Identity /Autoria: Jorge Aragão /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/jorge-aragao/77012/>
- 10.Ébano /Autoria: Luiz Melodia /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/luiz-melodia/47109/>
- 11.Olhos coloridos /Autoria: Sandra de Sá /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/sandra-de-sa/74666/>
- 12.Black is Beautiful /Autoria: Marcos Valle / Intérprete: Elis Regina /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/elis-regina/88694/>
- 13.Negro é lindo /Autoria: Jorge Ben /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/jorge-ben-jor/86412/>
- 14.África Brasil (zumbi) /Autoria: Jorge Ben /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/jorge-ben-jor/86377/>
- 15.Criola /Autoria: Jorge Ben /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/jorge-ben-jor/86378/>
- 16.Mandamentos Black /Autoria: Gerson King Combo /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/gerson-king-combo/mandamentos-black/>
- 17.Negra Livre / Autor: Nando Reis / Apresentação no Luau MTV com Negra Li / Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/nando-reis/1014719/>
- 18.Mama África / Autor: Chico César / Videoclipe / Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/chico-cesar/45197/>
- 19.Respeitem meus cabelos brancos / Autor: Chico César / Videoclipe / Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/chico-cesar/134011/>
- 20.O negão do cabelo bom /Autor: Max de Castro /Letra e música disponíveis em: <http://letras.mus.br/max-de-castro/140608/>
- 21.Racismo é burrice /Autor: Gabriel O pensador /Letra e vídeo disponíveis em: <http://letras.mus.br/gabriel-pensador/137000/>

PARA SABER MAIS

SITES QUE ABORDAM A TEMÁTICA

1. Página virtual do Programa Políticas da Cor (PPCor) na Educação Brasileira criado em 2001 pelo Laboratório de Políticas Públicas (LPP) da UERJ - <http://www.politicasdacor.net/>
2. Série Ensaios e Pesquisas do PPCor http://www.lpp-buenosaires.net/olped/acoesafirmativas/colecoes_ppcor.asp?titulo=S%E9rie%20Ensaios%20e%20Pesquisas%20do%20PPCor&cod=8
3. Série Dados e Debates do PPCor - http://www.lpp-buenosaires.net/olped/acoesafirmativas/colecoes_ppcor.asp?titulo=S%E9rie%20Dados%20e%20Debates&cod=11
4. Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, sociais e Estatísticas das Relações Raciais (LAESER) da UFRJ. Disponível em: <http://www.laeser.ie.ufrj.br/>
Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorracias do CEFET-RJ. Disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=162&Itemid=161

CHARGES

1. Cartunista brasileiro Maurício Pestana: http://www.mauriciopestana.com.br/m_cartuns.php?id_cart=303
2. Pestana: <http://www.facom.ufba.br/etnomidia/humor2.html>
3. Mafalda, cartunista argentino Quino: <http://centraldastiras.blogspot.com.br/2010/10/mafalda-preconceito-racial.htm>

NOTÍCIAS

1. "Racismo nos supermercados", 3/3/2011, matéria de capa do jornal "Brasil de Fato" que traz denúncias de racismo e tortura cometidos contra consumidores negros nas três maiores redes de supermercado do país, Extra, Walmart e Carrefour. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/5825>
2. "Racismo influencia no desemprego de negros do país". Publicado no site do fórum nacional de direitos humanos, este texto é uma das conclusões da pesquisa do DIEESE. Disponível em: http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=4203&Itemid=2

CURTA-METRAGENS

1. "Branco correndo é atleta. Preto correndo é ladrão", de Maria Gal. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=C0wOIkHRevQ>

PARA SABER MAIS

TEXTOS ONLINE

1. Coleção História Geral da África, projeto editorial: UNESCO, MEC/Brasil e UFSCAR, 2010. Volume I: Metodologia e pré-história da África. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249por.pdf>
2. Coleção História Geral da África, projeto editorial da UNESCO. Volume II: África antiga. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190250por.pdf>
3. Coleção História Geral da África, projeto editorial da UNESCO. Volume III: África do século VII ao XI. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190251por.pdf>
4. Coleção História Geral da África, projeto editorial da UNESCO. Volume IV: África do século XII ao XVI. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190252por.pdf>
5. Coleção História Geral da África, projeto editorial da UNESCO. Volume V: África do século XVI ao XVIII. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190253por.pdf>
6. Coleção História Geral da África, projeto editorial da UNESCO. Volume VI: África do século XIX à década de 1880. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190254por.pdf>
7. Coleção História Geral da África, projeto editorial da UNESCO. Volume VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190255por.pdf>
8. Coleção História Geral da África, projeto editorial da UNESCO. Volume VIII: África desde 1935. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190256por.pdf>
9. Ação afirmativa e educação no Brasil: um inventário de teses e dissertações. Série Dados e debates do Laboratório de políticas públicas da UERJ. Disponível em: http://www.lpp-buenosaires.net/olped/acoesafirmativas/colecoes_ppcor_ver.asp?titulo=S%E9rie%20Dados%20e%20Debates&cod=80&tipo=11
Tese de Doutorado de Luiz Fernandes de Oliveira. Título: "História da África e dos Africanos na Escola. As perspectivas para a formação dos professores de História quando a diferença se torna obrigatoriedade curricular", defendida no Programa de pós-graduação em Educação da PUC-Rio, sob a orientação da profª Vera Candau, em abril de 2010. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610614_10_pretextual.pdf

ÍNDICE

Minibiografia dos Entrevistados

- FERNANDA BARROS DOS SANTOSNascida em Petrópolis, Fernanda mudou-se para o Rio de Janeiro com 22 anos. Identifica-se como negra, e é filha de pai negro e de mãe também negra. A madrastra é pedagoga, branca de origem alemã. Fez pré-vestibular no Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) e enquanto esperava o resultado do concurso resolveu trabalhar numa locadora de filmes. Formada em História pela UFRJ e, atualmente com 25 anos de idade, cursa o mestrado em Ciências Políticas no IFCS/UFRJ.
- DANIEL ROCHA DE SOUZA.....Nascido no Rio de Janeiro, Daniel Souza, que se auto identifica como negro, tinha 17 anos em 2011 e era aluno do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Sousa Aguiar.
- ELIETE CÁSSIA NASCIMENTO FONSECA.....Eliete Fonseca tinha 53 anos em 2011 e se autoidentifica como negra. Casada e com dois filhos, em 2003 resolveu voltar a estudar e conseguiu entrar na UERJ, no curso de História da Arte. Atualmente já está formada e é professora de História da Arte, de Modelagem e de Indumentária no SENAI-CETIQT.
- ELIZA MARIA CORREIS LEITE.....Eliza Maria Correia Leite tinha 17 anos em 2011 e era aluna do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Sousa Aguiar. Mora no centro da cidade do Rio de Janeiro. Elisa Maria se autoidentifica como branca com ascendência parda.
- AFRA HELENA DE SOUZA PRATES.....Afra Helena tinha 29 anos em 2011, e se autoidentifica como negra. Formou-se em História na UFRJ e atualmente é professora de espanhol.

ÍNDICE

Minibiografia dos Entrevistados

- GUILHERME FARIA DE CARVALHOGuilherme Carvalho tinha 17 anos em 2011, quando cursava o terceiro ano do ensino médio no Colégio Estadual Souza Aguiar. Ele se autoidentifica como negro e tem na lembrança alguns casos de racismo e discriminação que sofreu durante a infância e adolescência.
- JÚLIO VITOR COSTA DA SILVA.....Júlio da Silva tinha 28 anos em 2011. Formado em Ciências Sociais pela UFRJ, atualmente é chefe de uma equipe do projeto UPP Social no morro do Turano. Considera-se negro e começou a militância no movimento negro na universidade, quando participou da CONEI (Comunidade negra do IFCS), do Núcleo Universitário Negro Luís Gama e do Coletivo Sankofa. Em 2009 fez trabalho voluntário num projeto de intercâmbio cultural nos Estados Unidos e em Zâmbia.
- GUILHERME MARCONDES DOS SANTOS.....Guilherme Marcondes dos Santos tinha 23 anos em 2011 e estava concluindo a licenciatura em Ciências Sociais pela UFRJ. Mora com os pais em Ricardo de Albuquerque e é o primeiro universitário da família. Guilherme afirma sofrer muito preconceito por ser negro e homossexual. Atualmente é mestrando no IFCS/UFRJ.
- LÚCIO PEIXOTO DOS SANTOS.....Lúcio dos Santos tinha 55 anos em 2011 e se autoidentifica como negro. Resolveu ingressar no movimento negro na década de 1970, quando frequentava o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) e o Grupo 22 de Novembro, mesmo escondido do pai, que temia que ele se prejudicasse participando de um movimento social em plena ditadura militar. Chegou a participar das primeiras reuniões do MNU. Formou-se em engenharia industrial e ingressou no início da década de 1980 como oficial da marinha onde ficou até se aposentar.

ÍNDICE

Fonte: Entrevistas

Entrevista Guilherme F.de Carvalho.....	P.6	Entrevista Júlio Vítor C. da Silva.....	P.78
Entrevista - Júlio Vítor C. da Silva.....	P.64	Entrevista Júlio Vítor C. da Silva, Entrevista Lúcio P. dos Santos.....	P.79
Entrevista Guilherme F. de Carvalho, Entrevista Fernanda B. dos Santos.....	P.66	Entrevista Lúcio P. dos Santos.....	P.80
Entrevista Fernanda B. dos Santos, Entrevista Guilherme.....	P.67	Entrevista Eliete Cássia N. Fonseca.....	P.81
Entrevista Júlio Vítor C. da Silva.....	P.68	Entrevista Guilherme F.de Carvalho, Entrevista Afra Helena de Souza.....	P.82
Entrevista Júlio Vítor C. da Silva, Entrevista Eliete Cássia N. Fonseca.....	P.69	Entrevista Elisa, Entrevista Guilherme M. dos Santos.....	P.83
Entrevista Eliete Cássia N. Fonseca, Entrevista Fernanda B. dos Santos.....	P.70	Entrevista Fernanda B. dos Santos.....	P.84
Entrevista Guilherme M. dos Santos.....	P.71	Entrevista Fernanda B. dos Santos, Entrevista Daniel R. de Souza.....	P.85
Entrevista Fernanda B. dos Santos.....	P.72-73	Entrevista Daniel R. de Souza.....	P.86
Entrevista Afra Helena de Souza, Entrevista Guilherme F. de Carvalho.....	P.74	Entrevista Lúcio P. dos Santos.....	P.87
Entrevista Júlio Vítor C. da Silva	P.75-76		
Entrevista Guilherme M. dos Santos, Entrevista Júlio Vítor C. da Silva.....	P.77		

ÍNDICE

Fonte: Jornais Históricos

«Getulino», de 2 de setembro de 1923, "Cartas Fluminenses"	P.22
"Clarim d'Alvorada" outubro de 1931, "Editorial da Frente Negra Brasileira".....	P.37
"Progresso", 31 de julho de 1930, "Marco Glorioso".....	P.23
"Clarim d'Alvorada", 12 de agosto de 1928, "Um Gênio da Raça".....	P.24
"Getulino", 23 de agosto de 1923, "Luz e Liberdade".....	P.28
"Clarim D'Alvorada", 13 de maio de 1926, "Os Imortais".....	P.29
"Clarim D'Alvorada", 5 de junho de 1929, "Congresso da Mocidade Negra".....	P.30
"Clarim D'Alvorada", 13 de maio de 1929, "O Dia de Patrocínio".....	P.32
"Gazeta de Notícias", 14 de maio de 1888, "Treze de maio - Extinção da Escravidão" "A José do Patrocínio, a Gazeta de Notícias".....	P.34
"Getulino", 26 de agosto 1923, "Luz e Liberdade".....	P.36
"Clarim D' Alvorada", "Editorial da Frente Negra Brasileira".....	P.37
"Clarim d'Alvorada", 5 de abril de 1924, "Valor da Raça".....	P.39
"Kosmos", 19 de outubro de 1924, "Os Pretos em São Paulo".....	P.40
"Getulino", 5 de outubro de 1924, "A teoria do Preconceito".....	P.41

ÍNDICE

Fonte: Estatísticas

Composição de Cor ou Raça nos Escalões hierárquicos de comando, amostra de 24% das 5000 maiores empresas do Brasil, 2005 (em%).....	P.10	Taxa de Desemprego, Brasil, 2000,em (em %).....	P.54
Escolaridade Média por Cor, Sexo, Brasil, Sudeste e Rio de Janeiro, ano 2000,(em%).....	P.42	Taxa de Precarização do Trabalho, Brasil, 2000, em (em %).....	P.55
Escolaridade Média (anos de estudo), Sudeste, 2000.....	P.43	Taxa da Atividade da População Residente Segundo os Grupos de Cor ou Raça, 1995 e 2006 (em %).....	P.56
Escolaridade Média (anos de estudo), Rio de Janeiro, 2000.....	P.44	Taxa de Participação no Mercado de Trabalho da População Residente Segundo os Grupos de Cor ou Raça, Brasil, 1995-2006(em %).....	P.57
Taxa de Analfabetismo, por Cor, Brasil, Sudeste, Rio de Janeiro, ano2000.....	P.45	Rendimento Médio Mensal Real do Trabalho Principal da PEA ocupada Segundo os Grupos de Cor ou Raça, Brasil, 1995-2006 (emR\$).....	P.58
Faixa de Escolaridade Brasil.....	P.46	Tempo Horário Medio para a Aquisição da Ração Essencial pela PEA Residente Ocupada Separando os Grupos de Cor ou Raça, Brasil, 2006 (em horas médias de trabalhadas).....	P.59
Taxa de Escolarização Bruta, Brasil, 2000,(em %).....	P.47	Deputados Federais Eleitos para a 53 Legislatura (2007-2010) Segundo Características de Cor ou Raça Hetero-atribuída, Brasil, (em %).....	P.60
Taxa de Escolarização Líquida, Brasil, 2000, (em %).....	P.48	Senadores Eleitos para a 52 e 53 legislatura (2003-20077, 2007-2015) Segundo Características de Cor ou Raça Hetero-atribuída, Brasil, (em números).....	P.61
Taxa de Analfabetismo da População Residente com 15 anos ou mais de Idade por Grupos de Cor ou Raça, 1995 e 2006(em %)	P.49	Esperança de Vida ao Nascer da População Brasileira Segundo os Grupos de Cor ou Raça, Brasil, 1995 e 2005 (em anos de vida).....	P.62
Anos Médios de Estudo da População Residente de 15 anos ou mais segundo os Grupos de Cor ou Raça, 1995 e 2006 (em anos de estudo).....	P.50	Razão de Mortalidade da População Masculina Residente acima de 5 anos de Idade por Homicídio Segundo os Grupos de Cor ou Raça, Regiões Geográficas, Brasil, 2005 (por 100 mil habitantes)..	P.63
Escolaridade Média por Corte e Cor, Brasil.....	P.51		
Taxa Bruta de Escolaridade no Ensino Superior da População Residente Segundo Grupos de Cor ou Raça, 1995 e 2006 (em %).....	P.52		
Rendimento Médio do Trabalho Principal, Brasil, 2000, (em R\$).....	P.53		

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha & MATTOS, Hebe. "Em torno das 'Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana': uma conversa com historiadores". In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, janeiro-junho de 2008.

ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amilcar Araujo. (orgs.) Histórias do movimento negro no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC/FGV, 2007.

ANDREWS, George R. Negros e brancos em São Paulo. Bauru: EDUSC, 1998.

BITTENCOURT, Circe. "Identidades e ensino de História no Brasil". In: CARRETERO, M. (org.) Ensino de História e memória coletiva. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DOMINGUES, Petrônio José. A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Tese de doutorado em história, FFLCH-USP, 2005.

_____. "Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos." Tempo (UFF), vol. 23, 2007.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro à sociedade de classes. São Paulo: Editora Nacional, 1965.

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. 2ª edição revista. São Paulo: Global, 2007.

FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). São Paulo, Ed. FFLCH-USP, Coleção Antropologia, nº 13, 1986.

GOMES, Flávio. Negros e política (1888-1937). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. Racismo e anti-racismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

HANCHARD, Michael George. Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 - 1988). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HASENBALG, Carlos & SILVA, Nelson V. Estrutura social, mobilidade e raça. São Paulo: Vértice, 1988.

HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Texto para discussão nº 807. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

LEITE, José Correia e CUTI (Luiz Silva). ...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. Organização e textos: CUTI (Luiz Silva). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo, Ed. Selo Negro, 2004.

NOGUEIRA, Oracy. Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 4ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIXÃO, Marcelo; ROSSETO, Irene; MONTOVANELE, Fabiana; CARVANO, Luiz (Orgs.). Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2009-2010. Rio de Janeiro: LAESER/Garamond, 2011.

PEREIRA, Amauri Mendes. Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

CRÉDITOS FINAIS

Ensinando e Aprendendo História e Cultura Afro- Brasileiras:

HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa; PEREIRA, Amilcar A.; SILVA, NICODEMOS, A (ORGS.)

O Layout deste trabalho foi desenvolvido por João Raphael Ramos dos Santos, utilizando os programas CorelDRAW X5 e Photoshop Cs5.

Todas as imagens aqui apresentadas são do pintor e artista sul-africano Angu Walters, ao qual agradecemos com todo o carinho, pela autorização da utilização de sua obra. As abas das páginas são composições criadas por João Raphael Ramos dos Santos a partir dessas imagens.

As pinturas de Angu Walters podem ser encontradas em diversos museus pelo mundo, como o Museu do Brooklyn em Nova York, nos Estados Unidos, e podem ser vistas através deste site:

<http://www.artcameroon.com/african-paintings-for-sale-in-las-vegas/>

A venda deste material é proibida e ele deverá ser usado estritamente com objetivos educacionais, sempre privilegiando a discussão e a troca de conhecimentos em salas de aula ou instituições.